



MUNICÍPIO  
DE  
**Espinho**

# *Manuel Laranjeira*

REVISTA DAS  
ACTIVIDADES DO  
**PROGRAMA**  
DAS COMEMORAÇÕES  
DO 80º ANIVERSÁRIO  
DA SUA MORTE

COMEMORAÇÕES MANUEL LARANJEIRA  
1877 - 1912



Av. da Graciosa e Passerelle (rua 8). C.1912



BIBLIOTECA MUNICIPAL  
DE ESPINHO

N.º 10662

1994.07.106

# Manuel Laranjeira



**REVISTA DAS  
ACTIVIDADES DO  
PROGRAMA  
DAS COMEMORAÇÕES  
DO 80º ANIVERSÁRIO  
DA SUA MORTE**



**Câmara Municipal de Espinho  
Espinho 1994**

## *Ficha Técnica*

**Textos:** *Diversos documentos produzidos no âmbito das comemorações*

**Paginação e Revisão:** *Beatriz Fernandes e Orlando Macedo*

**Concepção e Maquetagem:** *Orlando Macedo*

**Capa:** *Orlando Macedo*

**Composição e Impressão:** *REBELO, Artes Gráficas*

**Dep. Legal:** *78773/94*

**Tiragem:** *1000 Exemplares*

# Sumário

Prefácio .....	Pág. 7
Folheto de Informação massiva .....	Pág. 9
Programa do Sarau Cultural .....	Pág. 13
Do Diário Íntimo ao Mito de D. Juan <i>por Maria Clara L. Campos</i> .....	Pág. 15
Manuel Laranjeira: Um Eu Conflitual <i>por Nuno Júdice</i> .....	Pág. 31
Cartaz Comemorativo do 25 de Abril de 1992 .....	Pág. 40
FAC-SIMILES das «Gazetas de Espinho» .....	Pág. 41
Apresentação da «Fotobiografia de Manuel Laranjeira» da autoria de <i>Orlando Silva</i> .....	Pág. 44
Texto de apresentação da Fotobiografia de Manuel Laranjeira <i>por Orlando Silva</i> .....	Pág. 45
Espinho no tempo de Manuel Laranjeira - Exposição fotográfica (algumas fotografias) .....	Pág. 47
Fotobiografia de um visionário <i>por Rodrigues da Silva (crítica literária)</i> .....	Pág. 50
Manuel Laranjeira e a Crise da Razão no Princípio do Século <i>por António Reis</i> .....	Pág. 51
Exposição Bibliográfica (Cartaz, Catálogo e algumas fotografias) .....	Pág. 61
Laranjeira na Carteira <i>por Rodrigues da Silva</i> - Coleção de carteiras de fósforos .....	Pág. 68
Manuel Laranjeira e o Sentimento Decadentista na Passagem do Século <i>por Eugénio Montoito</i> .....	Pág. 70
Fotografia do busto e cartaz comemorativo do dia da cidade (16 de Junho de 1992) .....	Pág. 104
Nota de Redacção <i>por Orlando Macedo</i> .....	Pág. 105
Discurso proferido pela Presidente da Comissão Executiva das Comemorações <i>Vereadora Elsa Tavares</i> .....	Pág. 106
Fotografias de três Edições. Contos e Poesias premiados e recomendados e revista das Actividades das Comemorações .....	Pág. 108

## Prefácio

O Município de Espinho, durante o ano de 1992 levou a

efeito um vasto programa de homenagem ao Dr. Manuel Laranjeira, médico, escritor, poeta, filósofo e político, figura multifacetada, contemporâneo e amigo de Amadeu Souza Cardoso, António Carneiro, Miguel de Unamuno, João de Barros, Teixeira de Pascoaes, entre tantos outros.

Laranjeira nasceu em 1877 a 17 de Agosto, no lugar da Vergada, freguesia de S. Martinho de Mozelos, concelho da Feira e suicidou-se em Espinho, em 22 de Fevereiro de 1912. Formou-se em medicina, na Escola Médico-Cirúrgica do Porto em 1907 e exerceu clínica na cidade de Espinho onde residia desde muito novo, tendo sido Médico Municipal. Em 3 de Agosto de 1911 foi nomeado Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Espinho, cargo que exerceu por pouco tempo, devido ao agravamento da doença de que padecia.

Em poucos anos de vida, Manuel Laranjeira deixa uma significativa obra escrita nas áreas do Teatro, Poesia, Epistolografia, abordando temas tão variados, como a Literatura, Crítica Literária, Arte, Estética,

Filosofia e Política. Foi ainda articulista de jornais, como "O Norte", "Jornal de Notícias", "A Voz Pública", "O Teatro Português", "Revista Musical", "O Porto Médico" e a "Ilustração Transmontana".

As Comemorações do 80º Aniversário da sua morte, revestiram-se de diversas actividades das quais destacamos: Sarau Cultural, Edições, Conferências, Exposições e na Pracetca com o seu nome, foi erigido um busto, da autoria do Escultor Manuel Dias que enriquece hoje o Património Artístico desta cidade. No âmbito das Comemorações foi instituído o Prémio Literário Manuel Laranjeira, nas modalidades de Conto e Poesia. De acordo com o Regulamento o Município editou em 2 vols: os Contos e os Poemas premiados, assim como os recomendados para publicação, pelos Juris do concurso.

Esta edição que temos o prazer de vos oferecer, pretende ser a **memória** escrita e ilustrada das diversas iniciativas, levadas a efeito durante as Comemorações.

Julgamos, ao optarmos pela presente publicação ter escolhido a melhor maneira de fazer perdurar no

tempo a homenagem a Manuel Laranjeira. Não podíamos esquecer, que os livros, os jornais, os escritores, os artistas, os cientistas, foram os companheiros do nosso homenageado na sua breve passagem por este mundo. A escrita foi a **arma**, utilizada por Laranjeira com mestria e sensibilidade, para expressar a força do seu sentir, as suas ângustias e anseios, a sua insatisfação, a sua lucidez aguda sobre a época conturbada em que viveu e também, a sua forma inconstante e sofrida de viver o amor.

*P/la Comissão Executiva  
A Vereadora  
Elsa Tavares*





## *Manuel Laranjeira*

80º Aniversário da sua Morte

1912 - 1992

Município de Espinho

O conjunto das iniciativas integradas no programa das Comemorações do 80º Aniversário da Morte de Manuel Laranjeira, resultou da iniciativa do Município, pela intervenção dos seus órgãos autárquicos.

As Assembleia e Câmara Municipal, desde a primeira hora que insuflaram ânimo e força institucional à ideia, acordando a nomeação de uma Comissão de Honra e de outra Executiva, esta liderada pela Vereadora Elsa Tavares.

A 10 de Fevereiro de 1992, em Conferência de Imprensa realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal, o Programa das Comemorações era sinteticamente apresentado à Comunicação Social.

### O autor

Manuel Fernandes Laranjeira nasceu a 17 de Agosto de 1877 em Vergada, freguesia de Mozelos do Concelho de Santa Maria da Feira.

Era filho de Domingos Fernandes da Silva e de Maria Francisca Laranjeira. Após, a escola primária, efectuou estudos secundários em três anos e em 1898 matriculou-se na Escola Médica-Cirúrgica do Porto, onde concluiu o Curso com a Tese "A Doença da Santidade - Ensaio psicopatológico sobre o misticismo de forma religiosa", o que lhe daria o título de Doutor em Medicina com 19 valores.

Fixou-se em Espinho onde abriu consultório ao mesmo tempo que prosseguiu a sua actividade como periodista nos jornais do Porto.

Frequentou em Espinho e no Porto as tertúlias de intelectuais, tendo convivido com alguns dos artistas mais notáveis da sua geração e do seu tempo, como Amadeo de Souza Cardoso, Teixeira de Pascoais, António Patrício, António Carneiro, João de Deus Ramos, João de Barros e o filósofo espanhol Miguel de Unamuno, com os quais manteve interessante correspondência.

Seguidor da República e preocupado com a divulgação das ideias políticas, sociais e científicas modernas, profere conferências no Porto e em Espinho, a última das quais, no Teatro Aliança, versando o tema "a protecção da vila contra as investidas do mar".

Entretanto ia escrevendo poesia, teatro e um diário íntimo postumamente publicado.

Nas suas "Cartas" e no seu "Diário" mostra-se Manuel Laranjeira como um homem céptico, fechado em si mesmo, descrente da possibilidade de melhoria da mentalidade portuguesa. O cepticismo e o tédio vão minando, pouco a pouco, o seu pensamento.

Em 1911 é eleito Presidente da Comissão Municipal Administrativa de Espinho, cargo desempenhado por pouco tempo devido à progressão da sua doença.

Em Fevereiro de 1912, o agravamento da doença ajuda a fenececer o seu ânimo que o leva ao suicídio.

### A obra

Manuel Laranjeira interessou-se por estudos sobre diversos ramos da Ciência, sobretudo da Biologia e escreveu com alguma regularidade em vários jornais e revistas sobre assuntos variados desde a Literatura ao Teatro, da Arte à Filosofia, da Estética à Pedagogia e à Política.

O seu primeiro trabalho de índole científica apareceu nas páginas de "O Porto Médico", com o título "Nirvana - interpretação psicológica de um dogma". Pouco depois, em 1907 saíu a público a sua dissertação de licenciatura "A Doença da Santidade - ensaio psicopatológico sobre misticismo de forma religiosa".

**10** de Fevereiro de 1992. A Comissão Executiva mostrava o primeiro objecto literário produzido no âmbito das Comemorações (folheto informativo idealizado por Azevedo Brandão, com arranjo gráfico de Fernando Maia).

No que se refere à sua actividade literária e pedagógica publica em 1902 o prólogo dramático "Amanhã", representado dois anos mais tarde em Lisboa pelo "Teatro Livre" e que tem sido considerado a melhor obra teatral da escola naturalista. Para o teatro escreveu ainda a peça "Às Feras", representada também pelo "Teatro Livre" em 1905, a farsa em um acto "Nàquele Engano d'Alma" igualmente representada e a peça inacabada "Almas Românticas".

Em 1909 publica o opúsculo "A Cartilha Maternal e a Fisiologia" que, na época, teve alguma ressonância.

No domínio da poesia escreveu e publicou em 1912 um único livro "Commigo" (versos dum solitário).

Além destes trabalhos Manuel Laranjeira escreveu numerosos artigos de carácter literário, social e político, em jornais e revistas do Porto, alguns deles reunidos em volume e publicados após a sua morte.

Assim postumamente apareceram "Cartas", 1943; "Pessimismo Nacional", 1955; "Diário Íntimo", 1957; e "Prosas Perdidas", 1955.

### Comissão de Honra

Representantes de: Secretaria de Estado da Cultura • Ministério da Educação • Instituto da Juventude • Fundação Calouste Gulbenkian • Instituto Português do Livro e da Leitura • Instituto Português do Património Cultural • Instituto Português de Arquivos • Associação Comercial • Governo Civil.

Presidente da Assembleia Municipal • Presidente da C. M. Espinho • Sr. Vereador Artur Bártole • Viale Moutinho, Escritor • Mário Cláudio, Escritor • Dr. Edgar Carneiro • Prof. Dr. Óscar Lopes • Prof. Dr. Eduardo Soveral • Dr. Eugénio Montoito • Dr. Flávio Laranjeira • Dr.ª Cristina Laranjeira Rocha.

### Comissão Executiva

Vereadora da Cultura D.ª Elsa Tavares • Dr. Carlos Gaio, vogal da Assembleia Municipal • Dr. Jorge Alves, vogal da Assembleia Municipal • Dr. José Vieira, vogal da Assembleia Municipal • Dr.ª Saudade Teixeira Lopes, vogal da Assembleia Municipal • Dr. António Regedor • Dr.ª Beatriz Fernandes • Prof.ª Idalina Sousa • Dr. Jorge Salvador • Dr. António Santos, em representação da Escola Profissional de Música de Espinho • Dr. António Cavacas, em representação da Cooperativa de Acção Cultural Nascente • Dr. Azevedo Brandão • Prof.ª Delmary Neves, em representação da Academia de Música de Espinho • Escultor Bernardino Lopes • Pintor Mário Bismarck.

**A** grandeza e complexidade da obra, requereu o patrocínio, o esforço e a vontade de muitas instituições e personalidades.

## Actividades que integram as Comemorações

### Actos públicos

Sarau cultural

Conferências diversas versando vários aspectos sobre Manuel Laranjeira, a sua obra e época.

### Edições

Fotobiografia

Textos políticos e sociais

Compilação de textos inéditos

Fac-símile da Gazeta de Espinho do dia 24 de Fevereiro de 1912

Folheto de divulgação massiva sobre o autor e a obra

Colecção de 12 postais sobre Manuel Laranjeira e ambiências da época

Colecção de carteiras de fósforos com caricaturas e desenhos

### Exposições

Fotografia

Bibliográfica e iconográfica

Amadeo de Souza Cardoso

### Concursos

Prémio literário Dr. Manuel Laranjeira

Concurso de cartazes

Prémio de caricatura

### Monumentos

Obra escultórica - busto de Manuel Laranjeira

**A**o longo de mais de um ano, as actividades relativas às Comemorações multiplicaram-se, em variadas iniciativas.

O nível e a qualidade das participações e das adesões registadas, contribuíram para consolidar o valor de uma iniciativa sem precedentes no Município.

# Manuel Laranjeira

## *Sarau Cultural*

Casino Solverde, 22 de Fevereiro de 1992



Município de Espinho

**C**om a realização do Sarau Cultural, em 22 de Fevereiro no Casino Solverde, as Comemorações ganharam desde logo um brilho que não mais esmoreceu.

Colaboração: Academia de Música de Espinho, Cooperativa Nascente, Escolas de Bailado Adriana Domingues e Giselle e Escola Profissional de Música de Espinho

## O Folheto

### Programa

#### "Commigo"

Poesia por Joaquim Castro Caldas

#### Intervenções de abertura

D. Elsa Tavares - Vereadora da Câmara Municipal de Espinho

Dr. Carlos Galo - Vogal da Assembleia Municipal

#### "O Pessimismo Nacional"

Teatro Popular de Espinho - T.P.E.

#### Espinho ao Tempo de Manuel Laranjeira

#### A Dança do Fogo

Pela Escola de Bailado Giselle de Conchita Ramirez

#### Beethoven - 1º andamento da Sonata ao Luar

ao piano Fausto Neves

#### "No virar do século"

T.P.E.

Dia brumoso e gris. Uma luz espessa, húmida, suja, parda como lama. Há uma tristeza tediosa que se exala do céu e da terra e se infiltra nas coisas e na alma. A terra, as nuvens parecem uma grande esponja cor de cinza, embebida em lama, em luz viscosa, em tristeza, e sobretudo em aborrecimento. Escusado será dizer que são estes os dias mais felizes para mim... os meus dias de melhor tédio.

Quarta, 13 de Janeiro 1909  
Manuel Laranjeira

### Intervalo

"A Crise Nacional" - Anotações de Guerra Junqueiro  
T.P.E.

Evocação de Amadeo de Souza Cardoso

Picadilly

Pela Escola de Bailado Arlinda Domingues

As Feras

Excerto do peça de Manuel Laranjeira, pelo T.P.E.

... e ouvia as arcadas de Pablo Casals

J. Klengel - Canção sem palavras  
Gavote

Quarteto de Violoncelos  
Hermano Gomes  
Raquel Alves  
Carmen Leonor Silva  
Ana Cristina Moreira

Manuel Laranjeira - Considerações sobre ele mesmo  
por Joaquim Castro Caldas

Castro Caldas lerá airda, durante o espectáculo,  
vários excertos da obra de Manuel Laranjeira.



Espinho: transição do século.

O café chinês ou o Casino: lugares onde se revelam pensamentos e desvendam sentimentos.

Façamos pois uma viagem ao passado, que temos muito e bem quem nos guie: os escritos, a musica, fotos, desenhos e ( porque não ? ) aromas e sabores.

Assim: lbe sugerimos hoje, algumas das bebidas da época em que viveu MANUEL LARANJEIRA.

- Capde.....	115.00
- Mazagan.....	150.00
- Moscatel de Favaios.....	200.00
- Poche.....	200.00
- Champagne.....	2 100.00
- Limonada.....	150.00

Estas bebidas serão servidas no bar, antes do início do espectáculo e durante o intervalo.

**CICLO DE CONFERÊNCIAS**

**DO DIÁRIO ÍNTIMO  
AO MITO DO D. JUAN**

Pela Dr<sup>a</sup> Maria Clara Lourenço Campos



*1<sup>a</sup> Conferência - Espinho, 28 de Março de 1992*

## *Do «Diário Íntimo» ao Mito de D. Juan*

**E**m primeiro lugar gostaria de manifestar o meu agradecimento à Câmara Municipal de Espinho pela honra de poder participar nas Comemorações em torno do 80º Aniversário da morte de Manuel Laranjeira.

Não posso também deixar de realçar a importância de que se reveste este conjunto de iniciativas que traz até nós e faz reviver a vida e a obra dessa criatura singular, figura cimeira da cultura portuguesa do fim do século, que foi o Dr. Manuel Laranjeira.

É de extrema importância e pertinência a actual homenagem ao intelectual tão injustamente esquecido e incompreendido por alguns críticos.

Sobre ele e a sua obra escreveram-se as mais controversas opiniões. Todas elas tiveram um ponto comum: o tom apaixonado e exaltado com que se aproximaram dos textos e do homem.

Parece-nos que só um ser não medíocre, de excepção, pode despertar sentimentos tão fortes. Porque no espaço dialéctico da vida e da obra encontramos não só marcas do seu tempo mas também e sobretudo marcas de modernidade e de génio é que nos propusemos estudar a obra do escritor que hoje aqui recordamos.

Os axímeros dialécticos: “*viver a morte*” e “*morrer a vida*” que perpassam na sua escrita parecem-nos ser o dizer da ambiguidade de uma personalidade bifacetada: a do homem público fraternal, solidário, lutador, pedagogo, activista, orgulhoso, o entusiasta dos textos dramáticos **Amanhan** e **Às Feras**, dos artigos para a imprensa, dos ensaios, e a do homem privado que se auto-deprecia, solitário, sedento de Ideal, entediado, descrente, insatisfeito, que se diz incapaz de amar, egotista e contemplativo das **Cartas**, de **Commigo** e do **Diário Íntimo**.

Ora, essa personalidade bifacetada não tem dois rostos que alternadamente se mostram ou se contemplam, nem na vida nem na obra. Ela está representada na imagem que o autor elabora de si próprio: *um Don Quijote de braços cruzados*.

Hamlet, de quem diz: *sei-o de cor, como de cor me sei a mim mesmo*, e Fausto, reunindo duas

maneiras de mesma dificuldade de ser, uma voltada para o mundo e o tempo e outra mergulhada no seu próprio mistério são partes do todo do drama vida-obra de Laranjeira.

O espaço mítico da obra onde pairavam Fausto e Hamlet completa-se com a presença e a sombra de Don Juan, símbolo da sede de infinito na voluptuosidade.

Falando de si, Laranjeira compara-se com Hamlet e com Fausto mas nunca com Don Juan.

Nós iremos fazê-lo pois parece-nos que na sua obra coexistem essas três grandes figuras trágicas da tradição cultural do ocidente.

O **Diário Íntimo**, enquanto procura mítica do eu, inscreve-se privilegiadamente no espaço e no tempo míticos e é neste texto que acompanharemos a errância do seu sujeito, comparável, quanto a nós, à deambulação de Don Juan.

O Diário é escrito de 1 de Maio de 1908 a 24 de Março de 1909, tempo cronológico bem curto, onde se multiplicam instantes, fragmentos, peregrinações circulares, onde o movimento dentro/fora e fora/dentro sempre, obsessivamente, desemboca na procura de um sentido, apenas possível no interior do sujeito procurante. Essas curtas “viagens” são momentos fugazes e efémeros de ligação ao mundo e a uma vida constantemente apelidade de *parda e ordinária*.

Elas apenas lhe permitem sentir quão longe está de tudo e de todos e como a busca de si próprio só pode ser conseguida consigo:

*O homem mais forte é o que é mais só.*

*Na alma alvoreja-me uma esperança de que poderei um dia libertar-me de todos os homens e ficar só comigo.* <sup>(2)</sup>

A solidão e a marginalidade várias vezes repetidas nas páginas do Diário são assumidas como um direito à diferença, como a expressão do desprezo pelos outros, pela amargura da descrença em tudo e em todos, pela negação de qualquer relação afectiva:

*Amigos meus - só eu. Conceder que os outros o sejam é abdicar estupidamente de mim.* <sup>(3)</sup>

- O exterior e a exterioridade das coisas e dos seres não são mais que motivos, pretextos, para - melhor se auto-analisar e confirmar a intuição da diferença e do distanciamento orgulhoso e amargo em relação aos outros:

*Para mim o público é a esfinge com orelhas de burro e a celebridade - um manjar das vaidades triviais. Tolerar o público - seria colocar-me abaixo de mim mesmo, abaixo do que eu penso de mim mesmo.* <sup>(4)</sup>

A incomunicabilidade e a consciência de que: *tudo passa. Tudo esquece* são outros factores que justificam a necessidade de, na e com a escrita do Diário, se lembrar de si, escapar à inércia e ao tédio, viver os breves instantes, fragmentos de um tempo que só pode fixar e possuir pela palavra.

Este texto é simultaneamente o acto desesperado de se apossar de si, da vida e do tempo e de enfrentar a morte adivinhada. É também e ainda a tentativa frustrada de um curto percurso de auto-conhecimento e de identificação.

A escrita de um ano fecha-se com o silêncio que anuncia o suicídio, consumado três anos mais tarde.

São estas as últimas palavras do Diário:

*E naturalmente aborrecido pergunto a mim mesmo porque é que os que morrem se preocupam tanto com a dor que causarão aos que ficam. Em suma: o melhor é partir desiludido sem saudades!*<sup>(5)</sup>

Assim, a procura de si e de uma temporalidade outra que a memória e a escrita poderiam possibilitar aborta com a consciência de que só lhe resta o *mistério do seu aborrecimento infinito*.

Escrita de si para si, o Diário não prevê um outro, rejeita-o mesmo e fecha-se como espaço e tempo de dupla ausência: a do sentido da vida e a da vida realmente vivida.

A procura mítica do eu, umas vezes elevado à categoria de ser superior: *Às vezes lamento-*

*me de não ter nascido estúpido / e outras, espelho de um monstro de orgulho e impiedade: Hoje pouco me faltou para insultar a Augusta / de facto creio que a estava ferindo no coração...só para saber se ela tinha coração.* O meu eterno egoísmo feito de crueldade <sup>(7)</sup>, é elemento fundamental do mito donjuanesco do fim-de-século.

E, no **Diário Íntimo**, o narrador - personagem - actor apresenta-se-nos como o Don Juan que o Romantismo e o final do século reinvestiram de novos símbolos, mesclado com a imagem do primeiro Don Juan, o de Tirso de Molina.

Byron, Flaubert, Baudelaire, identificam-se com o novo Don Juan dominado pelo tédio, pelo cansaço e pela melancolia, que combate a fuga do tempo através do prazer momentâneo proporcionado pela posse da mulher. Laranjeira é tudo isso e algo mais, porque não se sente no seu tempo nem do seu tempo, dizendo que deveria ter nascido dois séculos mais cedo ou mais tarde.

Ora, o passado e o futuro em que diz que deveria ter vivido ou a viver, são expressões de comportamentos contraditórios na vivência do presente, em relação às mulheres, ao amor e à morte.

No **Diário Íntimo**, a mulher não é apenas o objecto momentâneo do desejo e do prazer do primeiro Don Juan. É também a “mujer frágil” <sup>(8)</sup>, a mãe semanticamente investida das conotações de Vida e Morte, a dor funda da “ausência” do Don Juan moderno. É de toda essa galeria de mulheres que nos vamos agora ocupar para analisar as relações de Laranjeira com o grupo feminino, consigo mesmo, com o Tempo e a Morte. Ele é o centro à roda do qual gravitam as duas dezenas de mulheres que nos fazem pensar nas mil e tantas pelas quais passou o primeiro Don Juan. Como este, revoltado contra a sociedade, marginal e marginalizada, desprezando tudo e todos, nunca casou e sempre se dirigiu de forma injuriosa ao casamento. Viveu de um modo que a mentalidade da época considerava profundamente imoral. Estava, assim, avançado e desencontrado no tempo. Só que, ao contrário do amoral Don Juan, defende

a prática da virtude cristã e condena cruelmente os outros, sobretudo as mulheres, contraditoriamente.

Profundamente conservador e misógeno, contraditório nos comportamentos e juízos morais que estão subjacentes na sua escrita, apresenta-se-nos como o naufrago que, não encontrando o porto, se vai agarrando aos objectos que momentaneamente lhe dão a ilusão de ainda se poder sentir vivo. As mulheres que passam no **Diário Íntimo**, à excepção das prostitutas, da “morta”, da tuberculosa e de Augusta, ou são meros objectos que proporcionam o prazer momentâneo e uma vez possuídas são esquecidas ou cruelmente depreciadas, ou são seres que apenas procuram na vida a satisfação sexual: *Essa noiva que aí vai, dir-se-ia que está apaixonada por mim. Aquilo não é apenas curiosidade. É mais, é a fome vaga e sensual do homem.*

*A luz negra e ardente daqueles olhos negros e ardentes bate-me nas costas e eu sinto pesar-me nas costas esse negrume horrível e sujo.* <sup>(9)</sup>

Poderíamos citar mais exemplos de apreciações cínicas acerca das mulheres mas preferimos determo-nos um pouco para analisar a imagem feminina citada.

A mulher aparece neste, como em quase todos os momentos do Diário que dela fala, simultaneamente como o objecto de prazer e como mulher fatal, criminosa, insaciável, que apenas vive para o desejo do sexo, o ser maldito para quem o homem é presa fácil, que tudo suja, verdadeiro retrato de podridão. Há nesta imagem uma concepção fatalista da relação homem-mulher: o homem precisa dela para o prazer e o esquecimento que ela proporciona, mas acaba por ser vítima desse prazer e do desejo. Ao mesmo tempo, essa imagem decadente do feminino devolve-nos uma outra imagem: a do homem angustiado perante a sexualidade, do medo da evidência da incompletude, a do homem sexualmente angustiado, infantilizado, talvez porque não se tenha libertado do fantasma do pecado original.

Laranjeira, fugazmente, nas suas páginas íntimas, insurge-se contra a maneira de sentir

e de viver a sexualidade: “e quando é que hei-de eu conseguir dominar esta carne indisciplinada e ser espírito apenas espírito?”<sup>(10)</sup>

Weininger, um misógeno do fim-de-século, reconhece que: *La haine contre la femme est toujours une haine non surmontée contre sa propre sexualité.*<sup>(11)</sup> E, a propósito, destacamos do Diário um excerto em que o desprezo manifestado pela mulher pode ser bem esclarecedor dos fantasmas misógenos de Laranjeira: *A ironia de uma mulher entristece-me.*

*Primeiro, porque é insípida, segundo porque é invejosa, terceiro porque não é inteligente, quarto porque significa um ódio - feminino, é claro - à vida, que não esteve para a aturar, quinto porque é ódio da sensualidade insatisfeita, sexto, porque é ódio das solteironas que no fundo só amam certa espécie de cães, que sabem substituir homens.*<sup>(12)</sup>

À semelhança de Strindberg, um dos seus Mestres, a mulher é retratada como um ser inferior. Serve para ser usada, coleccionada, lembrada apenas para acentuar e reafirmar ao homem a sua superioridade e a sua individualidade.

O Don Juan de Tirso de Molina era esse tipo de sedutor cínico que com tanta veemência Laranjeira quer mostrar ser.

No entanto, nas páginas do Diário, há um outro EU que sofre com a ausência e a presença de outras mulheres. Este já não é Don Juan? Cremos que sim, mas o Don Juan finissecular, investido de uma coloração mais profunda, metafísica, o Don Juan errante nos corpos e no tempo, em permanente convívio com a Morte.

As outras mulheres que são mencionadas no Diário: as prostitutas, a tuberculosa e a “mística suicida” parecem-nos pertencer a outro tipo de mulher que, segundo Hinterhauser<sup>(13)</sup>, é, na Literatura de fim-de-semana, a assimilação da mulher pré-rafaelita. Estamos a falar da “femme fragile” de D’Annunzio e Valle Inclán, disposta ao sacrifício, ao sofrimento, à renúncia, a mulher santificada, mística.

Ora, no Diário, as prostitutas, a tuberculosa e a morta surgem como seres humanos

autênticos, que, pelo sofrimento, se elevaram acima da devassidão e da inferioridade de todas as outras mulheres.

Laranjeira fala destes seres que o destino desfavoreceu com um carinho e uma saudade que contrastam significativamente com o tom cruel do tratamento dado às outras mulheres.

Das prostitutas diz:

*Vou inspeccionar as prostitutas. Como estas misérias da vida, como estas tragédias banais e quotidianas me arrepiam os nervos! Encontro a D... já fui amado por esta prostituta de quem fui amante por piedade, por esmola. Amado por uma mulher da vida... Que grandioso e reles isso foi.*

*“A morta”, várias vezes referida, é por ele apelidada de “extraordinária suicida”.<sup>(15)</sup>*

Finalmente, a tuberculosa é outra das mulheres por quem evidencia um sentimento de ternura e respeito:

*Vem hoje consultar-me uma rapariga do povo, criatura fina, delicada, com uma certa fidalguia de inteligência e sobretudo de coração. Está tuberculosa, perdida.*

*Não queria morrer...*

*E pôs-se a chorar. Penso em “alguém”... E sofro, sofro, porque não posso chorar também.<sup>(16)</sup>*

É curioso verificar que o que dá unidade e um lugar de excepção a estas mulheres é a sombra da morte que paira sobre todas. É a morte que as sublima, talvez com as quais se identifica e nelas se projecta.

No fundo, elas devolvem-lhe a sua própria imagem, a do indivíduo marcado também pelo estigma da morte. São seres, como ele, marcados pela agonia e pela contingência.

A sombra da morte, sempre presente no **Diário Íntimo** e de que mais adiante nos ocuparemos, parece ser o elemento unificador dos únicos seres capazes de amar. Laranjeira, que se diz, incapacitado para o amor (como Don Juan) e não acreditar nele, acredita ter sido amado por estas mulheres.

Daqui decorre a ambiguidade do sentido da palavra Amor e também a ambiguidade de duas figuras femininas que quisémos tratar separadamente pela complexidade que nos oferecem.

Estamos a pensar na Mãe e em Augusta, a mulher mais frequente no Diário.

Das cerca de vinte mulheres que na obra desfilam, a maior parte representa o conceito do amor entendido apenas como relação fugaz que sacia o apetite sexual. A morta, as prostitutas e a tuberculosa representam outro tipo de amor, um amor místico porque sacralizado pelo sofrimento e pela expiação. Todas são marcadas pela incompletude e pela ausência. As duas “variantes” de Mulher e de Amor a que acabámos de nos referir estão, assim, marcadas por duas presenças/ausências: a Vida e a Morte.

Ora, a personagem que reintegra este par não antagónico, mas uno, porque não pode existir indissociado, é a Mãe. A mãe que deu vida a Laranjeira é também a mãe que ao dar-lhe vida lhe deu a morte. Estamos a referir o facto de que a sífilis de que sofria lhe foi transmitida no útero materno.

É este ser que Laranjeira realmente ama e por quem sabe ser amado, com um amor sublime, porque comporta a comunhão e o conhecimento mais profundo do outro. É a mãe a única criatura com quem se sente menos só, porque ela o conhece como ninguém e o ama cegamente.

*A pobre velha que tem duas religiões, a de Deus e a minha, que é fanática pelo Senhor e por mim, não me pode ouvir dizer que devia ir agora para Paris.* (Escreve em carta a Amadeo de Souza Cardoso).

É a única mulher que nunca deixa só:

*Se não fosse minha mãe teria me metido no comboio e desaparecia daqui. Para longe! Onde ninguém soubesse de mim!* <sup>(17)</sup>

Em carta a António Carneiro, falando na “maravilhosa” sensibilidade da mãe, comenta:

*Ela veio revelar-me que todas as minhas tempestades íntimas, a que eu supunha alheia por completo minha família, eram intuitivamente adivinhadas por essa criatura silenciosa.*

Até no momento que precede o suicídio, tem o cuidado de não a deixar só. Deixa-lhe este bilhete:

*Mãe - é um desejo esquisito este meu:*

*Plante uma roseira sobre a minha sepultura. Depois, quando me quiser falar, vá lá beber o perfume das rosa: que esse perfume é a minha alma.*

É a única mulher que não abandona, talvez porque não é a Mulher fisicamente possuída, não é a mulher real, porque essa, ele recebe e exclui.

É interessante verificar que esta figura tão importante no mundo afectivo de Laranjeira, quase está ausente do **Diário Íntimo**. Porquê? Talvez porque seja a única pessoa que não lhe levanta dúvidas nem qualquer tipo de descrença, e o Diário é sempre a procura de si através das suas relações consigo e com os outros, sobretudo com as mulheres, na ânsia de combater e vencer uma aparente incapacidade de amar:

*Serei eu como aquelas criaturas que, sabendo-se desamadas, odeiam aqueles a quem amam? Estarei eu afinal a amar a vida com o ódio dos desiludidos? Talvez, talvez...<sup>(18)</sup>*

No entanto, o facto de a mãe ser raramente mencionada nas páginas íntimas, não contraria a ideia de que ela é, efectivamente, a configuração do amor e da capacidade de amar.

Implicitamente, a sua presença impõe-se e infiltra-se na relação com Augusta, a mulher que nos parece a mais real e que é a mais constante no Diário Íntimo.

Este mulher de quem Laranjeira fala em termos sempre contraditórios terá sido amada, odiada, desprezada - tudo isto ou algo mais? Abandonada sabemos que foi, como todas as outras. Mas o abandono só ocorre depois de várias experimentações a que Laranjeira a sujeita, percurso do qual não se excluem as experimentações de si e a transfiguração impossível de uma mulher real uma mulher imaginada onde o sema da maternidade aparece, obsessivamente.

Esse ser, com quem Laranjeira partilha grande parte do seu tempo, é espiado e experimen-

tado constantemente para que ele se experimente, se sinta e se encontre, umas vezes de forma cruel, outras com remorsos pelo sofrimento que provoca:

*Tinha os olhos de quem passava horas a chorar. Apiedei-me. Revoltei-me: indignei-me. Tive uma crise de arrependimento. Porque há-de essa criatura ligar-se a mim, ela que não tem culpa nenhuma de eu ter nascido deste modo?* <sup>(19)</sup>

Inicialmente, parece ser ela a solução para o tédio que o destrói: *Levanto-me decidido a encontrar seja onde for remédio para este tédio de morte.*

*A Augusta...*

*É essa pobre alma carinhosa, que não sabe o mistério do meu aborrecimento infinito, o meu único refúgio.* <sup>(20)</sup>

Mas, à medida que o tempo passa, acentua-se cada vez mais a convicção de que a solução e a salvação pessoais não estão nesta mulher:

*Às vezes sinto em mim a rebelião de quem se vê amarrado a uma ilusão, a uma mentira. Passo a noite com a Augusta. Noite terrível. Sinto na alma um cansaço enorme e o espírito sinto-o velho, demolido. Ela não compreende e supõe-me com o espírito abraçado no cadáver da suicida... Se ela soubesse como tenho molhadas as asas do pensamento!* <sup>(21)</sup>

A pouco e pouco a presença dessa mulher como ser real vai perdendo a sua consistência. De ser palpável e vivente passa a fantasma desse ser, remetido para o passado:

*Aquela mulher, aquela carne que eu possuí e gozei, aquela alma que foi minha - há-de ser de outro? Não, o que eu possuí e gozei foi a minha ilusão e essa é minha. O corpo dessa mulher e a sua alma goze-os quem quiser. Na verdade, o que foi meu, foi a minha ilusão apenas. E serei livre!* <sup>(22)</sup>

Ao mesmo tempo vai-se instalando no espírito de Laranjeira a certeza de que Augusta, enquanto objecto que lhe permite o esquecimento momentâneo da sua tortura interior, não lhe trará paz nem remédio.

E convence-se cada vez mais de que Augusta e a sua relação com ela, não são nada do que esperava.

*Porque dramatizo eu este amor com a Augusta? Porque não há-de ser isto um amor banal como os outros? Ou será para mim o Amor aquele “engano cego de alma” de que falava o poeta? Terei eu como os outros diante dos olhos uma tela de ilusão e encanto...haverá para mim também aquele espelho mágico que Mefistófeles mostrava ao douto Fausto, quando queria adormecê-lo na ilusão do Amor... E porque havia eu de ser privilegiado?* <sup>(23)</sup>

Da análise que acabámos de fazer concluímos que Augusta foi, no espaço e tempo do Diário, uma miragem, amada esporadicamente quando se lhe apresentava como bálsamo para a sua solidão e para a efemeridade do tempo, odiada quando não compreendia o tédio visceral que o possuía e idealizada, transfigurada, sobretudo. Frequentemente surge transfigurada na mãe protectora e doce que o defenderia dos outros e sobretudo de si próprio:

*A Augusta tomou-me hoje nos braços, maternalmente, como uma mãe que aconhega o filho ao colo... O meu desejo único é repousar e esquecer - encontrar alguém que me agasalhasse maternalmente, como uma ave abriga um filho debaixo da asa macia e carinhosa!* <sup>(24)</sup>

Mas Laranjeira sabe que nem Augusta nem qualquer outra mulher real poderão ser esse “alguém” identificado com a figura materna.

Abandona Augusta e abandona também a sua ânsia de ideal, assumindo lucidamente a possibilidade de dominar o Tempo e a Morte.

Quando se apercebe que a doçura maternal é irreversível, que ela é o paraíso perdido, que o verdadeiro remédio para a nostalgia é o retrocesso ao passado no tempo e que o *homem é apenas um proscrito de uma proscricção metafísica* <sup>(25)</sup>, termina o Diário, primeira morte antes da morte concretizada.

Nas várias versões de Don Juan é a morte que dá consistência e intemporalidade ao Mito.

Na obra que estamos a analisar é também a morte que confere ao texto e ao seu autor esse

carácter irreversível do efémero e a grandeza mítica da última procura, da última viagem.

Em quase todas as páginas do Diário está sempre presente a sombra da Morte matizada pelo desespero da vivência de um presente onde se vão repetindo os mesmos gestos, apesar da forma violenta como Laranjeira pretende viver o instante, saindo abruptamente, mas a si regressando sempre, cada vez mais exausto e desiludido.

Novas mulheres e novas experiências não são suficientes para aliviar o seu tédio mortal, a sua incapacidade de crer e para o fazer esquecer a força física que o destrói.

Como Don Juan, nasceu predestinado para o sofrimento e para inúmeras ausências: de Deus, de fé, de amor, de si próprio.

Os familiares que estão presentes na escrita do Diário, a sobrinha e o irmão, são seres que a morte marcou. Também a exterioridade tem o sema da morte. Ou da morte dos seres próximos de si, ou de uma morte mais englobante e asfíxiante que tudo toca:

*Tudo cheira a morte a a crepes velhos e sujos.. Tudo gris, imundamente gris.* <sup>(26)</sup>

*E entretanto em si a “paisagem” é a mesma:*

*Dia de tédio e enfermidade. Passo a fazer o balanço da minha vida e uma das conclusões é que me não restam muitos meses para viver...* <sup>(27)</sup>

À imagem da morte física e psíquica vem juntar-se uma outra ideia. Quando compreende que nem a mulher nem o trabalho o podem salvar da doença e do tédio, à imagem sempre suspensa da morte vem associar-se uma outra: a evocação indefinida de um tempo outro, de um passado mítico, o “não sei quê” de que diz ter saudades:

*Invade-me uma tristeza infinita e vaga: tenho saudades...nem eu sei de quê, tenho desejos intensos que me arrepiam a carne e me crispam o espírito e desejos...nem eu sei de quê também.*

Ora esse “não sei quê”, simultaneamente esperança e memória, inscreve-se no imaginário mítico da existência de algo para além da vida que dá sentido à morte.

Talvez tenham sido, por um lado, o seu espírito de uma extraordinária lucidez e por outro

essa esperança e memória de um tempo anterior ao tempo, que o tenham levado ao suicídio, o acto mais solitário de toda uma vida vivida na maior solidão.

O conflito de Don Juan nasce e acaba tragicamente no confronto com a Morte. Ser predestinado para a fatalidade e a ausência, esse eterno viajante no espaço, querendo apoderar-se do tempo através do desejo insaciável, destrói-se e a sua imagem reintegra-se para sempre no Tempo.

No **Diário Íntimo**, falando de si consigo, Laranjeira deixa-nos essa imagem do homem insaciável, sempre incompleto, que, nunca liberto do sonho antigo da “mulher-mãe”<sup>(29)</sup>, vai caminhando de mulher em mulher, vivendo na nostalgia do absoluto e da fé perdida.

Como em Don Juan “viagem” consuma-se no encontro com a Morte. No entanto, a morte física é a porta para a intemporalidade e a memória.

Terminamos parafraseando Unamuno:

*Manuel Laranjeira foi um grande, um muito grande pensador, mas foi talvez um “sentidor” ainda maior. E não morreu. Vive em nós, os que dele gostamos e viverá em todos os que o compreendam.*

*Era um espírito sedento de luz, de verdade e justiça. Matou-o a vida. E ao matar-se, deu vida à morte.*

Espinho, 28 de Março de 1992  
Maria Clara Lourenço de Campos

## *Do «Diário Íntimo» ao Mito de D. Juan*

### NOTAS:

- 1 - Laranjeira, Manuel, **Diário Íntimo**, Vega, s.d.p. 74
- 2 - Ibid, p. 96
- 3 - Ibid, p.139
- 4 - Ibid, p. 61-62
- 5 - Ibid, p. 192
- 6 - Ibid, p. 80
- 7 - Ibid, p. 74
- 8 - Hinterhauser, Hans, **Fin de siglo, figuras y mitos**, Madrid, Taurus 1980, p. 20
- 9 - Laranjeira, Manuel, **Diário Íntimo**, p. 147
- 10 - Ibid, P. 74
- 11 - Dottin - Orsini, Meireille, **Misogynies fin-de-siècle**, in Le Magazin Littéraire, Mai, 1991, p. 147
- 12 - Laranjeira, Manuel, **Diário Íntimo**, p. 147
- 13 - Hinterhauser, op. cit, p. 91-122
- 14 - Laranjeira, Manuel, **Diário Íntimo**, p. 84
- 15 - ibid p. 92
- 16 - ibid, p. 148
- 17 - ibid, p. 109
- 18 - Laranjeira, Manuel, Cartas, Ed. Relógio d'Água, 1990, p. 114
- 19 - Laranjeira, Manuel, **Diário Íntimo** p. 68 e 74
- 20 - ibid, p. 91
- 21 - ibid, p. 101 e 103
- 22 - ibid, p. 108
- 23 - ibid, p. 102
- 24 - ibid, p. 70
- 25 - Jankilévitch, Vladimir, **Lirreversible et la nostalgie**, Flammarion, 1983, p. 340 - 386
- 26 - Laranjeira, Manuel, **Diário Íntimo**, p. 65
- 27 - ibid, p. 117 - 118
- 28 - ibid, p. 188
- 29 - Machado, Álvaro Manuel, **O mito de Don Juan ou a erótica da ausência**, in O mito de Don Juan, Jean Rousset e outros, col. paralelo, Arcádia, 1980, p. 7-30
- 30 - Unamuno, Miguel de, in **Prefácio às «Cartas de Manuel Laranjeira»** Ed, Relógio d'Água, 1991, p. 9-10.

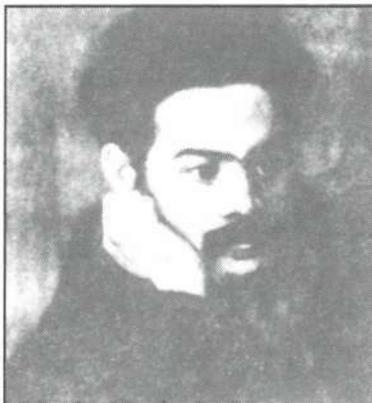
*Manuel Laranjeira com um grupo de pessoas amigas, na antiga Rua Marquês de Pombal, hoje Rua 11. A mulher que se encontra sentada é a Augusta, a amante de que nos fala no seu livro «DIÁRIO ÍNTIMO».*



**CICLO DE CONFERÊNCIAS**

**MANUEL LARANJEIRA:  
UM EU CONFLITUAL**

Pelo Prof. Doutor Nuno Júdice



António Carneiro  
Sanguine, 1906 - coll. Flávio Laranjeira

*2ª Conferência - Espinho, 24 de Abril de 1992*

## *Manuel Laranjeira: Um Eu Conflitual*

*«Quando os outros te não entenderem, fala contigo mesmo»  
(Epígrafe a «Commigo»)*

**A** obra de Laranjeira compõe-se de vários aspectos: diário, cartas, artigos, teatro, verso. Hesito, no entanto, chamar-lhe um autor multifacetado. De facto, todos esses aspectos não são mais do que expressões diversas da mesma busca de um ser cuja preocupação determinante é encontrar o tom da sua própria verdade. Esse tom talvez determine os géneros utilizados - de facto, a intimidade do diário ou da correspondência, o confessionarismo da poesia, a dramaticidade teatral, servem perfeitamente essa necessidade de se expôr que, em Laranjeira, está ligada ao desabafo provocado pela solidão:

*“...o meu desejo único é repousar e esquecer - encontrar alguém que me agasalhasse maternalmente, como uma ave abriga um filho debaixo da asa macia e carinhosa!”<sup>(1)</sup>*

Apresenta-se aqui uma das chaves para o percurso “donjuanesco” de Laranjeira: a busca incessante da Mulher, sempre falhada, é uma consequência de ele não encontrar em nenhuma das suas relações uma substituição da Mãe. No entanto, não há nele a reacção romântica, idealizante do feminino, que poderia compensar a desilusão real. Contemporânea da época decadentista, há nele uma consciência hiper crítica que o impede de superar a decepção e o desgosto que esse real lhe provoca. O autor é uma vítima da acção que inventa para dar forma ao drama da sua vida; e não consegue libertar-se dos condicionamentos do personagem para ter um domínio das situações:

*“E eu sinto uma raiva surda, uma fúria de romper com tudo e ser só - só. Absolutamente só, como Deus”.<sup>(2)</sup> “Na alma alvoreja-me uma esperança de que poderei um dia libertar-me de todos os homens e ficar só comigo.”<sup>(3)</sup>*

O condicionamento sentido por Laranjeira é o mesmo que pesa sobre o homem condenado a representar um papel de que **outro** maneja os cordelinhos. A ambição

de ser Deus não é mais do que o sonho de ascender à categoria do Autor, aquele que domina o destino dos personagens. Porém, sentido-se incapaz de atingir, na vida, o estatuto privilegiado que só o dramaturgo tem de poder mover todos os cordelinhos da acção, os seus passos têm sempre algo de falso; e, no “Diário”, é constante o arrependimento por ter dito certas coisas ou praticado certos gestos que realiza sabendo as consequências negativas que daí resultarão:

*“Às vezes sinto em mim a rebelião de quem se vê amarrado a uma ilusão inútil, a uma mentira.”*<sup>(4)</sup>

Há, nele, o sentimento que irá dar origem à doutrina existencialista do homem como ser condenado a si próprio. Essa consciência resulta na percepção de que há limites intransponíveis, cuja definição coincide com a natureza humana:

*“E a alma, gris e paralisada sente-se como aquelas aves que, d’asas molhadas, tentam debalde voar pelas alturas e não conseguem senão arrastar-se pela terra.”*<sup>(5)</sup>

É significativo verificar a frequência com que Laranjeira se refere a episódios da sua vida como se de um espectáculo se tratasse: a pergunta “*porque dramatizo eu este amor com a Augusta?*”<sup>(6)</sup>; o comentário a uma cena de namoro com H.: “*O espectáculo diverte-me por alguns minutos*”<sup>(7)</sup>; o modo como põe ponto final à descrição de uma cena amorosa: “*E beijo-a, beijo-a doudamente, estonteado. Depois vem uma crise de prazer brutal, uma epilepsia de alguns minutos, inconsciente, animal. Depois... - depois “la comedia e finita”.*”<sup>(8)</sup>

Nesta referência encontramos acima de tudo a atitude estética a sobrepor-se à humanidade do personagem. O sofrimento causado em si próprio e nos outros é secundário: o que importa é manter a pose do personagem, e desse modo uma coerência que merece o sacrifício da vida e do homem. Que coerência é essa, perguntar-se-á? Com efeito, é bem estranha a condenação a um destino que implica a infelicidade

dos outros; ou que obriga a uma rejeição sistemática de tudo o que se aproxime de uma instalação no conformismo daquilo a que Laranjeira chama «a hora amarga do desengano»<sup>(9)</sup>, que é a hora em que se abandonam as ilusões e se cede à exigência do quotidiano - casamentos de conveniência, sacrifícios do ideal e do sentimento, aceitação das pressões sociais:

«Vi hoje ao lado duma cocotte d'olhos divinamente negros, divinamente tristes e divinamente carinhosos, ao lado de souteneur reles, comprometido dentro dum traje d'homem rico que passeava aquela amante pelo mundo. Andavam pela vida, a ganhar a vida... Ela trazia nos olhos a divina nostalgia dum mundo sonhado e não realizado, ele o aborrecimento de quem está farto de representar um papel para que não nasceu.»

<sup>(10)</sup>

Este modo de encarar a vida não poderia senão conduzir a uma tentativa de dominar as situações como se elas obedecessem a uma lógica de género, no caso vertente mais dramático do que romanescos, à qual todos os actores se deveriam submeter. A relação com Augusta é exemplar deste facto: os diálogos são registados quase como se de cenas teatrais se tratasse, e o próprio desfecho conduz à conclusão de que «a comédia sentimental e piegas atinge o seu interesse supremo. Hora de lance, de cena de efeito - «até cairmos extenuados.»<sup>(11)</sup> Há, com efeito, um aspecto que impede que o espectáculo decorra normalmente: só um dos actores é que sabe que se encontra no meio de uma representação; os outros, desde Augusta até às outras mulheres com quem Laranjeira se relaciona, e até ao próprio Unamuno, desconhecem que o seu contacto com o escritor os implica num espectáculo que teria de ter regras próprias e que os obrigaria a adoptar um comportamento específico para estar à altura do autor e parceiro de cena. Esse desconhecimento acaba por estragar a qualidade do que se representa - que desce a esse nível de «boulevard», de «comédia sentimental e piegas»,

como Laranjeira classifica as suas relações com Augusta.

Sentimos, em Laranjeira, a presença obsessiva de uma consciência crítica que não hesita em passar à acção, de modo judicativo, perante o próprio sujeito que a possui. Essa consciência é o reflexo de um Ser ideal que ocupa o lugar de Deus - obrigando o homem (o ser «real») a desempenhar um papel predestinado. Uma chave para esta atitude estará no interesse dedicado por Laranjeira (embora no seu papel de investigador de assuntos médicos) à santidade, que ele considera uma doença. Achar-se-ia Laranjeira vocacionado a deixar-se contaminar por esse mal? Tudo, com efeito, parece indicar que sim: há uma entrega ao espectáculo - mas o espectáculo dado com a função exemplar, destinada a «educar» uma comunidade desviada no conformismo e materialismo de vida burguesa - que é acompanhada pelo sacrifício do Ser a um destino superior. Quer na sua reacção perante os outros, resultante da relação com Augusta, em que Laranjeira sente estar a oferecer-se em «sacrifício» para dar o exemplo de uma consonância entre o homem e a verdade; quer na história do concurso à Escola Médica em que ele se apresenta no papel de vítima por não querer dobrar-se a exigências de submissão a regras por ele julgadas aviltantes, há a mesma atitude autosacrificial - embora desse sacrifício ele retire um prazer que podemos aproximar, com a devida ressalva do materialismo de Laranjeira, do êxtase místico.

Teremos aqui uma provável explicação para o percurso suicidário de Laranjeira: não havendo um destinatário divino para o seu impulso estático<sup>(12)</sup>, ele consome-se a si mesmo até ao ponto final da morte. O niilismo acaba por ser, então, o contraponto negativo de uma vivência que teria, no sublime, um ideal rejeitado devido a essa consciência excessiva da posição mediata do ser: «É preciso não olhar demasiado para baixo nem demasiado para cima», escreve ele<sup>(13)</sup>; mas como impedir o espírito de ir nessas direcções - e, sobretudo, de descer quando o caminho superior lhe está vedado

por uma impossibilitação de princípio filosófico?

A morte, realidade que ao médico surgia a cada passo, é encarada com uma frieza em que, no entanto, se sente por vezes a compaixão reprimida. «Meu irmão tosse: suspeito duma tuberculose. Com receio que ele desconfie, não o interrogo, não me certifico do estado dele, mas aquela tosse impressiona-me. E, como eu tenho tosse também, começo a pensar que morro e que esta tosse pertinaz é o começo do fim... E penso também com tristeza funda, no que será dos que precisam de mim, moralmente pelo menos (14), se eu morrer». Notar--se-á, nesta sequência, o percurso do raciocínio que leva da referência objectiva - a suspeita de tuberculose - à experiência subjectiva da dor, num duplo transfert: o da doença do irmão para si; e o da imagem da morte do outro para a morte própria.

Este processo é, igualmente, uma constante do Diário; é no instante em que Laranjeira se apercebe de que o outro sofre - é nas cenas com Augusta que isso mais se verifica - que o sofrimento passa para si próprio e pode surgir a compaixão - inexistente no início de cena, como se Laranjeira não fosse participante mas espectador do que se vai passar. O sentimento é, então, algo que decorre de uma vivência que decorre primeiro como representação e só depois como experiência. É um processo idêntico ao que decorre na sessão teatral, na qual o espectador só se identifica com o sofrimento dos personagens depois de estes o exteriorizarem - e o fizerem com suficiente qualidade e realismo. Ora, há também na vida bons e maus actores: para Laranjeira; Augusta pertence ao primeiro grupo, sendo alguém que o obriga a entrar nas emoções e nos sentimentos de cada situação; enquanto, em relação a outros personagens do Diário, sentimos uma censura latente por não serem capazes de atingir esse estatuto, ficando no simples plano de actores de segundo nível:

«Vou a casa da L. - como médico da mãe. A L. sempre a mesma: põe o meu chapéu

na cabeça... e eu faço de idiota. Não compreendo nada. (...) volto-lhe as costas, certo de que ela, despeitada, e desprezando-me sempre, se levantará e sairá do casino. Sai, mas volta daí a pouco a namorar, langorosa e apaixonada, um fedelho. Passa por mim e cumprimenta-me. Saúda-a com amabilidade e ela fita-me rancorosa. Queria-me ciumento. Tola!»<sup>(15)</sup>

Este lado, mereceu a Jorge de Sena uma violenta crítica sintetizada na fórmula segundo a qual «Manuel Laranjeira morreu ou suicidou-se de indigestão do seu «moi haissable»<sup>(16)</sup>, deve no entanto ser integrado no contexto decadentista de um fim de século português que teve, como os outros fins-de-século europeus, lados maiores e menores. O tratamento de Laranjeira dá aos outros, e que tanto escandalizou Sena, não implica uma hierarquia de juízo entre seres superiores e inferiores, sem dúvida condenável. Basta lermos o que ele escreve sobre si próprio e o modo como se dirige ao seu «eu» para verificar que a relação com a humanidade decorre de um conflito íntimo, não resolvido: «Porque me assusta às vezes a ideia de morrer? Tens medo à morte, alma cobarde? Porquê? Se a terra fosse um paraíso e a vida uma ventura infinita, esse teu medo ainda seria uma covardia compreensível. Mas sendo a terra um deserto enfadonho, uma charneca gris, e sendo a vida uma ininterrupta enxurrada de lástimas, essa covardia é simplesmente absurda. É um apego estúpido.»<sup>(17)</sup>

Perguntar-se-á, em conclusão, o que é que faz com que, num espaço recente de tempo, Laranjeira se tenha voltado a tornar um autor de referência quando se fala na literatura portuguesa do princípio do século XX, ele que durante tanto tempo viu a sua obra esquecida, esgotada, perdida num limbo com perfume a maldição?

Estamos hoje num período que, de certo modo, revive as inquietações desse período. Então, os suicídios de Antero, de Mouzinho de Albuquerque, de Soares dos Reis, de Camilo, e finalmente do próprio Laranjeira, soaram como os sinais de alarme de uma

crise de consciência que não encontrou outra porta de saída senão essa fuga desesperada. Exagerou-se, sem dúvida, em generalizar essa crise à «alma» nacional, como o fez Unamuno ao chamar-nos um «povo de suicidas». É certo que a sociedade portuguesa iniciava, então, um período de bloqueamento a que a 1ª República não soube dar resposta. Ora, tivemos no Portugal contemporâneo o mesmo problema, decorrente quer da Revolução de 1974 quer das suas consequências, de que o fim de era colonial foi o aspecto mais traumático. Contrariamente a esse período, porém, a saída europeia funcionou como o ponto de resolução que não só evitou nova tentação suicida como forçou, e força, a encontrar respostas inéditas, com o desafio que isso implica. No plano intelectual, portanto, o momento corresponde a uma interrogação acerca do destino português e do sentido nacional dentro do continente em que nos integramos, após tantos séculos de diáspora.

Não surpreende, por isso, que se tenha voltado a sentir a necessidade de reler as reflexões desses homens que, desde a geração de 70 até Manuel Laranjeira, estabeleceram o diagnóstico preciso do nosso atraso dentro da história moderna da Europa - designadamente o texto deste último sobre o «Pessimismo Nacional» que constitui uma das mais lúcidas análises da crise portuguesa como resultado do divórcio entre os intelectuais e o país real ou, nas suas palavras, porque «essa minoria civilizada não soube ou não pode impor-se à maioria da Nação e arrastá-la consigo nesse avanço progressivo; precisamente desse desnivelamento é que deriva essa crise sobreaguda do pessimismo em que se está debatendo o povo português». Se mais não fosse - e esse mais é a indiscutível qualidade estética da sua obra - bastaria este artigo para justificar o regresso de Laranjeira à cena contemporânea como uma das suas referências mais actuais e vivas.

## *Manuel Laranjeira: Um Eu Conflitual*

*«Quando os outros te não entenderem, fala contigo mesmo»  
(Epígrafe a «Commigo»*

**1** - «Diário Íntimo», Portugália, Lisboa, 1957, p. 38

**2** - «Diário Íntimo», p. 62

**3** - «Diário Íntimo», p. 66

**4** - «Diário Íntimo», p. 72

**5** - «Diário Íntimo», p. 73

**6** - «Diário Íntimo», p. 72

**7** - «Diário Íntimo», p. 73

**8** - «Diário Íntimo», p. 90

**9** - «Diário Íntimo», p. 93

**10** - «Diário Íntimo», p. 94

**11** - «Diário Íntimo», p. 100

**12** - «Quando eu ergo a minha frente para a luz não quero dizer que estou fitando estrelas, esquecido da terra onde poiso os pés; como quando olho para a terra, cujo ventre me gerou, não quer isso dizer que eu só esteja fitando a lama, esquecido da luz que me vem do alto». Carta a Teixeira de Pascoaes de 4-9-1904, in «Cartas de Manuel Laranjeira», Relógio d'Água, 1990.

**13** - Carta citada a T. de Pascoaes.

**14** - Diário, p. 174

**15** - Diário, pp. 106 e 111

**16** - Jorge de Sena, «O poeta é um fingidor», Ática, 1961

**17** - Diário, pp. 130 e 131.



(FAC-SIMILE)

# GAZETA D'ESPINHO

C.A. Rua Bandeira Coelho 28. 20  
 REDACÇÃO Rua do Norte, n.º 13  
 ESPINHO  
 Director: J. Pinto Coelho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA!

Composição e Impr. TYPOGRAPHIA PENINSULAR  
 24—RUA DE S. CHRISPIM—26—PORTO  
 Editor: Francisco Alves Vieira

Propriedade da Empresa GAZETA D'ESPINHO

## MANOEL LARANJEIRA

O SEU FALLECIMENTO



soite de quinta-feira ultima, cerca das 23 horas, Dr. Manoel Laranjeira, tirado por horrivel e desesperante sofrimento. Manoel Laranjeira pôz termo á existencia, desum tiro de revolver na cabeça! tragico desenlace d'esse drama acidentado da vida da sua palestra instrutiva, amena e erudita. *Gazeta d'Espinho*, a que Manoel Laranjeira or vezes, a sua colaboração desinteressada, escripto que deve ao Dr. Laranjeira o individualismo e sua solidariedade franca no momento critico da vida, perdeu irreparavel o amigo, do correto e dedicado. A modesta homenagem devida, sem favor, a um coração e a um grande espirito, ao homem, que, patriota convicto, se extremava por uma aflicção e sentimental, a esta praia d'Espinho, hora de emoção, nem nos deixa livre o pensa-

### NOTAS IMPRESSIONANTES

O Dr. Manoel Laranjeira primava por duas qualidades impressionantes—franqueza e independência. Tinha personalidade.

Dizia sem rebuços quanto sentia; sabia pensar e revelar com consciencia e nitidez quanto pensava. Por detraz dessa rudeza quasi indomita e dessa audacia d'expressão, ora aspera e aggressiva na forma, espalhava-se uma alma docil, ingenua, cheia de poesia e de sentimento.

Para definir esta psicologia, alem de inumeras provas dadas na intimidade do seu convívio, lembrem-se agora, para a proposito, um artigo aqui escripto á memoria saudosa de Carlos Evaristo e um trecho do seu ultimo livro de versos, a esmo recortado.

### NO MEIO DA CHARNECA

Erguem-se as mãos para colher no espaço  
 as estrelas (o Sol) ou a Mentira  
 a que nos alma ambiciosa aspira)  
 e os braços cahem mortos de cansaço

E os olhos querem n'um supremo abraço  
 beber ainda a luz que lhes fugira;  
 mas, cansado de olhar, o olhar expira,  
 perdido pelo cen deserto e baço...

E' então quando o labio empalidece  
 como o d'um rei de morte, ou quando solta  
 um grito de blasphemia ou de prece...

Perde-se a voz para as bandas do infinito,  
 da sbotada do abysmo só nos volta  
 ...o echo quasi morto d'esse grito.

### Palavras desfolhadas sobre a

#### sepultura de Carlos Evaristo

Se é certo que o universo é uma representação do nosso espirito, e eu creio que é assim, verdadeiramente o mundo só acaba para nós quando morremos. O culto dos mortos é a afirmação intuitiva d'esta verdade raciocinada. Com o culto dos mortos nós afirmamos que esses, que parecem ter partido para sempre, de facto não morreram—e ainda vivem dentro de nós.

Vivem.

Se a nossa alma só dobraga sobre si mesma, então esta verdade surge clara e luminosa como uma revelação transcendental, e o nosso espirito pôde dizer mysticamente dos mortos que amamos, como o altissimo Poeta:

...vixem commigo,

rito intelligente e culto, era tambem um coração intelligente e delicado. Sendo uma individualidade definida, sendo Alguem (e é tão difficil ser Alguem, na vida), a bondade do seu espirito e a gentileza do seu coração creavam em redor d'elle uma atmosfera carinhosa e tranquilla de sympathias e d'affecto.

Morreu? Não; vive, vivo conosco, dentro de nós, de todos nós, que, sem sabermos como, fomos amigos d'elle. Vivem aquella immortalidade amiga, que, amanhã, quando adormecermos no seio da terra maternal, todos nós fruiremos dentro da alma d'aquelles que nos amam.

Vive: se o corpo d'elle repousa no oceano de cinzas d'onde veio, a sua alma, essa—não é verdade?—está ainda dentro de nós, ainda existe dispersa no espirito de quantos o salutararam, vivendo—aquella vida de comunidade ideal, de que falla o melancólico Poeta e que é a verdadeira immortalidade.

Espinho, Maio—1908.

Manoel Laranjeira.

### Os funeraes

As honras fúnebres tributadas ao emlogrado Dr. Manoel Laranjeira, revestiram-se de simplicidade modesta que tam bem quadrava ao seu fútil despretencioso. Assim julgaram os seus amigos interpretar fielmente a sua ultima vontade. Elle quiz ser sepultado em Espinho em campo rasso.

Feitas dezesseis horas da sexta feira poz-se em marcha o prestio fúnebre, da casa de habitação para o cemiterio. Cortejo meramente civil. Apesar de não serem feitos convites, ali vimos a maior parte dos amigos, alguns do Porto, que tinham a prestar esta dorrida homenagem, ao saudoso extinto. Viam-se representadas corporações e entidades de Espinho, Camara e Junta de parochia, Centro Democratico, clubs e grêmios

(FAC-SIMILE)

**Gazeta de Espinho**

Dir. J. Pinto Coelho

Tip. Peninsular, Ed. Francisco Alves Vieira, N.º 578, Anno 12.º, Domingo, 25, Fev., 1912. Editado em 1992 pelo Municipio de Espinho no âmbito das comemorações.

(FAC-SIMILE)

# GAZETA DE ESPINHO

Administração: RUA DEGANOV, 76 e 80  
Redacção: RUA DEGANOV, 36  
— ESPINHO —

Director: — J. PINTO COELHO

Pela PATRIA e pela REPUBLICA!

Propriedade da Empresa GAZETA D'ESPINHO

Composto e impresso na rua das Carmelitas, 104  
Typographia de Francisco J. d'Almeida

— FORTO —

Editor: — Francisco Alves Vieira

## In memoriam

### Dr. Manuel Laranjeira

A *Gazeta de Espinho*, em precioso resumo de sinceridade e honestidade, quanto à justa e merecida homenagem tributada, dedica estas colunas à memória querida do Manuel Laranjeira.

Divida sagrada, pobre manifestação de saudade embora, da parte do humilde semanário provincial, os resultados todavia grande e significativa pela selecionada colaboração dos bons amigos do saudoso morto.

Pela redacção da *Gazeta de Espinho* — impetuosa e dolorosa tarefa! — sobre-me o dever de gratissimo reconhecimento, aos dedicados amigos de Manuel Laranjeira, que em bom grado acolheram a este apelo de generosa intenção.

Muito obrigado!  
A dór sentida pela perda irreparável de Manuel Laranjeira, o consolador e solidário, só pode dissipar-se na íntima satisfação que se experimenta, ao vê-lo glorificado nesta espetosa singela — no clima unânime de seus admiradores.

Oreio que o sentimento espantoso que nasce bem do fundo do alma, numa adjectividade inteligente, só pôde traduzir-se em manifestações concretas, indelévels da verdade e da justiça.

Os íntimos de Manuel Laranjeira, quantos lograram comprehender o segredo de sua pedagogia, abriam um novo e depurado respeito que hora salienta a individualidade distinta do medico, do erudito, e do filosofo, do pensador e do poeta, do critico e do artista.

Manuel Laranjeira reunia, em grau sobresaliente, as mais preciosas qualidades de intelligencia viva e penetrante, de espirito assimilador, analista, raciocinante e sintetico.

Na frisa do seu conceito scientificos, procurava a verdade; na fantasia de sua imaginação sentimental mostrava a ilusão, a chimera e a talvia e a mentira.

Horrendo conflito dinamico, em que devem assombrar as organisações da natureza mais complexa e perniciosa: Laranjeira dava a muitos a errada impressão d'um homem frio, sensuativo, indifferente ao meio social, egotista, até á insensibilidade, até á insensibilidade de trivial estímulo affectivo.

Ele era, porém, no fundo, dumas impressionabilidades quasi infantil. Conmovia-se até ás lagrimas e tinha o culto do amor e da ternura mais susceptiva.

Conhecia-o bem em toda a simplicidade da sua alma.

Amargurado me foi o convívio da sua longa doença.

Suave e amou. Amou até em sua escuridão e basal—a vida. Perdeu a esperança e até do desolante, me foi desceito impulso de superstição, revolta, nihilismo, um gesto de confusão.

Manuel Laranjeira, em sua morte

teve o Dr. Manuel Laranjeira a noticia de se acharem em sua poder as Cartas do P.º Bartholomeu de Quental, legadas pelo seu excoho descendente, o poeta Antonio de Quental á Academia Real das Sciencias de Lisboa; de logo elle examinallas para os seus estudos psychologicos em que estava interessado e em que era zeloso. Numa digressão a Lisboa, deu-me a honra de sua visita, para a consulta de certos documentos; conversámos, trocámos ideias, e depois da leitura de muitas

mas as suas panias, tão bellas como as de Anthero, emrao-me comprehendo a situação. O seu espirito foi conturbado por essas ideias pessimistas, que profundamente discutia; cultivou-as, absorveo-se nelas, e como aconteceu a Anthero de Quental, acabou no suicidio por essa insuportavel determinação de virar da morte, em que se inspirava e a que dava expressão esthetica.

THEOPHILUS BRAGA.

gran patria, este trágico universo, no bem sentido si destino alguno a proferir a situação. O seu espirito foi conturbado por essas ideias pessimistas, que profundamente discutia; cultivou-as, absorveo-se nelas, e como aconteceu a Anthero de Quental, acabou no suicidio por essa insuportavel determinação de virar da morte, em que se inspirava e a que dava expressão esthetica.

Logo añadia:  
«A sua ultima carta enche-me de

Volvi luego a Espinho, em um de m visões a d'opeto, nada más que por ver».

Al principio y antes de entrar en conversacion con él, conociendo mi de vista, no me foi simpatico. Se m antojo en el una pose, que no habia luego, así que nos hablamos, así que nos miramos a los ojos, quedando prendidos el uno del otro. Conversamos largamente, a la orilla del mar temeroso e trágico, a la puesta del sol, habiándonos de la ciencia y de doctos humanos, de la razón y de la vida. Yo le reprochaba su cierto egotismo; reprochábame su cierto misticismo, todo amistosamente, me fue un fraternalmente. Y fué él, Manuel Laranjeira, quien más me ayud a penetrar en la visión del Portage trágico, del Portage de Camillo, d'Antero, de Oliveira Martins, de Soares dos Reis.

Com toda a ill de dezembro de 190 me escribia:

«Amigo: Tem razão: Portugal uma terra tragica, estúpida e a griça e Camillo é, por assim dizer, Sophocles da nossa vida trágica. Alarvia da obra do grande amado como de um poeta, d'uma temporalidade de enthusiasmos e desanimes, em a mesma, a ric e a chorar tragicamente o espirito da terra portuguesa. Esa obra reflecte, como V. deve ter visto todo o nosso pessimismo de instinto toda a nossa intuitiva philosophia d' desappare. Anthero de Quental é, ao contrario, raciocina e systematiza os seus nativa philosophia de desanimo. Camillo não: Camillo dramatisa a, contos-a apenas. Ambos chegaram á mesma desesperadora recelido, á mesma maxima de estado ca suberbia no expressivo d'uma d' sua caria: um, Camillo, por estado, através da logica do sentimento; outro, Anthero, através da intelligencia e da logica da razão. Se um é trágico como Sophocles, o outro é d' desesperado, esteticamente desesperado como Espineto, ou Marco Antonio.

Desejo-me servir d'uma imagem d' optica: o desespero da alma, portuguez reflecte-se na obra de Camillo tal como é, como n'um espelho plano; e reflecte-se na obra de Anthero de Quental, como n'um espelho convexo, concentricamente.

Este principio de estetica suberbia, tornou-se permitido chegar, is mo V. se antes eré — sai mais tratado de la verdad humana? Ta ve, amigo, talvez. Afinal, o Homem através de sua insaciavel vontade de verdades, que a que tem consagra do. Desejo-me illusoria, desfazer illusões, desfazer illusões. Desmanche illusões e reduza o effeciente d' felicidade e por consequencia diminuir a possibilidade de chegar á terra prometida... ou deslizada. O Homem não adquire em que se trata d'uma deslizada, como vi, por ni prego demasiadamente deslizado. A a tina verdade eré a que nos deoma chora a ultima illusão — a illusão d' immortalidade. No dia em que o Homem, assensada a ultima esperanca pela ultima verdade, aligira a e tiza de que a sua passagem na terra é um tempo ephemero, e que a a sólo do etero é um desejo perdido



«Se é certo que o universo é uma representação da minha existência, é eu certo que a minha, verdadeiramente e mundo só existe para mim, quando morre, o certo de existir é a affirmação íntima d'uma verdade existencial. Com a cecidade do mundo me arde o mundo que vive, que penetra em partes para sempre, do futuro morre — e ainda vivem dentro de mim.»

Manuel Laranjeira

(FAC-SIMILE)

## Gazeta de Espinho

Dir. J. Pinto Coelho

Tip. Peninsular, Ed. Francisco Alves Vieira, N.º 582, Anno 12.º, Domingo, 24, Mar., 1912.

cartas do fundador da Congregação da Oratória em Portugal, chegou o Dr. Manuel Laranjeira á conclusão, que o P.º Bartholomeu de Quental não era um mystico, de temperamento contemplativo, mas um asceta, fazendo consistir a religiosidade na pratica devo-

### Su última protesta

Me ha doído, pero sin comprenderme, el fin de nuestro trágico amigo Manuel Laranjeira. Presenta que

alegría porque o vejo outra vez forte, vigoroso e sem aquelle abatimento da sua primeira carta.

Fico por aqui.  
Além, meu querido amigo, até... não sei quando.  
Do coração.

(FAC-SIMILE)

# GAZETA DE ESPINHO

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA!

Composição e Imp. TYPOGRAPHIA PENINSULAR  
21—RUA DE S. CHRISTIM—30—PORTO  
Editor: Francisco Alves Vieira

TRAÇÃO Sua Bandeira Coelho 28, 30  
REDAÇÃO Rua de Norte, n.º 12  
ESPINHO  
Director: J. Pinto Coelho

Propriedade da Empresa GAZETA D'ESPINHO

## MANUEL LARANJEIRA

Imponente manifestação do povo de Espinho á sua memoria

manifestação que o Democrático e as Issões Politicas proam no passado do á memoria do illustripator e grande deitador de desusada e impoencia. s 2 horas da tarde oruse o cortejo civico ante ao edificio do Democrático, tologar na vanguarda emerita Corporação mbeiros Voluntarios sua bandeira velada t dos alumnos do o Alexandre Herculeo, que o illustre morprofessor, a Camarapal, Junta de Paroquiantes do Di. o, Batalhão de Voos da Republica, do Centro Escolar Reimo de Ovar, Centro rades Lima de Silveiramos Imparciais e povo. Tambem se faesprezentar algumas açoes republicanas telhado da Feira commo o digno admidoro do mesmo conceortejo formava uma t fila de muitas cen de cidadãos, quasi onduzindo flores, di com o maior recoto ao Cemiterio de o onde era aguardanumerosa multidão, qual se vlam muitas as. O coval que já ornamentado ficou tamente coberto de de flores. Ai, usa meiro lugar da paladido um discurso o residente da:

em momento de trágico desespero, a morte se lhe oferece como evasão única á incomfortável tortura. Aquella intelligencia tão divina, já assassinada em varias produções, e que prometta desastrosamente em frutos copiosos de largo alcance, e-lha apagada! Aquelle cerebro tão culto e animado de ardentes aspirações de justiça e liberdade desfolvou na leira da sepultura, perante a qual evocamos a recordação da sua nobre e honrada existencia!...

Tão curta — Ah! — que elle proprio escreveu, com adestro pensar.

... Só me assasta ter sido tanta de na vida imposta e tão abster sempre para que a vida!

Desventurado naujal! Entre as tuas primorosas qualidades sobressa a que mais enobrecou o coração humano — a bondade acolhedora que dispensavas a quantos te solicitassem auxilio, protecção, por mais humilde que fosse a sua posição social. Como a rudeza, que por vezes apresentavas, contrastava a generosidade do teu animo propenso ás mais nobres acções.

Por isso pranteiam a tua morte, grammatiza os que tiveram occasião de apreciar os lindos quaes do teu alto espirito.

Por isso a tua memoria será venerada, o ancie elle nos curvamos com o coração salutado, mas conservando-o como guia e bussola segura na jornada da vida.

Segue-se o menino Camillo Montenegro dos Santos que em nome dos alumnos do Collegio Alexandre Herculeano proferiu as seguintes palavras:

Meus Senhores

Virtus hojs, em piedosa romagem, junto do tumulo do Dr. Manuel Laranjeira, dizer algumas palavras sentidas como preito a esse homem illustre pela sua intelligencia, illustre pelo saber e illustre pelas suas virtudes. Quantos desventurados a elle recorreceram em horas de verdaadeira angustia e dalle receberam o intuitivo para as suas magoas! Quantos desiludidos do mundo e dos homens nelle encontraram moço amigos que os guioo através de todas as contempredades! Quantos desamparados a elle recorreceram e foram confortados! Esse homem sabia ser humano, tinha esse

partano, não transigia, fosse quem fosse em questões de dignidade pessoal, ou de dignidade partidária; amigo sincero vultoso á todos aquelles que elle via podiam partilhar quer das suas decepções, quer das suas alegrias. Era um caracter á antiga, exactado num homem das mais avançadas ideias.

Morreu! Mas vive sempre na memoria dos que em vida lhe admiravam o talento, lhe concederam o valor, lhe ambicionaram o saber, lhe tatearam a grandeza da sua alma. Vive e viverá, porque deixou ficar nella obra litteraria, senão vasta, pelo menos immortadora pela forma e pelo fundo.

Oraxá que esta piedosa manifestação se perpetue, e nós que fomos seus alumnos nunca poderemos esquecer as lições do tempo, esquecer a tão proficentemente nos ensinou. Oraxá que os novos lhe sigam as pisadas e se lembrem sempre de que Manuel Laranjeira deixou ficar em casa um que com elle falava um admirador desiludido.

Haja é pó, fechou o circulo da vida. Nasceu do pó, e para o pó voltou. Na sua campa bem se poderiam gravar os versos do maior poeta portuguez do seculo 19:

Saud não perenni, como o ovalito  
Thesouro de que é sobre a sepultura.

Disse.

Em seguida o sr. Ramiro Mourão em nome do illustre reitor da Universidade de Salamanca, D. Miguel de Unamuno leu o seguinte:

Meus senhores:

Miguel de Unamuno, esse alto e nobre representante da intelligencia espanhola, que por motivo de força maior não pôde estar junto de nós nesta manifestação de saudade ao nosso querido morto, entrega-me de seu nome, proferir as seguintes palavras:

Diga, meu amigo, a todos os amigos congregados para prestar tributo de affecto ao nosso pobre Laranjeira, que se me não é possível comparecer pessoalmente, estou presente em espirito.

Espinho endo panse parte de um verso para mim intransferivel, está na minha memoria intima, mental ligada a Manuel Laranjeira, que era como que a sua alma, a alma dessa costa triste como os pinheiros melancolicos que á beira

canção do mar, essa canção que embalará um dia o amulo de toda a Humanidade. E só agora conheço ele, finalmente, a Verdade absoluta, a Verdade que mata a nossa ultima illusão, a illusão da immortalidade, segundo elle proprio me dizia.

A não ser que, pelo contrario, seja a illusão que venha matar o que nós supomos ser a Verdade. Não o sabemos e é melhor vivermos nessa incerteza.

O seu cerebro e o seu coração estão-se transformando em terra portuguesa e narra a alma de Portugal! se evolou a sua alma, como elle tragica, e o seu espirito fundou-se com o espirito de Antero e Camilo, seus irmãos. Quando loucas illusões nos fazem sonhar com um futuro de falsas grandezas, pensemos em Manoel Laranjeira que soube olhar para a Esphinge, cara á cara.

«Dizeo um homem de Estado inglés do seculo passado, que por certo era tambem um perspicaz observador e um filosofo, Horacio Walpole, que sa vida é uma tragedia para os que a sentem e uma comedia para os que a pensam».

Pois hant se lembo do acabar tragicamente, nós portuguezes, que seámos, praticamos muito esse destino terrivel mas nubre áquele que está reservado, e talvez num futuro não muito remoto, á Inglaterra, que pensa e calcula, o qual destino é o de acabar miseravel e comicamente».

Da bondade do progresso, aquelles que acreditam na felicidade humana sobre a terra, acobham comicamente; o nosso Laranjeira acabou tragicamente.

Que é mar, todo elle tragedia, seja embaland o seu sonhe eterno amquanto o seu coração descança no silencio agusto da terra-mãe, que é a mão direita de Deus

E que Deus, esse Deus que elle aciosamente procurou e em quem não pôde chegar a orár, lhe dá uma nova vida de doces recordações.

Fallou depois em nome do Directorio do Partido Republicano o sr. Dr. Pereira Osorio que, em frases comovidas, fez o elogio de Manoel Laranjeira, demonstrando quanto a sua morte fóra uma perda para o partido republicano ao qual o Dr. Laranjeira dera o brilho da sua intelligencia e o sacrificio do seu coração.

O illustre poeta dr. João de Barros leu a seguinte poesia:

A memoria do dr. Manoel Laranjeira

Que outros vestiam chorar a tu morte...  
Eu não que chorar de mais, força venha,  
Eu não que fosse um clamor, uma acção, um grito

Tudo que em ti foi grande existe, a lembrar. A moera tu profunda, a moera omana (para)

Andamos o teu sonho. E an o teu corpo (cabeça),  
Nem o desperataria o meu abraço (abreço).  
Nas nossas vultas corre um jeitor da tua (sua) vida.

O teu ideal revive em nós (permanece)!

Revive como um grido, um canto que nos (nos) inspira.  
A verdade, á bondade, á moer perfeição,  
Revive chamando o nos ao silencio da (traz) vida,  
Rejo que disse ao peito e accorda o (nos) coração...

E assim em vultos aqui, Poeta da (nos) verdade,  
Nem fimão no desajo, na arte e no (nos) suor,  
Revive o ideal: em f-tes e eternidade,  
Tão forte—que vultante a tua (nos) propria (nos) vida...

Trago flores nas mãos, e o milite (nos) verde,  
Aos labios não me assoma a queixa (nos) alguma (nos) pena.  
Vem a exultação dos rathos (nos) ventos,  
Nas palavras que digo o futuro (nos) estranho...

Porque a morte, que remana a (nos) tristeza e o (nos) riso,  
E que a todos nivela, em seu genio (nos) verde,  
Só elle apenas ergueu te o pedestal—proposito  
Para nós vermos luz—que esta (nos) maior que (nos) nós.

1912—34—III. João de Barros.

Em seguida o sr. Pousada leu algumas palavras de que não nos foi possível tomar nota. Terminou a manifestação pelo seguinte discurso do nosso director em nome das Comissões Politicas:

Em nome das comissões politicas do Partido Republicano de Espinho, assiste-me a dolorosa incumbencia de expressar uma piedosa homenagem de saudade sobre a campa fria do dr. Manoel Laranjeira—o devotado e sincero correigido, o em quem foi consocio democratico, patriota de coração e sobretudo amigo e propagador estrenuo das regalias e das aspirações liberas dessa sua terra.

Preito devido de enfaticos pruridos de linguagem—singelo e sentido, eu desejaria que elle se aperceivesse, neste momento solene, a noia doente a moera magua da nossa alma contristada.

Assim será tam sómente a expressão verdadeira do nosso pesar—do povo republicano de Espinho, pela intuição de acuar que a dita, entoolimento bem imperfeitamente vertido em palavras sinceras.

A memoria do malogrado cidadão Dr. Manoel Laranjeira significamos os republicanos de Espinho, pela intuição de acuar que a dita, entoolimento bem imperfeitamente vertido em palavras sinceras.

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

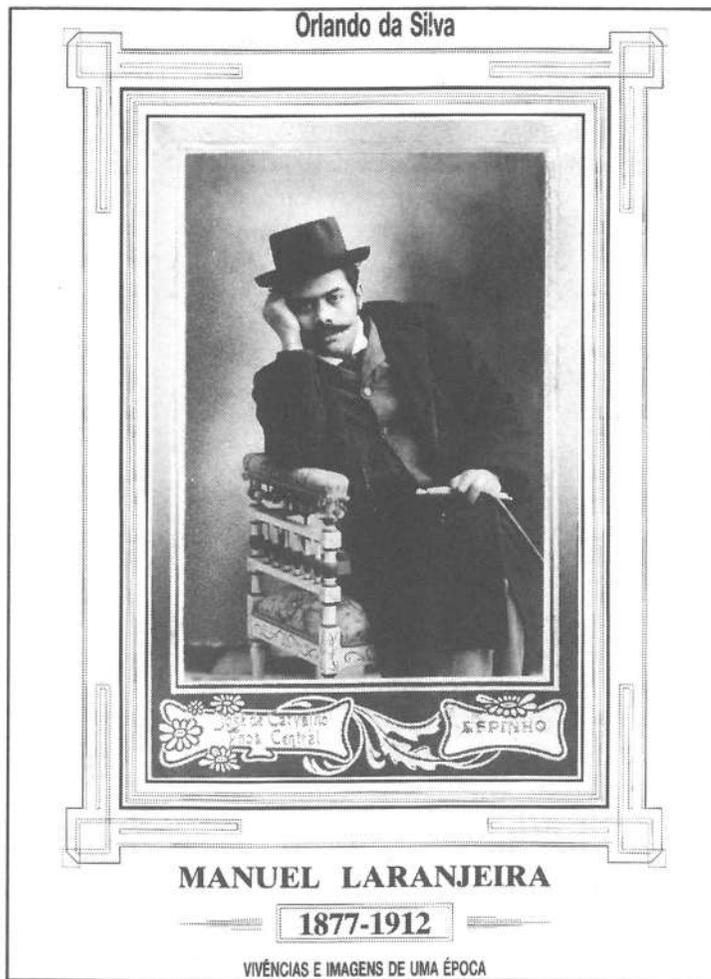
Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

Manoel Laranjeira, como portuguez de elite, tinha a incomparavel fé, de crentes firmes em a recordação

(FAC-SIMILE)  
**Gazeta de Espinho**  
Dir. J. Pinto Coelho  
Tip. Peninsular, Ed. Francisco Alves Vieira, N.º 583, Anno 12.º, Domingo, 31, Mar., 1912.  
Editado em 1992 pelo Município de Espinho no âmbito das comemorações.



*500 Páginas contendo 720 documentos, 230 textos de M. Laranjeira, 60 escritos diversos e 630 notas e legendas do autor, incluindo fotobiografia.*



*Orlando da Silva junto ao Busto de M. Laranjeira, da autoria do escultor espinhense Manuel Dias, inaugurado em 16 de Junho, Dia da Cidade.*

*Texto da intervenção de ORLANDO DA SILVA,  
aquando da apresentação da sua obra*

**A** Andaria eu pela casa dos meus dezasseis anos, quando, pela primeira vez, vi e li uma folha do jornal “O Primeiro de Janeiro”, dedicada a Manuel Laranjeira. Era seu detentor uma pessoa idosa da Vergada, da sua geração, quase da mesma idade. Três anos mais tarde, comprei num alfarrabista da cidade do Porto, mais propriamente na Livraria Académica, que felizmente ainda existe, a 2ª edição do livro de versos “Comigo”, que guardo religiosamente, por balizar no tempo o meu interesse pela vida e pela obra do meu conterrâneo.

A partir daqui, fui lendo, fui ouvindo, fui guardando nos recantos da memória tudo quanto os meus insipientes recursos intelectuais mo permitiam.

Entretanto bateu-me à porta a maturidade e, como a maioria das vezes a luta pela sobrevivência não se compadece com literaturas nem filosofias, porque outras bocas mais alto se alevantam (que Camões me perdoe), a paixão que eu tão intensamente principiara a experimentar ante a enormidade da figura intelectual do nosso escritor, foi relegada para o limbo do meu outro eu, na esperança de que um dia acontecesse a ressurreição, como alma crente que crê ressuscitar logo que o corpo podre dá à terra.

Durante anos a fio foi o alheamento total dos livros e das coisas do espírito, mas como tudo tem princípio e fim, assim o meu jejum chegou ao seu termo há cerca de cinco anos, altura em que publiquei no jornal “Voz Independente da Vergada” um caderno especial pela passagem do septuagésimo quinto aniversário da morte do autor de o “Diário Íntimo”.

É, na verdade, este caderno, a génese do livro que hoje aqui humildemente, mas também com um certo orgulho, apresento a V. Exas.

Tem-se tornado para mim como que uma obsessão falar de Laranjeira e da sua obra. Será demais? Serão coisas bem ditas e apropriadas? Bom; falo porque me dá gozo espiritual falar; falo e escrevo porque entendo que nunca conseguirei dizer tudo dum carácter honesto e de uma obra, que, não sendo extensa, é, a todos os títulos notável. Pôr o que acabo de afirmar, entendo que nunca será de mais falar de Manuel Laranjeira, da sua integridade moral, da sua independência de espírito, da verticalidade do seu carácter, qualidades que juntas ao seu saber enciclopédico e à lucidez do seu pensamento, fazem do autor de “A Doença da Santidade” uma figura paradigmática das letras portuguesas.

São dele as palavras que passo a citar: **“Penso sentindo, e senti pensando - e tudo isto constitui a minha vida. Quer dizer: vivo sentindo o que penso e pensando o que sinto”**; fim de citação. Foi com este sentir, colado à alma e à carne, que Manuel Laranjeira nos deixou páginas memoráveis de filosofia estética, de filosofia científica, de crítica, de polémica, de combate, de política, etc., etc..

Esta forma de estar na vida e nas letras, levou-o a percorrer toda a escala de valores que constituem a razão de ser do homem moderno; Cultura, Igualdade, Liberdade, Solidariedade. Neste sentir e actuação, se explica o conteúdo filosófico, social e doutrinário dos seus livros e artigos. Homem do seu tempo, como realmente se confessa, diz no entanto que deveria ter nascido ou vivido duzentos anos antes ou depois da sua época. Premonitório, lamenta-se em 1910 ao seu fraternal amigo João de Barros, cito: **“Não me acuse V. Ex<sup>a</sup> de mau português, mas muitas vezes pesa-me intimamente e devo mesmo a lamentar que os homens ainda tenham nacionalidade e não sejam simplesmente homens.”**

Minhas senhoras e meus senhores:

Toda a obra que sai do homem é defeituosa. O prazer, a emoção que sinto diante de uma obra de arte, trate-se de peça literária, escultória, pictória ou trecho musical, não é, não pode ser, o mesmo que outrém possa experimentar ou sentir quando confrontado com a mesma situação. Assim sendo, a minha ingenuidade não chega ao ponto de pensar que o meu livro irá agradar a gregos e troianos. Se porventura contribuir para um maior interesse pela vida e pela obra do maior intelectual que a Feira e Espinho já tiveram, dar-me-ia por feliz e plenamente recompensado, ao verificar que as minhas horas de lazer não foram de todo perdidas.

Por último, e com o coração a transbordar de alegria (porquê fingir?), resta-me agradecer humildemente a todas as instituições públicas e particulares e aos meus inúmeros amigos, as ajudas e incentivos que tornaram possível materializar um sonho velho de muitos anos.

*Obrigado*  
*Espinho, 25 de Abril de 1992*

*Espinho, 25 de Abril de 1992. Ao fim da tarde, no ângulo das Ruas 19 e 20 era inaugurada a Exposição Fotográfica «Espinho no tempo de Manuel Laranjeira», da responsabilidade dos Serviços de Cultura da C.M.E.. Mais um grande êxito das Comemorações, alicerçado em imagens quase insuspeitas do grande público.*



*FOTO - Instantâneo registado no exterior do «Café Chinez»*

# ESPINHO NO TEMPO DE MANUEL LARANJEIRA

---

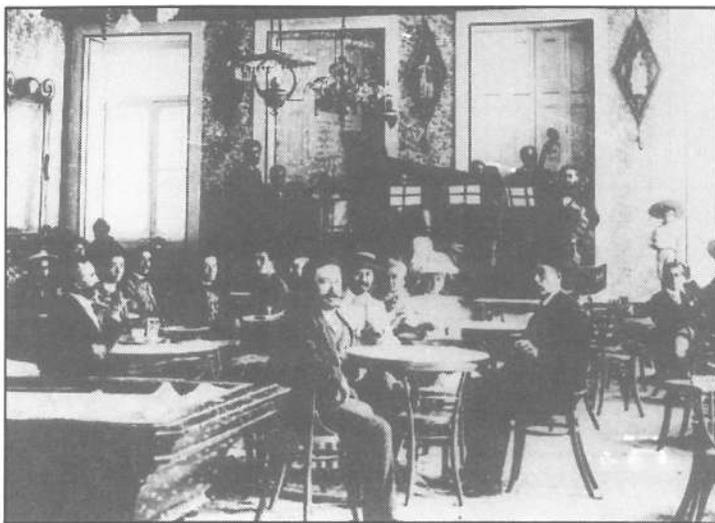
## EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

# ESPINHO NO TEMPO DE MANUEL LARANJEIRA

## EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA



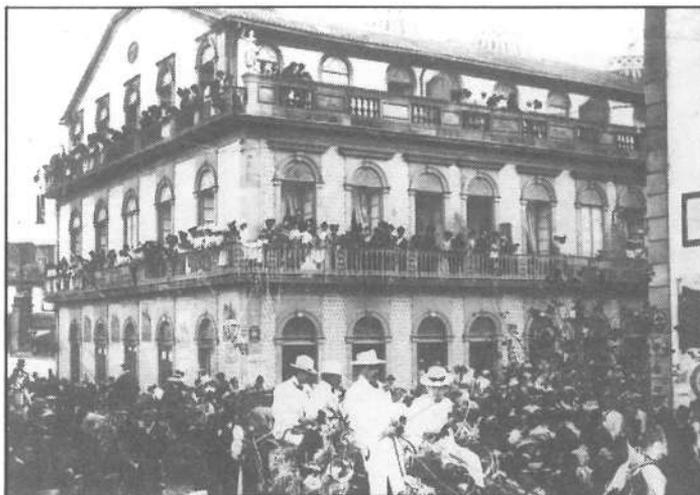
*Hotel e restaurante do «Café Chinez» - (Principio do Séc. XX).*



*«Café Chinez» (Salão interior. Ao fundo a orquestra privativa).*

# ESPINHO NO TEMPO DE MANUEL LARANJEIRA

## EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA



*O «HOTEL BRAGANÇA» em dia festivo.*



*A Zona da estação de Caminhos de Ferro.*



## Manuel Laranjeira - 1877 - 1912

Lançados em Sessão Solene, no salão da Câmara Municipal de Espinho, em 25 de Abril de 1992, esta obra, muito saudada, recebeu belíssimas críticas e elogios encomiásticos. Aqui se reproduz a opinião do respeitado crítico RODRIGUES DA SILVA, nas páginas de «O Jornal» de 15 de Maio de 1992.

## FOTOBIOGRAFIA DE UM VISIONÁRIO

Mal amados em vida, mortos bem cedo, os nossos escritores fotobiografados despertam todos paixões póstumas, as de leitores, claro; as daqueles, também, que às suas obras, às suas vidas dedicaram... fotobiografias - tudo livros que não é excessivo dizer terem sido fruto de uma paixão. Assim com Pessoa e Sá Carneiro, assim com Antero e Florbela. Assim, agora, com Manuel Laranjeira.

Das cinco fotobiografias, esta última, lançada em Espinho, no dia 25 de Abril, é a única que surge sem editor, a única, pois, em que o autor, para além do mais, arcou com a responsabilidade da edição. Paixão acrescida, pois, esta de Orlando da Silva, conterrâneo de Manuel Laranjeira, nascido, como ele, em Vergada (Vila de Feira).

Paixão acrescida, mesmo se, sem editor, o livro recolheu patrocínios diversos, com destaque para o da Câmara Municipal de Espinho, que, desde Fevereiro, tem vindo a comemorar o 80º aniversário da morte do escritor.

O livro de Orlando da Silva integra-se nestas comemorações e a justo título. Era o livro que faltava, como nos falta ainda (mas essa é outra história) a publicação de uma edição crítica das obras completas de Laranjeira. Digase, entretanto, que se um dia tal edição surgir, decerto, nesta fotobiografia muito se irá apoiar.

Para já, porque "Manuel Laranjeira 1877-1912" não se limita à recolha iconográfica, já de si excelente e exaustiva.

Vai mais longe, logo pela publicação da (até agora) mais completa cronologia do escritor. Cronologia comparada e levada ao pormenor. Um pormenor que nos permite, por exemplo, descobrir que, apenas entre 1905 e 1911, Laranjeira escreveu 34 cartas a Amadeo de Souza Cardoso. Amadeo era dez anos mais novo que Laranjeira. Conheceram-se em Espinho e sabe-se a importância decisiva que o escritor teve na ida do pintor para Paris. Laranjeira era assim: em vida tido mais como personagem do que como escritor, um visionário. Visionário porque

capaz de ver antes e ver mais longe. E sobre Amadeo ele viu que o seu destino passava por Paris, se queria dar o salto que o afastasse da mediania.

O próprio Laranjeira quis dalo (as cartas a Amadeo testemunham-no), mas faltou-lhe o golpe de asa que sobrou a Amadeo. Ou faltou-lhe o dinheiro. O pintor era fidalgo e rico, o escritor plebérrimo e pobretanas, como médico municipal ganhava a vida. Mal, até porque amparo de mãe, essa mulher que o adorava, a esse filho que ela deitara ao mundo com 53 anos feitos! Estava-se, então, em 1877, o que permite a Orlando da Silva dizer que Laranjeira, quer, aos 34 anos se haveria de suicidar, viveu na "belle époque". Num certo sentido, sim, mas convém dizer que para ele a "belle époque" foi a dos outros. A dele não foi nada bela. Médico de província, sem praticamente dessa província sair, relacionando-se afetivamente apenas com prostitutas e costureiras, Laranjeira, tuberculoso e sífilítico, só pela escrita, pela leitura e na tertúlia de

amigos (Unamuno, como Amadeo, fez dela parte) respirava. Mas era, mesmo assim, bem escasso o ar para uma alma tão carecida dele.

Ar puro que era o que à Pátria portuguesa então faltava, politicamente como estava enredada na intriga política, mentalmente, como era, conservadora e tacanha. A "belle époque" de Laranjeira foi, tragicamente, esta: a de viver na província de um país já de si provinciano e ser algo como um futurista que como tal se ignorava. "Cada dia era a véspera de um futuro onde ele já tinha estado" - escreveu, há um ano, no "Expresso", Inês Pedrosa, e não se conhece sobre Laranjeira melhor epígrafe

A província que, provincianamente, contribuiu para o seu suicídio, pagalhe agora, com este magnífico livro e comemorações diversas, a dívida que há 90 anos para com ele tinha. Nunca é tarde dir-se-á. Para os visionários, porém, tudo é sempre tarde de mais.

*Rodrigues da Silva*  
*Manuel Laranjeira 1877-1912*  
*Orlando da Silva*  
*Edição do autor*  
*522 páginas amplamente ilustradas*  
*Preço: 6500\$00*



## CICLO DE CONFERÊNCIAS

# MANUEL LARANJEIRA: E A CRISE DA RAZÃO NO PRINCÍPIO DO SÉCULO

Pelo Prof. Doutor António Reis



Caricature por Amadeo de Souza-Cardoso (1906)  
(Carta Postale — Coll. particular)

*3ª Conferência - Espinho, 15 de Maio de 1992*

## MANUEL LARANJEIRA E A CRISE DA RAZÃO NO PRINCÍPIO DO SÉCULO

*«Eu sou filho deste século de tristezas, de ansiedades impossíveis de satisfazer, de tédio, em suma. O espírito do homem contemporâneo voou muito alto, a uma altura em que o coração humano não pode atingir. O resultado é o homem pedir (exigir é que é) à vida coisas que ela não pode dar».*  
(Carta a Amadeo de Souza Cardoso, 24/12/1905)

O pessimismo de Manuel Laranjeira está longe de ser a simples expressão de uma peculiar idiossincracia pessoal, na margem ou a contracorrente da cultura europeia do seu tempo. Como ele próprio reconhece no trecho em epígrafe da carta que dirige a Amadeo, é o próprio século XX nascente que surge envolto num manto de tristezas, inquietação, tédio, insatisfação, como que carregando no seu bojo um novo “Zeitgeist”, um novo espírito do tempo, bem diferente do que marcara o século XIX. Embora se vivessem ainda os tempos despreocupados da “belle époque”, acumulavam-se no horizonte as primeiras nuvens das tempestades que assolarão a Europa a partir da Primeira Guerra Mundial. E é toda uma elite intelectual que começa a expressar os primeiros sinais dessa inquietação, de início algo larvar e depois quase obsessiva.

Laranjeira tem o mérito de ser entre nós um dos primeiros a aperceber-se de que algo começava a mudar no mundo e na cultura e a disso dar testemunho.

Ao triunfalismo optimista do século XIX, parece, de facto começar a suceder um tempo de derrotismo pessimista, já que a crença de que ela pela ciência tudo se tornava possível deparava então com as primeiras dúvidas levantadas pela desconfiança na capacidade da razão humana, e a crença no progresso e na ética do trabalho esbarrava agora com a emergência de um irreprimível sentimento de decadência e de tédio. Laranjeira, educado ainda na mundivivência positivista do século XIX, militante desse republicanismo transbordante do optimismo do progresso, presente muito cedo a mudança em curso, respirando na atmosfera os novos ares que se avizinham. Terá, aliás, a companhia de outro grande espírito do seu tempo, Raul Brandão, que, nessa honra ímpar e precursora da nossa literatura que é Húmus (1917), assim caracteriza os novos tempos pela boca de uma das personagens: “A vida antiga tinha raízes, talvez a vida futura as venha a ter. A nossa época é horrível porque já não cremos - e não cremos ainda. O passado desapareceu, do futuro nem alicerces existem. E aqui estamos nós sem tecto, entre ruínas, à espera...”

Mas se Brandão nos propõe uma saída pela via do espanto e do sonho, de que a sua ficção e o seu teatro se fazem eco, Laranjeira levará o seu pessimismo até às últimas consequências, não antevendo outra saída para além do suicídio e da morte. A dialéctica da crença e da descrença (“Bem sabes: crer ou não crer/eis o dilema, o segredo/de viver ou morrer”) desemboca na ideia de destino e fatalidade (“o desejo de viver/já não tem asas: e a vida/dá vontade de morrer”), assente na convicção de viver para o nada (“Em tudo vejo a morte! E assim, ao

ver/que a vida já vem morta cruelmente/logo a seguir, começo a compreender/ como a vida se vive inutilmente”) que conduz ao suicídio como resposta final à tragédia da vida. Uma resposta última, a que ele só chega depois de falhadas, porque insuficientes e insatisfatórias, tanto a inicial resposta cientista como a posterior resposta esteticista-elitista dos “homens-génios”, que ainda ensaiou sob a influência de Nietzsche. Ao optimismo trágico do filósofo alemão acabou por contrapor assim o seu pessimismo trágico, que terá em Mário Sá Carneiro um outro expoente. Também segundo o amigo de Pessoa, com efeito, viver não é possível para o “homem superior”, a quem restam apenas como saídas a morte ou a loucura (“enlouquecer, que vitória!”). Nem um nem outro, afinal, tentaram as outras vias que na cultura europeia se começavam a abrir para a crise da razão, doravante declarada, e que adiante descreveremos.

Esclareça-se desde já, porém, que o pessimismo trágico de Laranjeira não é a única manifestação lusitana desta crise europeia da razão na viragem do século. Antes dele, tanto o simbolismo cultivado entre nós por Eugénio de Castro, como o nacionalismo tradicionalista da geração de 90 e a sua peculiar expressão em António Nobre, podem ser interpretados, cada um à sua maneira, como reflexos ou sinais dessa crise, embora o pessimismo de Laranjeira vá, sem dúvida, mais longe no modo como a assume. E depois, dele, também o misticismo poético-filosófico do movimento saudosista de Pascoaes, por um lado, e o modernismo sensacionista de Pessoa/Álvaro de Campos e futurista de Almada Negreiros, por outro lado, constituirão outras manifestações entre nós

dessa crise da razão clássica. Mas só o pessimismo de Laranjeira, no entanto, a assume na radicalidade das suas consequências, não enveredando por qualquer das alternativas ou saídas que cada uma dessas outras correntes advogava: nem a palavra como símbolo, nem a saudade como mística, nem a sensação ou a força como vivência.

É certo que tanto nestas outras correntes como em Laranjeira deparamos com alguns traços comuns: o mesmo diagnóstico decadentista da sociedade portuguesa, que os próprios modernistas também subscrevem, a mesma tentação elitista na terapêutica preconizada, a mesma crítica da razão intelectualista como faculdade fabricadora de conceitos abstractos e universais que empobrecem o homem. Mas enquanto os simbolistas apelarão ao mistério do oculto, a que só a palavra poética nos faz aceder, os tradicionalistas apostarão na redescoberta do fundo etno-instintual da raça, preservado pela tradição, e os saudosistas aliarão à mística poético-metafísica da saudade de Pascoaes o criacionismo de Leonardo Coimbra, Laranjeira, por seu lado, quedar-se-á prisioneiro da angústia e o desespero de um pessimismo trágico sem outra saída que o nada e a Morte. E morrerá pouco antes de os seus compatriotas sensacionistas e futuristas surgirem a apelar à sacralização da vida como sensação ou como força.

Falámos até aqui, fundamentalmente, das várias manifestações lusitanas da crise europeia da razão no princípio do século, para melhor compreendermos a especialidade e a radicalidade, de entre todas elas, do pessimismo trágico de

Laranjeira. É altura de nos debruçarmos sobre os caminhos que leva, a Europa a mergulhar nessa crise, depois dum século XIX dominado pelo triunfalismo da razão, quer na sua versão científico-positivista da entidade apta a reproduzir conceptualmente uma realidade fenomenal regida por relações determinísticas, quer na versão neokantiana de sistema de conceitos **à priori** criador da própria realidade, quer ainda na versão neohegeliana de encarnação de um real que com ela dialecticamente se identifica.

Um tal triunfalismo da razão com a sua concepção intelectualizada do universo, da vida e do homem, começa a ser posto em causa, já na segunda metade do século XIX, sucessivamente por Marx, Nietzsche e Freud, para além de Kierkegaard e de Schopenhauer. A concepção do homem como praxis revolucionária em Marx, a concepção do homem como vontade de poder ser criador de novos valores em Nietzsche, e a concepção do homem como libido em Freud, vêm mostrar que, afinal de contas, há mais mundo no homem, que escapam ao reducionismo repressivo do intelectualismo positivista ou idealista. Mas também a literatura russa das últimas décadas do século, sobretudo através de Dostoievsky, contribui para a difusão de um sentimento trágico da vida, que leva a encarar a morte simultâneamente como uma tragédia e como uma força dinâmica capaz de nos levar a viver intensamente na sua frágil brevidade. O teatro escandinavo, por seu lado, com Ibsen e Strindberg, descreve um mundo de dor intensa, em que todos somos culpados e todos somos responsáveis, em que a existência é um mistério e a vida um enigma vivido por

personagens irracionais possuídas por forças obscuras. O pessimismo de Schopenhauer espalhava-se como uma sombra pela Europa. E se acrescentarmos a estas correntes o decadentismo estaticista de um Óscar Wilde, teremos completo o quadro propício à quebra dos grilhões racionalistas-intelectualistas, que as novas teorias científicas da física, acompanhadas pelas filosofias do intuicionismo de Bergson e do pragmatismo de James, acabarão por operar.

O caminho fica, assim, aberto para uma verdadeira ofensiva irracionalista na cultura europeia, que, ao longo das primeiras décadas do século XX, aliciará sectores cada vez mais importantes das elites, penetrará na opinião pública e terá mesmo os favores da moda intelectual, remetendo os seus adversários racionalistas para posições defensivas. É uma ofensiva que se desenvolve em várias frentes, cada qual crucificando a Razão em nome de valores ou alternativas consideradas mais eficazes no desvendamento da verdade do universo e do homem. Vamos enumerar e descrever sumariamente cada uma delas.

1) **A aposta numa fé religiosa anti-racional** (Unamuno, Chesterton, Péguy, Claudel): esta é, de facto, a época das grandes e surpreendentes conversões, do cristianismo vivido como aventura e mistério, da fé entendida mais como um risco e uma aposta à maneira de Pascal do que como uma certeza estribada em fundamentos racionais, de um mundo sujeito à errância de destinos individuais e já não a uma casualidade prédeterminada e ao qual só a fé e a esperança podem dar um sentido, de uma vida que não se esgota no conhecimento, já que «todo o vital é anti-racional», como dirá Unamuno, o

amigo de Laranjeira, para quem o sentimento trágico da vida se manifesta através dessa dolorosa tensão entre o desejo de imortalidade da alma e o cepticismo da razão.

2) **O regresso aos valores da tradição e a mística da Nação** (Barrés, Maurras): à angústia dos novos tempos, responde-se também com os apelos a factores de ordem afectiva e bio-etnológica - a Família, a Raça e a Nação - preservados através da tradição da história passada e defendidos por um regime assente na ordem e na autoridade do chefe ou do monarca.

3) **A libertação da palavra e da linguagem poética da servidão da razão**: depois da palavra como símbolo de uma verdade oculta e misteriosa no movimento simbolista, assiste-se com futurismo ao uso da palavra como anátema e exorcismo de uma ordem antiga, para, a partir dos anos vinte, com o movimento surrealista, essa palavra se transformar em revelação de uma nova realidade subjectiva mais profunda, em acto revolucionário; a palavra e a linguagem poética vão, pois, mais além do que a razão conceptual, retomando a intuição do primeiro romantismo alemão, para o qual «não há mundo maior que o mundo dos artistas» (Schelegel) e o poeta surge como o antagonista do sábio; a linguagem é, pois, como dirá Merleau-Ponty, um «aparelho que nos dá mais do que nela pusemos» e não um instrumento servo da razão.

4) **O refúgio na memória e no instante como lugares do eterno (Proust e Joyce)**: a memória afectiva e estética sobrepõe-se à memória intelectual e cronológica, permitindo ao escritor eternizar os seus prazeres do passado,

esteticamente revividos e recriados, do mesmo modo que o instante ou a curta duração de um presente intensamente vivido e recriado condensam em si a eternidade.

**5) A fragmentação do seu e o envolvimento na comédia de atitudes:** da denúncia da inautenticidade (Gide) que leva à importância para agir (Huxley) e faz da racionalidade uma máscara de comédia, chega-se à convicção da impossibilidade mesmo da sinceridade e da autenticidade que fazem desaparecer o nosso eu nesse esforço para as atingir (Pirandello); viver passa a ser projectar fora de si actores de comédia e o homem não é mais do que uma ficção autocriada, que Fernando Pessoa assumirá na radicalidade da heteronímia.

**6) O mergulho na acção como lugar da aventura e do risco** (Psichari, T.E. Lawrence, St.-Exupéry, Malraux, Junger e Malaparte): enquanto uns verão na acção, entendida como busca do perigo, da aventura e do risco solitário, um meio de educação e formação que os leva a vencer a fraqueza própria e a descobrir e viver o valor da fraternidade, como Malraux, numa perspectiva eminentemente ética, outros, como Junger e Malaparte, encaram-na numa perspectiva eminentemente estética como fim em si, que cria os seus próprios motivos; uns e outros tenderão a conceber o homem como «soma dos seus actos, do que faz e do que pode fazer» (Malraux), que procura dominar este mundo sem leis não pela razão mas pela acção.

**7) A queda no vazio e no caos da existência com os correlativos sentimentos do absurdo e do desespero: o Homem sem Qualidades de**

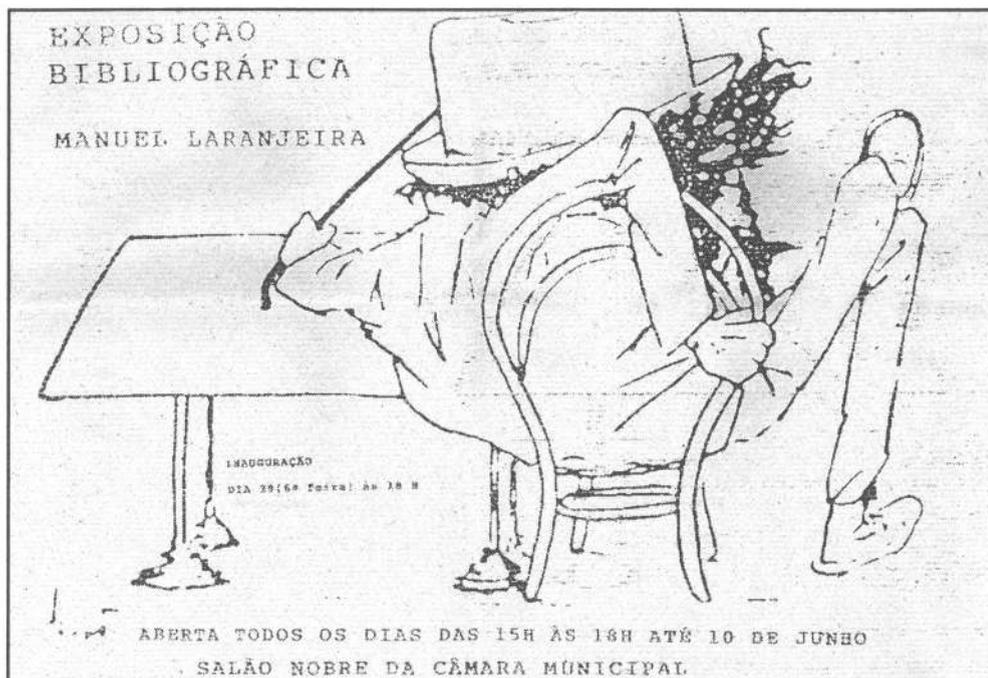
Musil é uma crónica da Viena de 1913, centrada na descrição do vazio do homem que perdeu qualquer referência a uma ordem superior, enquanto a obra de Kafka encerra o homem em cidadelas do absurdo, que o impedem de agir, porque já não existem leis para a sua acção num mundo irracional, apesar do seu desejo de clareza; ambos vão, afinal, mais longe do que simbolistas, modernistas ou surrealistas, já que recusam qualquer sentido oculto ou nova realidade, para se curvarem ao império do caos, da ausência de sentido, do vazio.

Intuição, crença, instinto, inconsciente, fé, tradição, linguagem, memória, instante, dissolução do eu, absurdo - foram, afinal, outros tantos substitutos que as primeiras décadas do século XX trouxeram para a razão triunfante do século XIX outras tantas manifestações da crise dessa razão. Num ambiente cultural marcado ainda entre nós pelas certezas positivistas ou teológicas, Laranjeira foi dos primeiros a aperceber-se de que o novo século trazia dentro de si o fim dessas certezas e o começo de um mundo de «ansiedades impossíveis de satisfazer». Não de tédio, porém, já que em breve a busca de saídas alternativas mergulhará a cultura europeia numa agitação sem precedentes, expressão inevitável dessa insatisfação. Ao escolher o suicídio, Laranjeira privou-se da possibilidade de testemunhar essa agitação ou de nela tomar parte activa como muitos dos seus contemporâneos.

18 horas do dia 29 de Maio de 1992. Era inaugurada, no Salão Nobre da Câmara Municipal, a  
**EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA Manuel Laranjeira**

(Da responsabilidade dos Serviços de Cultura)

*O cartaz...*



COMEMORAÇÕES MANUEL LARANJEIRA  
1877 - 1912

**EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

**Manuel Laranjeira**

**1992**



Retrato literário desenhado  
por Gazeta de Espinho, 25.2.1912

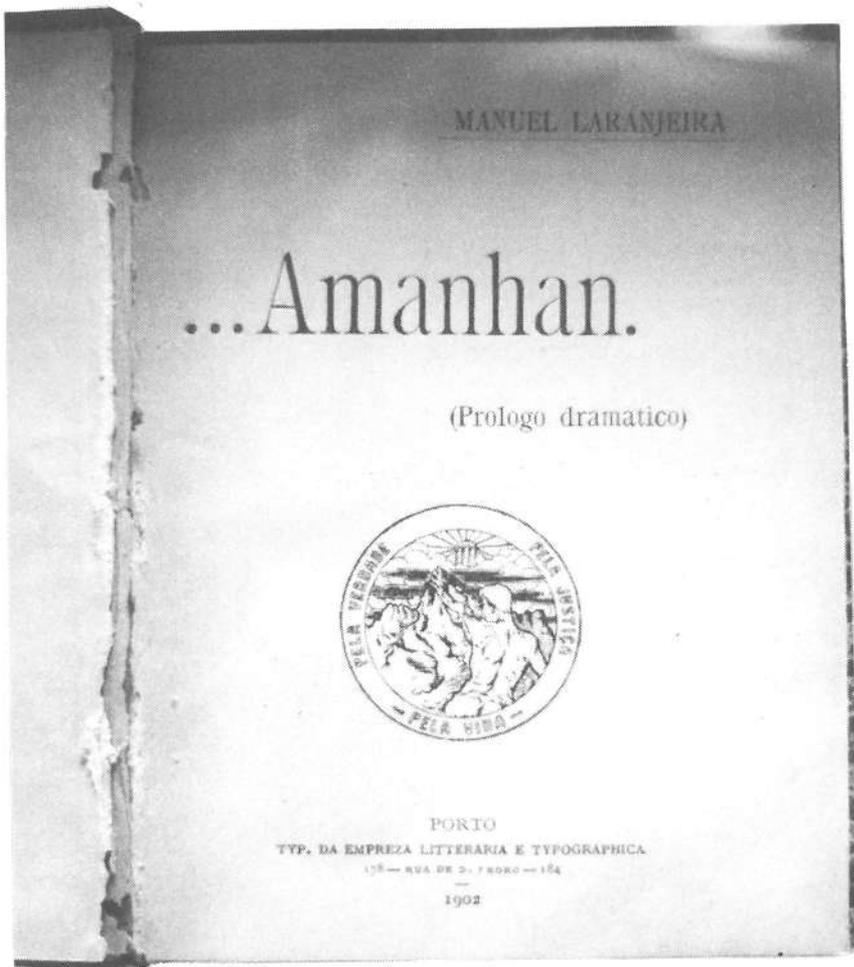
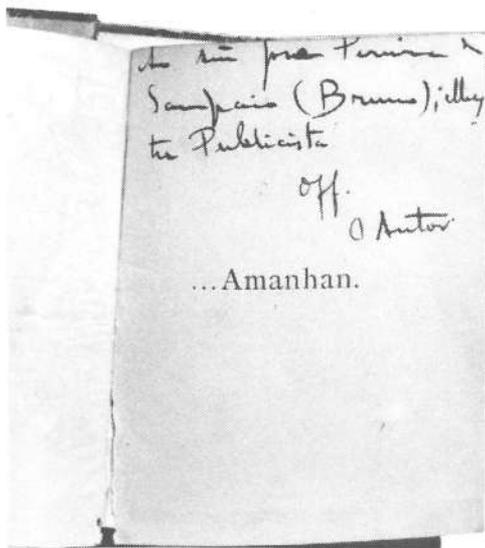
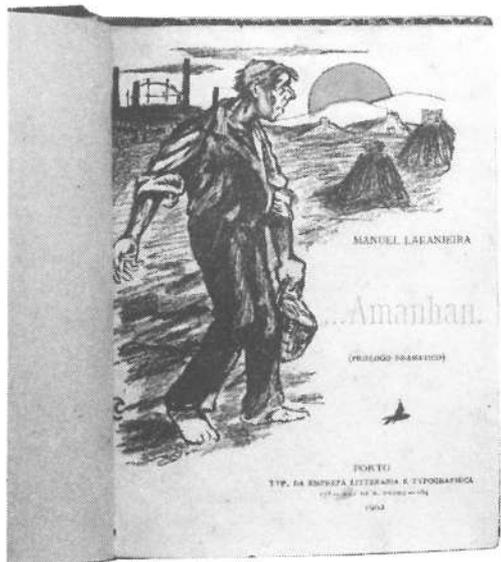
*... E o Catálogo da Exposição*



*A atitude prosaica e a «pose de pensador».  
Duas maneiras diferentes de enfrentar a posteridade.  
O mesmo génio sensitivo.*



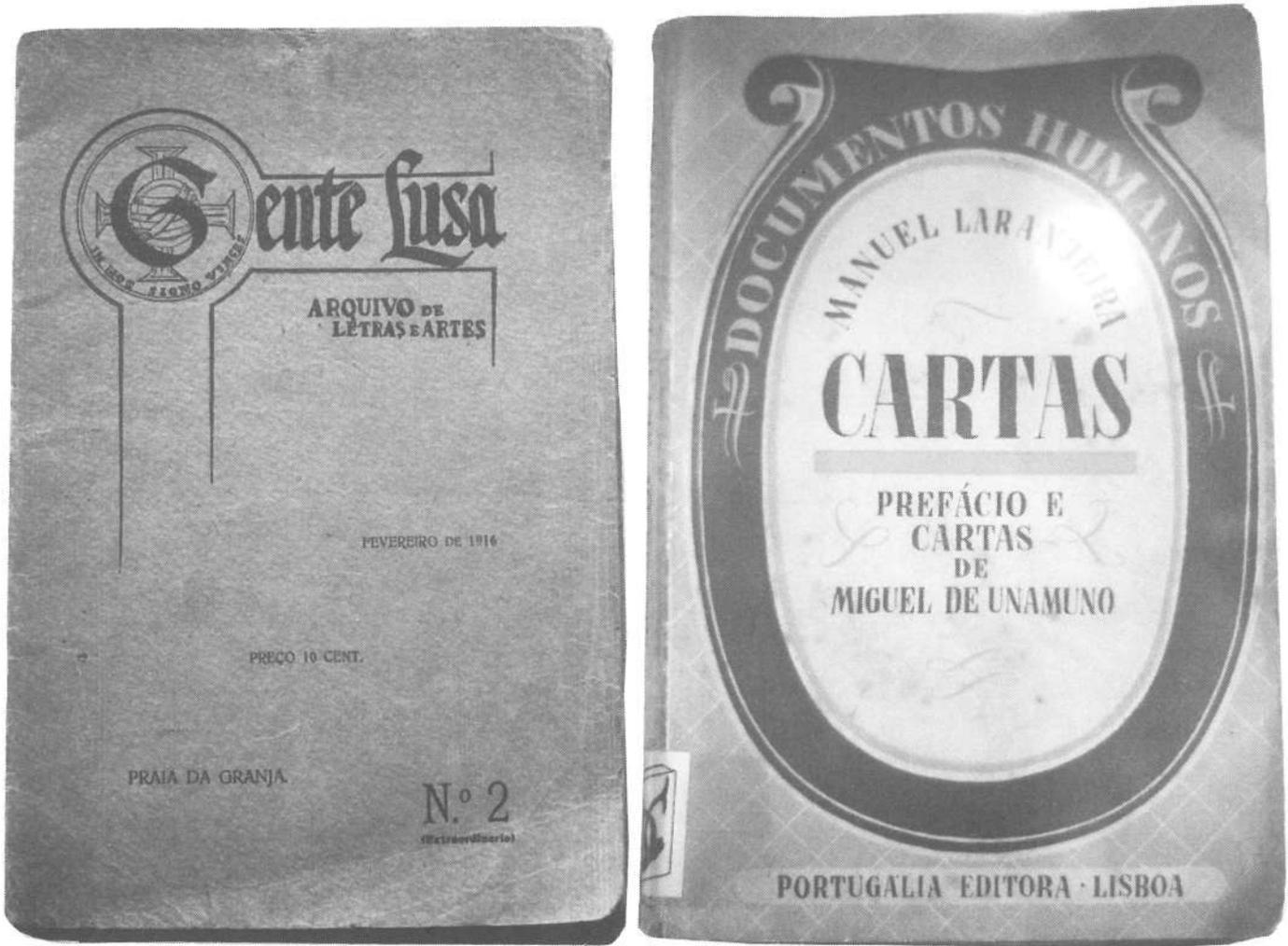
# EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA - (Fragmentos)



«AMANHAN» Edição de 1902

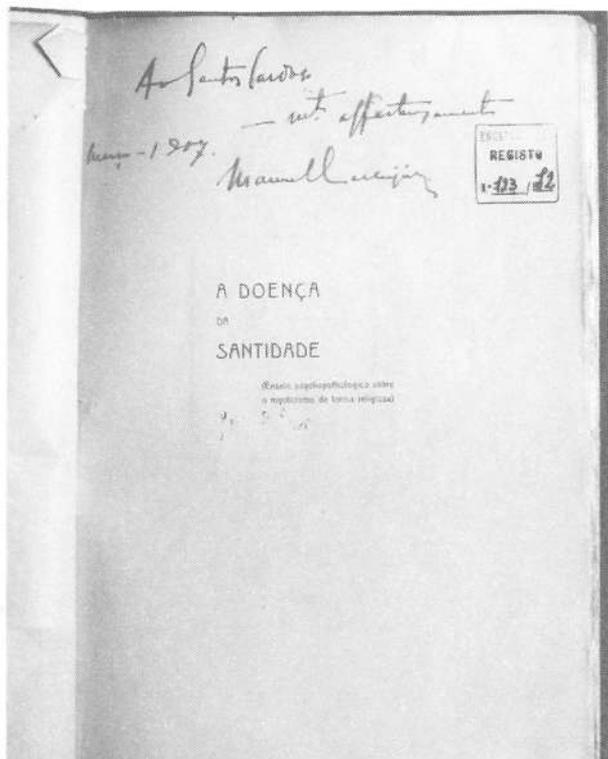
(Em dedicatória: Oferta do Autor a Sampaio Bruno)

# EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA - (Fragmentos)

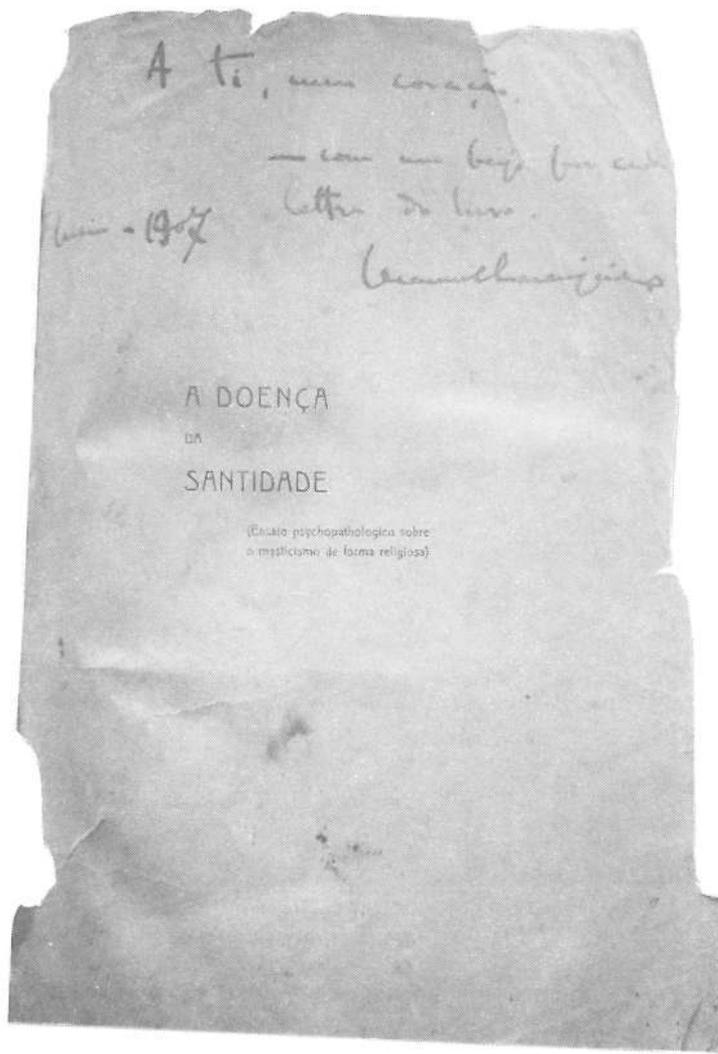


*Mais dois exemplares de Edições posteriores à morte de Manuel Laranjeira.*

## EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA - (Fragmentos)

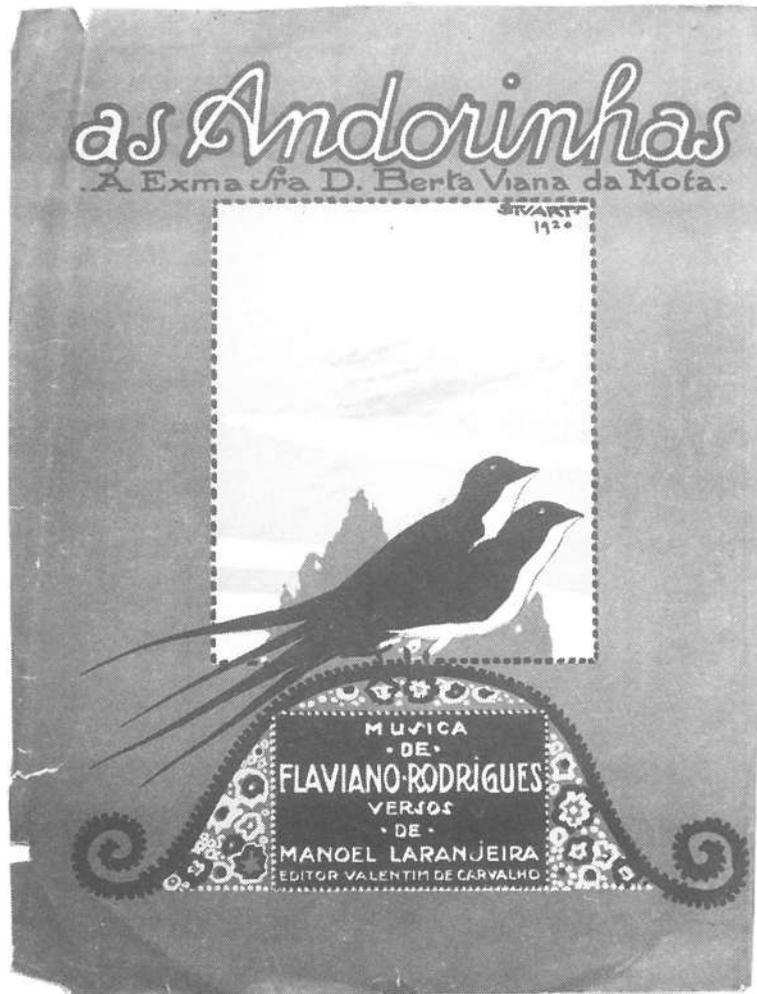


Em 1907, Manuel Laranjeira oferecia um exemplar de «A Doença da Santidade», «a Santos Barbosa muito affectuosamente»...



... para dedicar um outro, assim:  
«A ti, meu coração, com um beijo  
por cada letra do livro»...

# EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA - (Fragmentos)



*Oito anos após a morte de Manuel Laranjeira os seus versos inspiravam Flaviano Rodrigues, o qual escreveu a partitura da Opereta «As Andorinhas», cuja capa se reproduz.*

*Duas curiosidades: o Editor era Valentim de Carvalho; e a Ilustração da capa era de Stuart Carvalhais.*

## LARANJEIRA NA CARTEIRA\*

**A FOSFOREIRA PORTUGUESA**  
*encontrou uma maneira «Sui-generis» de se associar às Comemorações Laranjeirinas.*

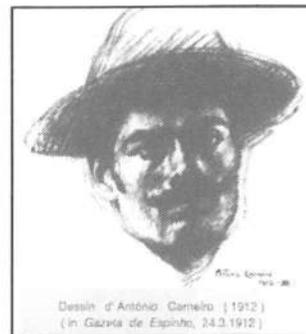
Manuel Laranjeira

1877 - 1912

Nasceu em Vergada (Vila da Pena) em 17 de Agosto de 1877. Formou-se em medicina na Escola Médica do Porto. Em 1907 defendeu tese, apresentando um trabalho de interpretação psicológica da misticismo: A Doença da Santidade Viveu em Espinho, onde exerceu medicina e foi presidente da Câmara. Suicidou-se a 22 de Fevereiro de 1912.

1

CONSERVAR FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS  
E EM LUGAR SECO



Desenh. d' António Carneiro (1912)  
(in Galeria de Espinho, 24.2.1912)

Manuel Laranjeira

1877 - 1912

"Eu, neste Espinho enervante e melancólico, absorvido num pontilismo barato, ao alcance de todas as consumptividades nacionais. E lado ham e mau de Espinho é ser um abençoado canto da terra. As sentimentalidades esquistas e complicadas, como a minha, enerva-a uma infinta tristeza... A mim causa-me a tristeza de viver, ou pior, o tedio de viver..."

2

CONSERVAR FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS  
E EM LUGAR SECO



Caricature por Amadeo de Souza-Cardoso (1906)  
(in O Primeiro de Janeiro, 17.3.1943)

Manuel Laranjeira

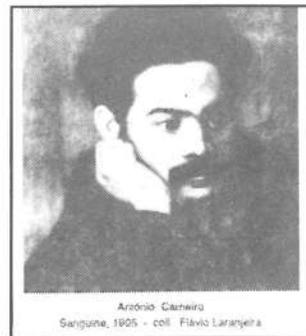
1877 - 1912

"Ela propôs, sabe? O António Carneiro fez-me o retrato. Parece-me uma tela soberba, tanto mais que o pintor deu-me uns ares hamletianos, cerrou-me a cabeça, duma auréola enormemente lisoteirada - como se eu fosse um homem de génio..."

Nama raru a  
Amadeo de Souza-Cardoso.

3

CONSERVAR FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS  
E EM LUGAR SECO



Arónio Carneiro  
Sargueta, 1905 - coll. Flávio Laranjeira

# LARANJEIRA NA CARTEIRA\*



Caricatura por Amadeo de Souza-Cardoso (1906)  
(Carta Postale — Coll. particular)



**Manuel Laranjeira**  
1877 - 1912

"Somos um povo sem comunidade de pensar e de sentir; somos um povo percorrido uma fase trágica de desequilíbrios, um povo cuja organização, de hora para hora, está perdendo a sua consistência. A alma portuguesa, sob a ilusória aparência duma unidade rítmica, está sofrendo duma desagregação cada vez mais intensa..."

4

CONSEGUIR FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS  
E EM LUGAR SECO



Caricatura de Diogo de Macedo  
(in Revista Açúcar, 1910)



**Manuel Laranjeira**  
1877 - 1912

Manuel Laranjeira frequentava duas tertúlias de intelectuais: uma em Espanha (Café Chinês) e outra no Porto, onde colaboreava em vários jornais.

Das frequentadores das duas tertúlias, destacam-se os seguintes: António Carneiro; Amadeo de Souza-Cardoso; Ramiro Mourão; Pedro Blanco; João de Deus Ramos; João de Barros e Miguel d'Unamuno.

5

CONSEGUIR FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS  
E EM LUGAR SECO



Retrato de Cristiano de Carvalho  
(in Gazeta de Espanha, 24/3/1912)



**Manuel Laranjeira**  
1877 - 1912

Deixou uma obra poética, ensaística, teatral e ainda um diário, distribuído pelos seguintes livros: Amêmbi (prólogo dramático), 1902; A Dorça da Santedade, 1907; A Cartilha Maternal; e a Filologia, 1909; Canção (poemas), 1912; Carta, 1943; Psicotismo Nacional, 1955; Diário Íntimo, 1957; Poemas Perdidos, 1959; Indúbio; As Forças (trama em um acto) e Almas Românticas (peça em quatro actos - inacabada).

6

CONSEGUIR FORA DO ALCANCE DAS CRIANÇAS  
E EM LUGAR SECO

## CICLO DE CONFERÊNCIAS

# MANUEL LARANJEIRA e o Sentimento Decadentista na Passagem do Século

---

Por Dr. Eugénio Montoito



Caricature de Diogo de Macedo  
(in Revista *Apollon*, 1910)

*4ª Conferência - Espinho, 12 de Junho de 1992*

# EUGÉNIO MONTOITO

**MANUEL LARANJEIRA**

*e o Sentimento Decadentista na Passagem do Século*

(Estudo Antológico)

... o meu pessimismo vem do que eu chamarei a fatalidade orgânica. O homem, meu amigo, ainda é um ser em conflito consigo mesmo: ainda é um agregado de vísceras que lutam por devorar-se até ao dia da solidariedade, da harmonia final.

\*

O Cristo não é belo porque nos evoque o que certo Galileu fez num pórtico do palácio de Pilatos, há dois mil anos, diante duma multidão que o acisava. É belo sobretudo porque nos diz o que o Homem, quando o acusam do crime de ideal, faz diante das maiorias que o não compreendem e condenam.

\*

As ideias têm tudo a lucrar em serem agitadas.

**S. Pedro de Penaferrim**  
**1992**

## O TEMPO DE MANUEL LARANJEIRA

### *Espinho, Passagens de Encanto e Desencanto I*

*É de todas as praias a mais estimada por aqueles que a frequentam. Os banhistas de Espinho tomam-se por este sítio de uma espécie de exaltação patriótica, exclusiva e intran-sigente.*

#### **Ramalho Ortigão 1**

*Espinho volta aos seus dias melancólicos. Chove do céu aquela luz romântica e bendita, aquela melancolia saborosa e indefinível. (...) quero saborear isto, como quem saboreia dolorosamente, añorando, recordações duma vida que a ilusão nos tornou fugaz. Espinho volta a ser o romântico Espinho da nossa mocidade.*

#### **Manuel Laranjeira 2**

*Espinho é, com efeito, e por excelência, além da costa celebre da sardinha, a piscina consagrada da magistratura.*

#### **Ramalho Ortigão 3**

Espinho, com o seu espaço urbanístico de uma geometria riscada por traços perpendiculares, sobre linhas paralelas, onde pairam maresias enevoadas, que com o percorrer do tempo foram apagadas pelas investidas do mar<sup>4</sup>, como passagem de borracha sobre desenho de lápis, em corrosões de uma terra movediça que o homem teima, obstinadamente, em defender, fazem parte de um envolvimento natural entre um mar que se estende por um vasto e prolongado areal e uma povoação que se espraia encostada ao oceano dançante.

Todo este imemorial combate entre natureza e homem reflectiu-se, na história espinhense pela cristali-

zação constante de uma dualidade de interesses humanos que possuíam, como ponto convergente, o mar fronteiro.

Por um lado, a vivência social e económica de extractos identificados, de imediato, a uma fisionomia imposta por avanços e recuos de estacas, pedras, palheiros e fracas dunas, dispostas frente a um mar, tão tenebroso como prendado, em que os primeiros e principais intervenientes foram gerações sucessivas de homens navegantes de barcos sem quilha e fundo chato, que viviam lançando redes de arrastar além barras, naqueles espaços mais vazios de ondas crescentes, onde as vozes dos arrais do mar eram lei, para, depois de encontrado o logradouro, regressarem aos areais e depositarem os cabos de mão das barcas na fé de tremelhos precisos que puxavam sacos e fundas, numa união de força humana e animal em forma de corda, fugindo apressadamente ao fluir e refluir das ondas ciosas de provarem o seu valor.

Eram fainas piscatórias próprias de graciosas moldagens no arrancar ao oceano conquistado o seu tesouro crepitante.

Homens e pescadores, que após louvores e deuses e santos, enchiam as canastras com a safra e, depois de a envolverem em borrifos de areia dourada, entregavam o valor das tecas da sua sobrevivência aos equilíbrios dos passos bamboleantes da suas mulheres vareiras e enviavam-nas, agora por estradas e caminhos mais seguros - mas, também algo incertos - gritando o seu mar: - De Espinho Viva!<sup>5</sup> Sardinha e Pequenina!

Por outro lado, o repartir do quotidiano verânico com os passeantes burgueses, vindos em *expedições de solavancos*<sup>6</sup>, que chegavam do Porto, Penafiel e Amarante para cumprir com os velhos hábitos de convivência, repouso e banhos, provocava alterações nos ritmos sociais vividos durante as restantes estações do ano, particularmente no anular da acalmia desassossegada vivida quando o mar se fechava no inverno e impedia a presença de visitantes.

O Hotel Particular, o Bragança, o do Café Chinês e a Nova Estrela, os prédios do Senhor Fulgêncio Pereira, do Cardoso Valente ou do Pinto Bastos<sup>7</sup> enchiam-se de veraneantes.

A republicana rua Dezanove<sup>8</sup> ou Bandeira Coelho, enquanto houve monarquia, via-se preenchida por magotes familiares que, figurativamente podemos concretizar a entrar e a sair do salão-jardim High Life ou percorrendo os novos e alargados passeios, custeados por particulares e calcetados pela Câmara, em consonâncias de hábitos de passagem de século, assim como que mostrando o valor e a posição de quem

caminhava por entre aqueles *largos arruamentos rectangulares de lojas para direita, lojas para a esquerda...*

Eram viajantes, passeantes, curiosos, clientes de *camisarias, chapelarias, quinquilharias, modas*<sup>9</sup>, tabernas e armazéns em instalações maiores ou menores, definitivas ou provisórias, vindos a um chamamento decoradamente anunciado com grandes tabuletas, em concorrências desenfreadas de genuíno comércio espinhense ou de sucursal de um qualquer lojista do Porto.

Por entre estas ruas de poeirentos macadames circula uma *espessa multidão, rajada de tipos diversos de forasteiros*<sup>10</sup>, marcando o seu estrato social, a sua procedência geográfica, o seu estilo e a sua saúde material. São os *Janotas de Lamego, da Régua, de Viseu, com esporin e luvas novas, bigode farto, chapéu à banda, braza ardente no charuto, e no olho*<sup>11</sup>, vestindo os recentes casacos com lapela reduzida e cintura marcada, os coletes de cor branca, as calças vincadas e estreitas, rasando um sapato de biqueira quadrada.

Vêmo-los sós ou dando o braço livre, como suporte afectuoso a uma frágil e elegante companhia, agora não comentada por se saber que aquela união corresponde de facto a um estado devidamente abençoado por Deus e reconhecido pelos homens, mas que não evita um olhar observador e uma avaliação completa ao vestido em crepe de china com saia dupla e pequena cauda, de cintura com peitilho e gola plissada, adornado por bordados e rosas em tecido, calçando botas de camurça e, em cima de um cabelo ondulado, um chapéu ornamentado com flores.

São os ricos comerciantes, os altos funcionários aduaneiros, os digníssimos conselheiros, os ilustres magistrados e as suas excelentíssimas esposas que passeiam pausadamente, marcando o equilíbrio e a cadência do passo com o indispensável toque de classe dado pela bengala na mão masculina e a sombrinha aberta (do mesmo tecido garrido do vestido), delicadamente repousada no ombro feminino.

As crianças, essas, em jogos de corrida e fintas às atrapalhadas velhas ou noviças amas ou criadas, desfraldavam os seus vestidos brancos de bordado inglês ou os seus conjuntos de azul marinho, empoeirando as meias rendadas e os sapatos de pelica, tudo numa harmonia cuidadosamente controlada.

A par desta circunstância de cor não podemos deixar de juntar toda uma panóplia de figurantes que Ramalho Ortigão, em observações farpianas, admiravelmente nos descreve, tendo palco o *Chiado* espinhense:

Eclesiasticos morenos, sólidos, de beiços grossos, sobranceiras cerradas, chapéus molles desabados, cabeção e volta ao pescoço, cigarro brejeiro nos

dedos.

Paes de famílias salamanquinas, de jaleco côr de pinhão, sombreiro de toureador, cara rapada, e a trouxinha em lenço de seda suspenso da mão pelas quatro pontas.

Meninas de tournure, vivos de velludo magenta na golla do vestido, chapéo de palha forma Carlos IX, e botinas por engraxar.

Lavradores minhotos ou transmontanos, de capotes de briche com fôrro encarnado e golla de pelles.

Mulheres do campo, sempre arrepiadas da frialdade do banho, artelhos nús e descarnados, saia pelos hombros, mãos encruzadas no estômago, lenço na cabeça, cabelo em vizeira sobre os olhos, pés arrastando chinelas.

Músicos ambulantes; tocadores de realejo; rabequistas cegos arranhando a Marseillaise acompanhada à viola; e mendigos de romaria, à moda antiga, de muletas, barbas grandes e saccola ao pescoço, como nos dramas da Rua dos Condes; ou de pernas às costas, em monogramma, andando nas mãos como phantasticos aranhaços. Tudo isto bole, mexe, rabeia, de cá para lá e de lá para cá, no grande arruamento central a que chamam o Chiado, n'uma atmospherá vivaz, sacudida, peneirada por uma animação de arraial, confusa de cheiros e ruídos diferentes, impregnada de vapores de fritura e de exalações de caranguejos fermentados ao sol, envôlta em poeira, repicada de pregões, de música feirense, do telintar de dinheiro, nas batotas, e do estoirar de foguetes na estação, aos comboios que chegam com banhistas novos

12

Dominada que era a Passarele da Rua, em mistura de pensamento de medo e de curiosidade fascinada pela passagem sobre os reinos da modernidade, qual fronteira entre uma vila velha e uma nova vila, chegava-se ao coreto improvisado da Avenida Serpa Pinto - também ele, memória de um antigo naufrago sacrificado às fúrias do mar, quando em outros tempos dominava o Largo da Nossa Senhora da AJuda -, para assistir a uma actuação da Banda de Música da Real Fábrica de Conservas Brandão Gomes, ou então, entrava-se no

Café Peninsular para uma reconfortante gasosa, sifão ou outra bebida congénere, saída da vizinha Fábrica do Mocho, e isto, antes de se procurar a arte mágica do senhor Carlos Evaristo Júnior, no fazer uma fotografia pintada para recordar aquele fim de dia de verão que, pacatamente, corria no ano da Graça do Senhor de Mil Novecentos e Cinco. Porém, estes eram apenas os momentos de compasso de espera, onde se escondia a ânsia do saudoso retorno às mesas de roleta ou bacará. Nesses inúmeros casinos, inexistentes no papel dos decretos mas brandamente aceites, vivem-se os verdadeiros momentos de exaltação da permanência nesta vila marítima, através de exorcitantes palpites sortudos ou de desilusões choradas pelas glórias perdidas.

Caso nos tivéssemos recolhido à observação um pouco mais cedo, e não fosse um movimento fim-de-semana, verificámos que, logo após se ter erguido tardiamente o sol envergonhado, decerto que íamos encontrar as barracas de praia do medalhado banheiro António Lapa, acolhendo as distintas famílias numa ordem própria que a privacidade necessária impunha, porque o contacto com os vizinhos em redor restringia, por si, qualquer hipótese de misturas menos desejadas. Eram as famílias de Espinho que não queriam conhecer as da Granja, as do Porto que ignoravam as de Penafiel, as Espanholas que se refugiavam numa incomunicabilidade algo linguística, as dos ditos Brasileiros que despertavam o escárnio das outras.

E, quando as conhecidas meninas, coristas do último music-hall em representação nas animadas soirées do casino apareciam, em gritinhos e indecisões arrepiadas pelo contacto com a água fria, nos seus calções de castorina escura, em audaciosas demonstrações de pernas descobertas que sugeriam os mais indiscretos mistérios, o mar conseguia fazer-se ouvir, porque as conversas e gargalhadas escondiam-se por entre murmúrios, desvios de olhares e risos simulados. No entanto, o perigo de qualquer confusão estava afastado, pois as Donas e Donzelas de família já tinham ido provar a água, faziam-no ainda o areal estava pouco pisado. Agora, que o respeito assim o exigia, conversavam e comentavam a última actuação de piano de uma filha de um qualquer cambista do Porto, enquanto secavam os seus uniformes herméticos de sobrecasaca, apertada na cintura por cinto de igual tecido, de calças de igual desenho e textura, tudo rematado com debruns e folhos de nastro branco. Os pequenos, mais dispersos das realidades da vida mundana, jogavam, corriam ou chapinhavam nas poças de água fugidia quando as ondas lhes viravam as costas. Os homens, chegados muito depois dos merendais, pois Domingo não se tratava, e porque as obrigações para com os seus e os deveres para com a sociedade assim os obrigavam, percorriam, quais sentinelas, pelo fim da linha-de-água, discutindo as soluções que a recente municipalidade<sup>13</sup> deveria seguir contra as constantes invasões

do mar<sup>14</sup>, enquanto fumavam daquele tabaco estrangeiro, vendido na tabacaria da Independência de José Manuel da Silva, conhecido depositário da Companhia dos Tabacos de Portugal, no 121 da Bandeira Coelho.

Tudo isto numa conformidade anunciada em folhas volantes de números únicos, em adaptados bilinguismos linguísticos, em defesa de prosaicas manifestações de rivalismos locais:

La playa de Espinho

Es sim duda una, de las mejores de Portugal pues dado la bueno e igual tempratura que durante los mezes de Juho e Octubre se disfruta, permite a los senores veraneantes, poder tomar los banos sin cuidado ninguno e ademas encnentra siempre um servicio de baneros que puede competir con los mejores da peninsula. (sic)<sup>15</sup>.

Cinco meses em que o pequeno burgo provinciano se transfigurava na Espinho espectadora das mundanidades das famílias burguesas nortenhas e galegas que, em democráticas segregações, repartiam os dias, os locais e as vistas, segundo as referências obrigatórias descritas nos correntes guias e almanaques, a par de presenças menos desejadas de passageiros «peregrinos», subtilmente romanceadas por Mário Cláudio, na obra *Amadeo*:

Aos Domingos, os das aldeias mais próximas, de Grijó e Gulpilhares, de Arcozelo e Perosinho, ocupavam a área deixada pelos sistemáticos, espojavam-se a esmo, pisavam as algas de calças arregaçadas, banhavam-se enfim, numa girândola de gritos e impropérios, saindo de combinações e cuecas coladas a seus volumes. No dia seguinte, surgia uma extensão juncada de papéis de embrulho, ossos de frango, cascas de melancia.<sup>16</sup>

Tinha sido o dia dos vilões!

Os outros, os fidalgos<sup>17</sup> - apenas de nome alcunhado - preferiam apreciar, nos seus círculos fechados de clubíssimas opiniões, os prazeres de um passeio até à Fonte do Mocho ou à Ponte da Canha; desfrutar com as penitências oferecidas por uma ida à Romaria do Senhor da Pedra; deleitarem-se com um concerto de

música variada na Assembleia; assistir, empoleirado na janela do quarto do seu hotel, ao desfile dos carros alegóricos da festa das flores ou mesmo participar, mostrando-se ao volante de um último modelo da *Argill*, divertirem-se com a última fita muda do Cinamatógrafo Avenida; ou ainda, presenciar uma corrida de touros de morte na nova Praça de pedra e cal, recentemente edificada pela comissão de melhoramentos.

### **Espinho, Passagens de Encanto e Desencanto II**

*Eu, neste Espinho enervante e melancólico, absorvido num panteísmo barato, ao alcance de todas as contemplatividades nacionais - a do Lopes inclusive. É o lado bom e mau de Espinho; é ser um abençoado canto da terra. Às sentimentalidades esquisitas e complicadas, como a minha, enerva-as numa infinita tristeza. Aos temperamentos rectilíneos, espalmados, como o dos brasileiros, envolve-os num afago mole e bom como o doce da goiaba.*

**Manuel Laranjeira** <sup>18</sup>.

Com o regresso do fim da época balnear, Espinho volta aos seus dias melancólicos. Chove do Céu aquela luz romântica e bendita, aquela melancolia saborosa e indefinível<sup>19</sup>, e no salão Chinês, passamos a reencontrar o sossego da vida social burguesa espinhense, no redescobrir essencial das tertúlias de algumas das suas personagens mais ricas. Elas tinham, em cumplicidades de desprezo e sarcasmos, gozado com as trivialidades vividas, com os amores e as comoções dos suspiros e das indiferenças dos que tinham passado por aquela praia, andado por aquelas avenidas, extasiado os sons dos violoncelos do Peninsular. Eram um Amadeo de Souza Cardoso, um Pinto Coelho, um Ramiro Mourão, um Manuel Laranjeira, entre outros, que desfiavam sem perdão o peso do tédio e da melancolia de quererem ser os únicos não caducos naquele pequeno Espinho de mesas redondas e de cadeiras de espaldares largos.

Os encontros não tinham horas e as conversas perfilavam-se conforme os tempos e os acontecimentos, mas quem regia a ressaca de uma morte tediosa, cem vezes anunciada, era, de facto, Laranjeira, o homem contrafeito por ter nascido num século e dar conta disso num outro século.<sup>20</sup>

Os repositórios de recordações que este vulto deixou em outros espíritos, seus companheiros e cúmplices de idealismos, liberdade e revolta, fizeram vê-lo e recordá-lo como um homem, essencialmente céptico,

introvertido e melancolizado pelas lembranças do ser e do pensar das gerações trágicas.

Os seus vagares espinhenses, percorrendo em passos solitários o caminho da sua verdade, por justiça, valores e sonhos, fruto de um misticismo de desencontro entre o seu Deus e o seu Homem, a par de um constante isolamento físico, provocado por um estado de saúde algo instável, levaram os seus amigos e os amigos dos seus amigos, a recordar cada encontro de café como uma evasão à morte cantada:

*Ao nosso canto carregado de fumo de tabaco e sonho chegava a figura do suicida, trazida pelos passos incertos de tabético. Tomava uma das suas posturas descompostas: o tronco de magricelas desequilibrado na cadeira, a tombar sobre o mármore sujo de bebidas e cinzas que enedoava mais a vestimenta desleixada; as pernas estiradas, em cruz nos joelhos inseguros; o chapéu mal sustido na floresta negra da cabeleira; a bengala em riste, a marcar o compasso dos pensamentos sem ou com ordem. Na face de prognata e tuberculoso hereditário, uma barbite sempre mal rapada, bigode fecundo que rimava com a cabeleira, olhos negros, enormes, aveludados. E bebia e fumava.*<sup>21</sup>

Manuel Laranjeira vive, sofre e divide-se por entre ideais e sonhos que, apesar de algumas vezes serem mais convulsionados por uma inquietude de espírito do que definidos pela rigidez de pensamento, não deixam de nos dar um retrato rico e esclarecido sobre uma mentalidade muito, própria (em constantes combates acesos e desgastantes contra o «seu mundo conturbado»), transportada inúmeras vezes na palavra e na imagem para um espaço geográfico e um tempo cronológico precisos.

Contudo, esta limitação terrena e temporal reflectiu-se, de forma física, na escolha permanente de um refúgio eremítico em terras de Espinho, qual abençoado canto da terra que o defendia da mundanidade da sua época e, paralelamente, lhe proporcionava uma leitura cultural localizada, a qual ele transferia para um plano superior, sem limitações na extensibilidade dos seus testemunhos.

Era um mundo descrito de forma fluída, mas que pela sua própria natureza inquieta e contraditória, apresentava-se fragmentado e indefinido, como produto de um tempo em que o virar do século, com o seu agonizar pelos falhanços dos finais de XIX e as esperanças e expectativas que poderiam advir com o XX, mais não eram do que tempos de conflito entre, por um lado, a razão e a verdade e, por outro, o sentimento e a fé.

*No meio daquela humanidade vivendo a vida edémica durante a fugacidade duma noite, eu era o despenhado, o estranho. Aquela vida não me sorria porque poderia ter-me nos braços o instante duma noite, porque era a vida fugidia, porque não era a vida, a vida dos meus sonhos e dos meus desejos. Daquela vida que ali turbilhonava a meus pés, convulsionada, sacudida bruscamente por um arrepio de gozo, estava eu desterrado, e sentia-me despenhado, voluntariamente desterrado ali.<sup>22</sup>*

Este desterro da vida, representado num encontro fortuito com as fogueiras de uma noite de São João, no areal da sua praia, é o exemplo prático da dualidade conhecida pelo seu sentir sobre o espaço geográfico e a dimensionalidade das suas manifestações.

Porém, este voluntarioso exílio também pode ser observado como um sintoma de irreverência, que se manifestará da mesma maneira em dois tempos político-sociais distintos e balizados pelo Cinco de Outubro de 1910. Por um lado a recusa de convivência com tudo aquilo que podiam representar os pólos de decisão e de circulação do poder político e cultural monárquico - simbolicamente apresentado pelo poeta através da sua aversão pela Cidade<sup>23</sup> - e, por outro, com algumas incidências em ambos os períodos, a opção de escolha por uma via de comportamento intencional, onde, de certa forma, o afastamento pacífico dos meios e dos intervenientes proféticos, levá-lo-iam - com o conhecimento prévio das consequências dos seus actos<sup>24</sup> - a não receber qualquer tipo de reconhecimento que ultrapasse as fronteiras de Espinho e do seu grupo de amigos<sup>25</sup>.

Posto isto, não deixa de ser notório, na reflectividade dos escritos do poeta, do cronista, do político ou do médico, o testemunho de excelência das contradições da época, que se reconheciam nos espíritos oposicionistas como produtora do inútil e do mesquinho e, conseqüentemente, caminhante e encaminhadora para uma *desagregação da alma colectiva*<sup>26</sup>.

Deste modo, a Espinho de Laranjeira, é acima de tudo, a simbiose do seu ser interior com a ambiência sensorial do exterior que o envolve. A sua alma também espelha, a par do vento desabrido, o cerco das brumas, enquanto a imobilidade dimensional dos percursos e rondas que faz dia a dia, reflectem uma descontinuidade de pensamento que se oculta atrás de um silêncio amargurado e de uma desmotivação justificada pela existência de uma fadiga moral<sup>27</sup>. Sintomas estes, próprios de um descrente esmagado pelo

seu solitário tédio e figurante de tempos de transição entre um mundo que desabava e um outro que tremulamente germinava na dúvida das ideias abortadas, das missões e destinos frustrados, das iniciativas patrióticas malogradas.

Manuel Laranjeira dirá:

*O meu silêncio é o meu tédio, este desolamento de morte, este desânimo, este cansaço permaturo - em face dos homens, das coisas e da vida<sup>28</sup>.*

Ou então,

*Perdoa o meu silêncio, (...) já que se trata, em mim, de uma dessas pavorosas crises de tédio... e mais alguma coisa. Mais alguma coisa - quer significar este desânimo, este nojo, este desespero, esta desolação infinita, indizível, esta angústia sem nome pela vida, pelos homens e pelas coisas até. Eu não sinto o vazio universal de Antero: Sinto uma coisa pior - sinto a torpeza universal. Em redor de mim tudo desaba, tudo se afunda, tudo liquida na mesma lama, na mesma porcaria sentimental. Tudo! - mesmo aquilo e aqueles que eu me afizera a considerar como cobertos de atmosfera imaculada.<sup>29</sup>*

Ora, é esta descrença que se vai sobrepondo a uma perda fugaz de ilusões, à morte dos seus sonhos, numa forma de interpretação universalista, que vai prevalecer sobre qualquer possibilidade de entusiasmo e que o levam a não reconhecer o seu espaço - habitual figuração - base de um todo colectivo - merecedor de registo quanto aos seus encantos e às suas gentes.

*Sobre Espinho está caindo uma bruma pesada, parda, e no meu espírito está-se formando uma névoa gris, fria, álgida, húmida - como tédio. Este céu imóvel como a tampa duma imensa sepultura, se nos deixa respirar os pulmões, não nos deixa respirar a alma.<sup>30</sup>*

Ou então, num outro momento, quando escreve:

*Sinto um desânimo infinito. A vida parece-me ilusória até à hora amarga do desengano. E eu pergunto de que serve ter-se ilusões grandes e belas ilusões.*<sup>31</sup>

Espinho não parece estar nas suas graças. Ele esmaga-a frequentemente com referências adjectivas, identificadas por condições atmosféricas adversas, mas que não deixam de ser apenas justificações de um estado de espírito inquieto e padecente, de uma saúde física trémula, de uma solidão de ser, ou de uma incerteza ou dúvida surgida num ideal concebido - tudo numa descrição lamentosa e insurgente contra as lamas que se vão formando, um pouco por cada lado, logo que aparecem os primeiros chuviscos.

Em Manuel Laranjeira *Espinho agoniza*<sup>32</sup> perpetuamente, num quotidiano de tempo, de lugar, de eventualidade ou de momento, em palavras sentidas que se repetem em comunicações epistolárias ou em registos íntimos.

*O dia despertava, brumoso, turvo, como a face dum condenado. O Céu opaco, pardo, feito duma névoa espessa como lama, pairava sobre a terra triste e cansada, caía pesadamente sobre o mar tenebroso como um caos.*<sup>33</sup>

\*

*... numa tarde brumosa e triste, duma tristeza lúgubre.*<sup>34</sup>

\*

*Levantando-me aborrecido e fatigado. O ar que respiro é venenoso e amargo. A luz da tarde é azeda e glacial.*<sup>35</sup>

\*

*Vou para a praia com a Augusta, enquanto sobre Espinho desaba um vento terreno, de leste, assolador como a cólera de Deus.*<sup>36</sup>

\*

*Cai um nevoeiro que nos põe os nervos como lama. Desce, envolve tudo. E a alma gris e paralizada sente-se como aquelas aves que, de asas molhadas, tentam debalde voar pelas alturas e não conseguem senão arrastar-se pela terra. Esta atmosfera molhou-*

*me as asas. O remédio é ficar-me aí para um canto, como as aves que não podem voar, a tiritar arrepiado, nostálgicas e aborrecidas.*<sup>37</sup>

\*

*Sobre Espinho paira um céu quieto e sujo, pardo e irritante, que me faz mal. Deixo à sua imaginação o evocar como eu estarei dos nervos neste abismo de lama - uma terra de lama, um céu de lama, um mar de lama...*<sup>38</sup>

\*

*Dia brumoso e gris. Uma luz espessa, húmida, suja, parda como lama. Há uma tristeza tediosa que se exala do céu e da terra e se infiltra nas coisas e na alma. A terra, as nuvens parecem uma grande esponja cor de cinza, embebida em lama. Em luz viscosa, em tristeza, e sobretudo em aborrecimento*<sup>39</sup>.

\*

*Como ontem, um dia sujo e pardo. A mesma luz viscosa e imunda. Flutua na claridade gris, debaixo de nuvens esponjosas e informes, uma poeira húmida, folinhosa, que converte tudo em lama - terra, céu, espírito, o mar... tudo parece estagnado como um lamaçal sem fim...(...) está um dia de morte... de morte!*<sup>40</sup>.

Contudo, esta insistência nas más condições atmosféricas (e apenas em relação às más condições atmosféricas e não a qualquer outra referência ou intenção subjacente), apesar de poderem ser, efectivamente, sentidas por um homem de fraca saúde física, não deixam de ser na realidade - numa forma retórica de emblemáticas manifestações - o retrato do país real.

*... aí por essas ruas de Espinho (por todo o Portugal)...*<sup>41</sup>

Espinho funciona como uma redução de escala, através de um processo comparativo e meramente dimensional, na leitura de críticas e na apresentação de propostas de soluções sobre um Portugal desgraçado<sup>42</sup> que se reconhece estar a atravessar uma hora brumosa, gris, crepuscular no seu destino. Assim sendo, é frequente o uso metafórico de um vocabulário de referências desanimadoras, onde, de um modo geral, as

situações denunciadas são o resultado de cortes com as realidades circundantes, consideradas opressivas nas suas causas e, conseqüentemente, limitativas nos efeitos manifestados na capacidade social e criadora do poeta.

A este impasse descrito e emoldurado por cercos de brumas e tédio, também considero mistério do seu inaudito aborrecimento e refúgio<sup>43</sup>, Manuel Laranjeira contrapõe uma outra fuga, ditada e pensada vezes sem conta em decisões<sup>44</sup> ou intenções. Ela situa-se além fronteiras, numa ida para a terra do seu sonho e da sua fantasia: - Paris. Aquele mundo onde se vive, onde se sente, onde se repousa, onde se trabalha<sup>45</sup>, e que pela força que representa no seu idílio o afasta do vazio total para onde o seu pensamento se encaminhava:

*Há momentos em que eu sinto agitar-se turvamente no fundo do meu ser a ansiedade suicida do esquecimento e repouso. E tenho medo de afogar-me numa destas vertigens. (...) Vou ver se consigo fugir deste Portugal narcótico, e tentar tomar por esse mundo um grande banho de energia que me estimule a dar fruto também<sup>46</sup>.*

Posto isto, não consideramos errado afirmar que Espinho é um cenário falso, que serve para justificar a não existência de barreiras no desânimo do seu pensamento. Contudo, também sabemos que ele idealizou esta fuga mais como uma solução justificativa, do que como uma opção reconhecidamente verdadeira e aplicável. Se assim não fosse, não haveria dúvidas e conflitos entre os seus sentimentos e as suas razões.

O Poeta escreverá, em Setembro de 1904:

*Penso sentindo, e sinto pensando - e tudo isto consiste a minha vida. Quer dizer: vivo sentindo o que penso e pensando o que sinto. Estado ideal este meu para outros tempos que não estes que vão decorrendo, para estes tempos de conflito, de desequilíbrio entre o sentimento e a razão.<sup>47</sup>*

Sentimentos e razões que deverão ser vistos sob uma dualidade de forma de pensamento: a de interveniente social que exige a sua presença como participante activo no processo de transformação da

sociedade e a de pragmático perante a realidade da sua própria vida pessoal e íntima, como indivíduo responsável por tudo aquilo que os seus possam ter ou não ter -e, ele próprio, possuir ou não possuir.

A família, para Manuel Laranjeira, é o travão que impede a sua tão desejada partida. É uma convivência forçada que lhe reprime a vontade e lhe impõe a presença da responsabilidade, originando uma flutuação de comportamento, entre um moralismo patriarcal e a contradição resultante da consciência do fraco proveito, tirado da relação existente.

A 27 de Outubro de 1906, Manuel Laranjeira, numa carta enviada a Amadeo de Souza Cardoso, explica os porquês da sua não ida para Paris:

*Sair de Portugal não é um acto que dependa da minha vontade unicamente. Não é falta de vontade, não é falta de desejo, não é falta de força, não é esgotamento de energia, não é a fé apagada; é somente porque não depende de mim ir: é porque há uma coisa superior à minha vontade, à minha energia, à minha fé e que está fora de mim.*

*(...) Eu não vou, não porque não quero; não vou porque não posso, porque não me deixam.*

*(...) Tivesse você que carregar com o fardo da responsabilidade de alguns destinos como eu, tivesse você a retê-lo aqui alguns braços e alguns corações que você não quisesse destruir impiedosamente, tivesse você o caminho da vida obstruído como eu tenho - e veria como toda essa sua força, toda essa sua energia se inutilizaria desfeita como uma coisa ilusória.<sup>48 49</sup>*

O quotidiano de Manuel Laranjeira arrasta-se em contenções e imobilidades passadas entre o seu quarto, o seu espaço de consultório (entre as 11 e as 14 horas), os descansos no Chinês, no Peninsular ou no Aliança, os lazeres nos passeios de praia ou de avenida, nas visitas a casa da Augusta. Tudo observado rotineiramente como um encarceramento que provoca fadiga e desinteresse e, conseqüentemente, se vê refletido nas imagens da mundanidade deste seu pequeno mundo.

O poeta vai tomando consciência das inutilidades dos seus esforços e da sua pregação, reagindo amargamente à imobilidade humana que o rodeia, através de aclamações de desprezo e de fuga para um

mundo restrito de espiritualidade e de intelectualismo superior, bem distante dos tempos em que afirmava a João de Deus Ramos que os frutos da sua alma, a partir do momento em que os reconhecia em pensamentos, ideias ou sensações finais, deixavam de lhes pertencer, para passarem a ser propriedade dos homens<sup>50</sup>, de todos os homens. Por isso, a raiva do seu desespero, a angústia da sua dor, o farão afirmar que:

*Ainda a melhor maneira de desprezar os homens - é tolerá-los. Suportar os homens, como quem suporta as coisas, é estar acima deles, ou pelo menos fora deles. Se as coisas não nos indignam, porque haviam os homens de indignar-nos? E para suportar os homens basta pensar que como as coisas eles são máquinas do destino - joguetes irresponsáveis<sup>51</sup>.*

\*

*Meu caro Amadeo, no mundo, em todo o mundo, há uma minoria insignificante de criaturas que dentro da espécie humana formam uma família à parte<sup>52</sup>.*

Em Espinho, espelho do seu tempo, as respostas são meramente convencionais e também demonstrativas de um povo incrédulo e ingénuo - igualmente definido como sentimental - que se deixa dominar pelas emotividades teatrais dos que detêm o poder (ilustrando o escritor este pensamento com as alegóricas manifestações que rodearam a aclamação do Rei D. Manuel<sup>53</sup>).

Contudo, para nós, o exemplo mais flagrante deste desânimo perante a atrofia social pode ser observado quando escreve sobre os seus pescadores, como retrato de uma realidade que a análise e a vivência diária e permanente podia proporcionar e onde se reconhece que apesar de ter havido tempos em que era assumida alguma simpatia e fascínio pela simplicidade e frontalidade com que aqueles homens dominavam o mar e a vida, o contraste singular, produzido pelo comportamento passivo perante as amarguras dos tempos de miséria e fome e a escolha constante do fugir ao problema, através do afogamento possibilitado pela frequência e uso da bebida, alteraram-lhe o sentir e o pensar sobre as suas gentes.

Dirá a António Carneiro

*Pela gente do mar também eu já tive esse carinho. Hoje reconheço que tal sentimento*

*era uma sentimentalidade artística. Essa gente é tão desgraçada que nem piedade inspira. Quanto muito a simpatia humilhante que se tem pelos estropeados de nascença.*

*(...) Compreendo o seu carinho. Também eu me iludi, enquanto os não vi com olhos de naturalista. Creia, eles, no fundo, são uma raça miserável e desgraçada, tão desgraçada que até os sentimentos mais elementares de solidariedade têm pervertidos. Aqui em Espinho, pelo menos. Eu exemplifico com um facto que aqui é vulgar, tão vulgar, que é quotidiano. Um pescador pede uma esmola para comprar pão para os filhos que estão em casa com fome de dias - amigo, de dias! Dão-lhe. Vai gastá-la na taberna até cair de bêbedo, se a esmola der para tanto. Nem sequer se lembrou que em casa os filhos estão há dias sem pão. Já é ser espantosamente desgraçado!<sup>54</sup>.*

No entanto, esta observação, algo cruel, sobre a vida do povo espinhense encontra o reverso da medalha no reconhecimento das causas da desgraça. Manuel Laranjeira sabe que este é o outro lado de Espinho: lado antigo e triste, emparedado entre a linha de caminho-de-ferro - qual muro fronteiro de bairros novos, ricos e burgueses - e o mar rigoroso e invasor do espaço de casario pobre e abarracado.

*O mar está invadindo a povoação e já tem arrastado consigo alguns palheiros de pescadores miseráveis.<sup>55</sup>*

Resgistaré revoltado.

O poeta compreende, de facto, a questão e reconhece que apesar de viver a mundanidade de uma *vida burguesa*<sup>56</sup>, as soluções dos ditos problemas passam pela organização da defesa da vila e não pela aplicação de qualquer acto de caridade hipócrita em relação à miséria das suas gentes<sup>57</sup>.

Vem de longe o problema e a solução. O mar corroendo vagarosamente a duna, desfolhando-a dos seus haveres, enquanto os homens vão tomando, de longe em longe, algumas providências, mais como meros procedimentos pontuais do que resoluções definitivas, que adiavam até uma outra ocasião o solucionar do

infortúnio.

As promessas do poder político recaíam sistematicamente no ter e haver de construir o desencantado paredão, que assegurasse a tão desejada indemnidade contra as investidas do mar. Monarquia e República, a seu tempo, argumentarão com as possibilidades materiais, com as oportunidades cedidas pelo oceano, com os rigores dos pareceres técnicos da sua engenharia hidráulica, e Espinho contra-argumentará com as suas solicitações, reclamações e protestos, com as suas perdas, os seus medos e as suas esperanças.

Manuel Laranjeira também advogará esta necessidade espinhense, chegando a ser mandatado pelas comissões republicanas da paróquia e do município, em Fevereiro de 1911, para transmitir as preocupações e os desejos ao então Ministro do Fomento, Dr. Brito Camacho. No regresso de Lisboa, participará, a quem o quis ouvir, em conferência realizada no teatro Aliança, os resultados de tal encontro, comunicando, também ele, novas promessas de resolução de obras de defesa da povoação.

Porém, aquele mar, apesar de adversário chorado, conseguia ser panteistamente visto pelo poeta, numa inconstante e diversificada forma: ora como companheiro de sensibilidade romântica - numa auto-proclamada personalidade não romântica, e isto, quando nos diz.

*Andei hoje com a Augusta pela beira-mar, a apanhar seixos, a comer amêndoas, a saltar pelas rochas, sós, alegres, descuidados, como nos romances. Essa hora teve para mim um encanto especial que eu nem sequer sei em que consistia... Talvez por ser parecida com as horas idílicas dos romances.... Talvez por ter passado já. A recordação de certos prazeres é mais saborosa do que os prazeres mesmos...<sup>58</sup>*

ou então, como uma identificação com o abismo que anula, em consciência, todo o seu espaço de pensamento numa inutilidade algo sombria e vã, quando projecta, nesse mesmo mar, toda a universidade dos seres e de tudo aquilo que existe.

*Ao anoitecer, fui panteistamente ver o mar. Um céu sombrio, abraçava-me a um mar sombrio. E entrei a delirar tranquilamente sobre a escuridão das coisas, sobre o abismo da existência... tudo vão e em vão!<sup>59</sup>*

Estas duas pequenas afirmações, retiradas de uma imensidão de exemplos, permitem concluir que o *Mar de Laranjeira* é, também, ele, um interlocutor dos seus difíceis dias de existência e do desejo de procura insistente da perfeição. É algo que se encontra no infinito, mas que é fervorosamente procurado porque se crê existir nessa mesma planura longínqua, a razão da adaptabilidade de todos os pragmatismos defendidos em ideias e ideais.

*O mar é o símbolo da inquietude; desta ansiosa inquietude da nossa alma, que nos faz andar sempre a desejar, a desejar, a desejar sem fim,*<sup>60</sup>

Este mar, reconhecido nos olhos e na alma melancólica dos homens e mulheres da sua terra, transporta, para si, a sua inexplicação insatisfação por tudo aquilo que pensa compreender e conhecer, mas que, de facto, reconhece serem apenas indefinições e incompreensões:

*(...) eu estou farto de saber que o mundo não pode ser belo como a nossa fantasia o sonha, para que me hei-de perturbar com a imperfeição das almas.*<sup>61</sup>

Este seu lamento é universalista - já o dissemos - mas, como tal, da sua pena, e de igual modo observado por aquele que foi o seu grande amigo e confessor: Miguel de Unamuno, só haverá uma manifestação que corresponde à *alma dessa costa triste como os pinheiros melancólicos que à beira mar tenebroso, mar de naufrágios, parecem cheios de saudades doutro mundo, de um mundo, impossível*<sup>62</sup>. Era um mundo de dúvidas<sup>63</sup>, de dores e esperanças por se querer mais do que se podia alguma vez pensar e que, racionalmente, o próprio poeta acaba por aceitar como objectivo mais impossível do que possível, mais irreal do que real. Mundo resultante da sua fantasia, mundo que foi criado apenas pelo seu espírito<sup>64</sup>, e onde todas as ideias de felicidade são eliminadas pelo seu supérfulo, já que o Bem, o Mal, a Perfeição, a Bondade, a Pureza - embalanços próprios da sua alma - não deixam de ser noções relativas, ou seja, e por nossas palavras, é o encontro com um homem dividido entre a consciência de descobrir a inutilidade dos seus sonhos, como consequência da desarmonia provocada no seu espírito, e o cuidado em não renunciar a esses mesmos sonhos.

Em Outubro de 1908, em carta a Martinez Sierra, escreverá o poeta aquilo que num futuro muito próximo será a sua última contradição, o tentar consolar o desespero do que é inconsolável:

*... não: renunciar á los sueños - não. Pelo contrário: é preciso sonhar sonhar, sonhar!  
- Sonhar sempre: na vida e sobretudo na morte,* <sup>65</sup>.

Porém, as ideias que vivem no seu pensamento acabam por ser compreendidas apenas por um grupo restrito de ouvintes, permanecendo o colectivo alheio e amorfo na assimilação do seu discurso, ignorando, assim, a voz de um dos seus rebeldes e provocando nele uma sintomatologia desesperante de ódio, incompreensão e dor contra os homens, a sociedade e a sua própria razão de viver.

É o princípio do fim. É o levantar-se as dúvidas sobre as ideias e os fundamentos dos ideais defendidos, na intensificação do tédio pela vida, em considerações constantes sobre a inexistência do valor, da razão e do ser. Fortifica-se a solidão e o desespero, aproxima-se o acto sublime de abandono, provocado pela sensação de se ser um estranho e um inimigo da realidade pela qual se luta. E, como nos dirá José Corte Real, em artigo publicado na revista *Rumo*, quando da homenagem à memória do poeta, em 1949:

*E daí a luta contra um meio que considera hostil, uma sociedade que afirma decadente, uma vida que diz inútil. Daí o horror perante a Realidade, a luta perante a Sociedade, o Tédio perante a vida.* <sup>66</sup>

Manuel Laranjeira transforma-se numa alma fechada em si mesma, *sem coragem para sair de dentro de si mesmo*<sup>67</sup>. Sofre num silêncio pessoal, em conversas sem interlocutores, *como único ouvinte das suas próprias queixas, único médico das suas próprias dores, único crítico dos seus defeitos ou qualidades*<sup>68</sup>.

*Eu sou um homem para quem só existe um livro de leitura proveitosa e é o livro que eu leio dentro de mim mesmo. Há dias, porém, em que a leitura desse livro me causa infinitas torturas: são os dias em que eu tenho medo de me debruçar sobre mim mesmo, como se a minha alma fosse um abismo cheio de enigmas pavorosos - que eu não posso*

*decifrar*<sup>69</sup>.

O resultado desta complexa personalidade é obtido através da criação de uma filosofia muito própria e de uma ideia do mundo que se divorcia da realidade do momento. Pelo que as contradições surgidas entre essa realidade e as linhas condutoras dos seus pensamentos provocam fricções e consequentes comportamentos irónicos, sarcásticos e cínicos, por tudo aquilo e por todos aqueles que não compreendem ou respeitam a sua verdade.

*... eu, amigo, sou muito orgulhoso e sobretudo muito orgulhoso dos meus sofrimentos: tão orgulhoso, que sou o primeiro a não ter pena de mim mesmo. A cada desilusão, a cada dor, eu respondo com riso - amargo, mas riso.  
(... O sofrimento tem para mim um encanto sugestivo, um sabor especial, esquisito como o de certos tóxicos: produz-me um prazer de me sentir superior à própria dor*<sup>70</sup>.

Por isso mesmo, as manifestações do seu idealismo, com o andar dos tempos, passam a ser transmitidas a um grupo de eleitos cada vez mais reduzido. A esses, Manuel Laranjeira deixará que o vejam no íntimo do seu ser, comunicando-lhes os seus pensamentos de esperança ou temor - meras justificações e exposições de juízos de actos, desejos e crenças.

Tudo situações idealizadas em constantes mutações de estado de espírito, mas que representam, de facto momentos muito próprios e personalizados, quer no que se discute, quer com quem se discute.

O Poeta necessita de falar e de se ouvir. Isso representa, para si, o acto sublime de viver; ou melhor, a negação da sua atitude negativa de viver:

*Passo o dia no Porto, conversando, discutindo, vivendo - curando-me.*<sup>71</sup>

Ou então,

*Eu sou um homem que só conversa com plena expansibilidade com meia dúzia de amigos...*

*(... Conversar com os amigos (...)) dá-me a fortificante ilusão - de que ainda não é inútil viver.*<sup>72</sup>

No entanto, as tertúlias no Chinês ou no Peninsular, as conversas em passeios de praia ou de avenida, os encontros acalorados nas redacções dos jornais do Porto vão-se transformando em monólogos, amarguradamente reconhecidos:

Em carta a Manuel Luís de Almeida, quando escreve,...

*os amigos que me restam vão me rareando de tal modo, que eu me verei só em face da vida, isolado de afectos*<sup>73</sup>.

Para si próprio, em registo de Diário, quando lamenta,

*Unamuno partiu e o dia tem para mim um aborrecimento infinito. Esgoto as horas a fitar e a fitar-me. Unamuno faz-me falta*<sup>74</sup>.

Ou, novamente em carta, agora a António Carneiro, quando observa,

*Conversar comigo só, cansa-me. A solidão pesa-me e até um certo ponto esteriliza-me*<sup>75</sup>.

Ou ainda, e também por carta, a Amadeo de Souza Cardoso, quando recorda,

*Espinho desolado.(...) Espinho está atolhado de forasteiros como nunca e eu sinto-me só como nunca. Falta-me você, amigo: faltam-me aquelas horas em que ambos, abancados a uma mesa, conversávamos silenciosamente sobre coisas que nos interessavam só a nós*<sup>76</sup>.

Mas, a frequente sensação de se ser um estranho e, em cúmulo, um inimigo do meio humano que o envolve, encaminha-o para uma incomunicabilidade algo sentimental, que por ultrapassar a época e os próprios homens, conduzem-no a um estado de solidão, a um fechar as portas a todos e a tudo aquilo que não acompanha e apoia o seu pensar:

*Sinto-me mais forte, mais só e mais forte. Na alma alvoreja-me uma esperança de que poderia um dia libertar-me de todos os homens e ficar só comigo*<sup>77</sup>.

\*

Sou só, só!<sup>78</sup>

Amadeo, Unamuno, Luís Manuel de Almeida, António Patrício, Ramiro Mourão, Martinez Sierra,

António Carneiro, João de Deus Ramos, entre outros, farão parte desse grupo reduzido de amigos a quem o poeta se dará a descobrir<sup>79</sup>, conforme referenciámos atrás. Contudo, essas mesmas revelações são, por si, limitativas, provocando algumas vezes e, essencialmente, naqueles que são menos considerados pelo coração e pelo espírito, impressões erradas de estarem em presença de um homem rígido, céptico, frio e avaro de sentimentos.

O poeta, no medo permanente de se sentir observado, na sua fragilidade<sup>80</sup>, questiona todos quantos o rodeiam e tudo aquilo que o envolve, não deixando, no entanto, de reconhecer esta mesma situação:

*O meu grande mal, amigo, é este apenas - estar eu perdendo a fé em tudo e em todos.  
É uma espécie de esgotamento sentimental. O mundo, se lhe tirassem meia dúzia de criaturas que eu ainda amo, seria hoje para mim uma coisa infinitamente vazia<sup>81</sup>.*

Porém, e apesar de existir este pânico consciente que a vontade de ser solitário venha a prevalecer sobre o desejo de encontrar interlocutor; com quem se troca referências e afectos, a leitura minuciosa da amizade - própria de um desconfiado da vida-, como valor pessoal, é frequentemente colocada perante uma interrogação<sup>82</sup>, conforme os intervenientes vão entrando ou saindo do seu círculo «familiar» de considerações, reduzindo-se este grupo a um número deveras insignificante, quanto a nomeados pelo seu coração e pelo seu espírito, de seres espiritualmente diferentes e até superiores<sup>83</sup>.

*Os amigos... Quem são os amigos? Uns sujeitos que às vezes se lembram de sentir por nós, de pensar por nós, de ser virtuosos por nós, de ser práticos por nós e até de duvidar de nós. Mas eu não conheço nada pior do que um amigo! Mas ninguém deve dar a outrém o direito de ser nosso amigo. Dar a alguém o direito de ser nosso amigo é permitir-lhe que nos perturbe o espírito, que nos enxovalhe o espírito, os pensamentos, os sentimentos, as intenções, as palavras.... Amigos meus - só eu. Conceder que os outros o sejam é abdicar estupidamente de mim. Para estar tranquilo, em paz connosco, não há como sentir na consciência o direito indestrutível - de mandar os amigos à merda<sup>84</sup>.  
Ou então,*

*Tive hoje mais uma vez ocasião de constatar que mais do que contra os inimigos é preciso estar-se prevenido contra os amigos. A amizade o amor, é uma forma de egoísmo. O homem nunca é amigo de outrém senão pelas vantagens que lhe advém dessa amizade.*

*É por isso que a amizade que os outros me professam me está sendo insuportável.<sup>85</sup>*

Manuel Laranjeira, com pouco mais de trinta anos, sente-se *arrefecido* da sua mocidade, num *lento morrer a vida* em sombras perdidas de um passado recente de vésperas de São João, onde tinha existido comoção e amor. Agora, o estado de espírito lamacento delonga-se em paralisias exteriores, em que a vontade, a inquietude e a irreverência perante a vida, simplesmente se transformam em tédio e falência.

*(...é cansaço e cansaço moral da pior espécie. Cada vez que me lembro que tenho de escrever, sinto um desespero exaustivo que me deixa vencido por alguns dias.*

*(... Isto há-de acabar mal decididamente, porque, de dia para dia, me sinto mais derrotado, mais inútil...*

*(...) - cada vez me sinto pior:*

*(...) olho para tudo sem amor nem indignação o que é um péssimo sintoma<sup>86</sup>.*

Tormentos de uma *criatura que dolorosamente se estorce dentro de si mesma<sup>8788</sup>* e que por estar em perpétua análise solitária sobre o *uso que se faz dessa vida*, acaba por não conseguir vencer as barreiras interiores e exteriores que o incapacitam na sua realização como homem, obtendo apenas a solidão como resultado final da leitura subsequente da sua vida e da sua alma.

Manuel Laranjeira, independentemente de estar doente, encaminha-se para ingressar no trágico cortejo dos desesperados e perdidos, ao aceitar o desfalecimento derrotista de um homem descrente e perdido num tempo que ele próprio questiona se será o seu<sup>89</sup>.

*Eu sou um filho deste século, deste século de tristeza, de ansiedades impossíveis de satisfazer, - de tédio em suma<sup>90</sup>.*

Ao levantarem-se as dúvidas, em constantes atmosferas pardacentas de tédio e tristeza, que lhe criam a ansiedade suicida pelo esquecimento e repouso, o poeta só encontra nojo pelo mundo e pela vida. Vida essa que é igual, parda e ordinária no dia a dia e que imbecilmente o gasta sem lhe poder dar o consolo de saber viver a vida<sup>91</sup>.

Nove anos antes, numa carta a Manuel Luís de Almeida, terá dito que o homem mais sozinho é o suicida, e que o suicídio é o acto de maior vontade. Assim, a 22 de Fevereiro de 1912, pelas 23 horas, Manuel Laranjeira confirmará o seu último desencanto dizendo:

*Fico por aqui.*

*Adeus, meu querido amigo, até... não sei quando<sup>92</sup>.*

## NOTAS

1 - Ramalho Ortigão - *As Praias Portuguesas* p. 89

2 - Manuel Laranjeira - *Cartas* p.55

3 - Ramalho Ortigão - *As Farpas* (Tomo I) p.272

4 - ... desde 1890, as águas do Atlântico avançaram cerca de 500 metros sobre o casario da vila-praia, engolindo aos poucos algumas ruas e quarteirões. Quando a linha férrea foi construída, a estação distava da praia cerca de um quilómetro.

*Guia de Portugal: Entre Douro e Minho. I Douro Litoral* p.76

5 - Raúl Brandão - *Os Pescadores* p. 60

6 - Mário Cláudio - *Guilhermina* p. 25

7 - Ramalho Ortigão - *Ob. Cit.* p.92

8 - Espinho, numa total indisciplina urbanística na implantação dos Palheiros (Primitivas habitações da colónia piscatória), foi a partir da construção da linha de caminho-de-ferro, por volta de 1840, que viu o seu desenvolvimento acentuar-se, agora, de uma forma mais ordenada e com uma estrutura geométrica quadricular e plana.

Contudo, a Sessão camarária de 5 de Janeiro de 1911 deliberou que a toponímica das ruas e avenidas, que

correm de norte a sul passassem a ser denominadas por números ímpares e as que correm de nascente para poente, de números pares.

**Vêr Apêndice Documental:**

1 - *Mapas da Vila de Espinho*;

2 - *Anuário Comercial de Portugal, 1912* (2º Vol) pp1937 - 1940

9 - Ramalho Ortigão **Ob Cit** p.269

10 - Ramalho Ortigão **Ob. Cit.** p. 269

11 - Ramalho Ortigão **Ob. Cit.** p. 269

12 - Ramalho Ortigão **Ob. Cit.** pp. 269-271

13 - Espinho conseguiu a sua municipalidade em 1899 (Carta de Lei de 17 de Agosto de 1899, que cria o Concelho de Espinho e, por Decreto de 7 de Setembro, publicado no Diário do Governo nº206, de 13 do mesmo mês, foi nomeada a primeira Comissão Municipal do Concelho de Espinho)

**Ver Apêndice Documental:**

1 - *Diários do Governo*

14 - **Ver Apêndice Documental:**

1 - *Ilustração Portuguesa*

15 - *El Banero* - Espinho. Ano I, nº1.16 de Outubro de 1910 p.2

16 - Mário Cláudio **Amadeo** p.31

17 - Termo característico que identificava os veraneantes, enquanto que *vilões* queria referir-se aos habitantes dos arredores de Espinho. (segundo: Álvaro Pereira. *Monografia de Espinho* p.17)

18 - Manuel Laranjeira. **Ob Cit.** p. 75

19 - Manuel Laranjeira. **Ob Cit.** p. 55

(Um dos raros escritos de Manuel Laranjeira onde manifesta alguma reconciliação com Espinho)

20 - (...) sinto-me deslocado do meu tempo... Talvez por ser do meu tempo. Mas tenho a impressão de que devia ter nascido há dois séculos ou daqui por dois séculos...

Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p.58

21 - Manuel Laranjeira. **Ob Cit** (Introdução de Alberto Serpa) pp. 12-13

22 - Manuel Laranjeira . *Carta a Manuel Luís de Almeida*. Boletim Cultural de Espinho. Vol. VI, nº21,

1984,. p. 38

**23** - A impressão que a futilíssima vida lisboeta lhe está causando a você é a impressão que ela causa a todos aqueles que com um pouco de saúde para lá foram empurrados. Certo: Lisboa é boa para conselheiros, pelintras - e para todos os outros mariolas.(...)

Lisboa é um símbolo, o resumo da torpeza nacional: aos que não corrompe, enjoa-os.

Manuel Laranjeira. *Cartas* pp. 64-65.

\*

Você a curtir o nojo no meio dessa Lisboa encardida da sujidade moral e mediocridade mental!

Bernard Martocq. *Manuel Laranjeira et son Temps*, 1877-1912 p. 667

\*

Ainda não pude ir ao Porto (tanta a tanta é a minha preguiça e sobretudo o meu infinito horror áquele ar imundíssimo da cidade!

Manuel Laranjeira. *Ob Cit.* p. 144

\*

Eu tenho horror ao Porto.

Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p. 134

**24** - Vivo minguido de notícias suas e até de outros. (...) Isto dá-me a impressão de um abandono extremo, dum como que exílio voluntário. E nada me estimula a aproveitar estes tempos de isolamento. Nem a vida física luta com este estado de apatia em que vivo. E sabe você como eu encaro isto, este meu segredo? Como uma iniciação para os grandes actos da vida, uma espécie de estada-no-deserto à semelhança dos profetas bíblicos, para voltar mais vigoroso, mais livre, mais desprendido à luta, à multidão.

Bernard Martocq. *Ob. Cit.* p.655

**25** - Nem todos os mortos esquecem depressa. Há muitos que vivem demais na memória dos vivos e não merecem tal culto. Manuel Laranjeira, que o mereceria tanto, é hoje só lembrado por alguns amigos fiéis. Isolado em vida, desprezando honras e proveitos, isolado ficou na morte. Quando os jornais publicam os nomes dos republicanos mortos depois da proclamação da República, o seu nome raramente aparece, ou não aparece nunca. E não aparece nunca também, nas evocações mais ou menos habituais agora, dos grandes escritores desaparecidos, dos grandes espíritos orientadores da sua geração, hoje caminhando para a morte.

Manuel Laranjeira, homem rebelde e livre, está ainda pagando as consequências da sua atitude, do seu desprezo pelas formulas feitas, da sua falta de respeito pelas consagrações indevidas.

João de Barros. *Manuel Laranjeira, Presenças Eternas*, Lisboa, Sá da Costa, 1943, p. 95

26 - O mal da Sociedade Portuguesa é apenas este - a desagregação da personalidade colectiva.

Manuel Laranjeira. *Pessimismo Nacional* p. 25

27 - Sinto uma grande fadiga moral, um piedoso cansaço, de piedade feita de desprezo, por tudo, pelas coisas e sobretudo pelos homens.

Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p. 144

28 - Manuel Laranjeira. *Cartas* p. 64

29 - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p. 638

30 - Manuel Laranjeira *Ob. Cit.* p. 100

31 - Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p.93

32 - Manuel Laranjeira - *Cartas* p.38

33 - Manuel Laranjeira. *Carta a Manuel Luís de Almeida*. Boletim Cultural de Espinho Vol. VI, nº21 1984 p. 38

34 - Manuel Laranjeira. *Cartas* p. 64

35 - Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p. 35

36 - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p.76

37 - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p.73

38 - Bernard Martocq. *Ob Cit.* p.668

39 - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p. 143

40 - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* pp. 143.144

41 - Bernard Martocq. *Ob. Cit.* p. 660

42 - Manuel Laranjeira. *Cartas* p. 145

43 - Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p. 61

44 - A sua notícia da ida para Paris veio criar em mim uma coragem como há muito tempo a não sinto. É decisivo: irei consigo, se me não faltar a questão monetária.

Manuel Laranjeira. *Cartas* p. 85

45 - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p.67

46 - Manuel Laranjeira. *Ob Cit.* p.119

47- Bernard Martocq. *Ob.Cit.* p.658

48 - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p.88

49 - Uma tristeza infinita invade o meu espírito, ao lembrar-me que na vida existe alguém a quem a minha vida é necessária, de quem sou o sustentáculo afectivo. E sinto a minha acção encarcerada, e a minha fadiga moral é cada vez maior, mais pesada e mais sombria. Engaiolado e com ânsia de libertar-me e voar... - com as asas molhadas ninguém pode voar.

Esforços para desmarrar-se da Terra? Não posso já. É o cansaço já. É a fadiga moral dos vencidos.  
Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo*. pp. 102-103

\*

A minha mocidade é isto já agora - servir de estaca à velhice de minha mãe. A pobre velha, que tem duas religiões, a de Deus e a minha, que é fanática pelo Senhor e por mim, não me pode ouvir dizer que devia ir agora para Paris. Para ela a minha ida para Paris equivale à ida da minha alma para o inferno. (...)

Apesar de tudo, eu iria sem hesitar, se não fosse a minha mãe a demonstrar-me com a sua velhice que eu devo permanecer aqui por enquanto. Se ela morresse amanhã, daí por quinze dias estaria eu consigo a ver - a vida que passa torrencialmente.

Manuel Laranjeira. *Cartas* p. 95

50 - No mundo não basta descobrir verdades: é preciso sobretudo semeá-las pelo espírito e pelo coração dos homens. Esta nobre missão de semear pertencia antigamente aos apóstolos, aos poetas sagrados, às religiões: hoje pertence aos artistas, aos apóstolos, aos poetas sagrados, às religiões: hoje pertence aos artistas, aos apóstolos da emoção.

Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p. 133

\*

Há pensamentos, há ideias, há sensações que nós reconhecemos, na mesma hora em que as temos, que não nos pertencem, mas pertencem aos outros homens. Há frutos da nossa alma, que, como o fruto das árvores, não pertencem a quem produz, mas sim a quem os colhe. O meu espírito frutifica amanhã uma verdade? Essa verdade não me pertence a mim, pertence aos homens.

Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* pp. 63-64

51 - Manuel Laranjeira . *Diário Íntimo* p. 131

52 - Manuel Laranjeira. *Cartas* p.98

53 - Saio para a rua, onde se festeja funebremente a aclamação do rei, sob a claridade parda e abafadiça da tarde. Tudo cheira a mortes e a crepes velhos e sujos... Coada através de um céu sujo e triste, a própria luz do sol é suja. Tudo gris, imundamente gris! O céu gris, a terra parda! a atmosfera parda! o povo, na sua profética inconsciência, chama a isto - as exéquias do novo rei.

Na verdade, tudo isto cheira a exéquias!

Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p.33

54 - Manuel Laranjeira. *Cartas pp.* 129.130

55 - Manuel Laranjeira. *Ob Cit.* 74

56 - Bernard Martocq. *Ob. Cit.* p.669

57 - Exercer a caridade, ou proclamá-la como um sentimento útil e bom, é corromper a noção e o sentimento de justiça - que diz que o primeiro e indestrutível direito do Homem é o direito à vida. Falar de caridade, onde só existe o sagrado direito de viver, é uma imoralíssima hipocrisia para justificar a iniquidade social.

A justiça não é calar a miséria: é não a fazer. A caridade, calando a boca da miséria, abafa pela corrupção a voz de um direito. Dar esmola seria pagar ao Homem um pouco do muito a que ele tem direito e de que o espoliaram. Dar-lhe, porém, a título de benefício, é pretender, cinicamente ou inconscientemente, comprar todo o direito à vida por uma migalha de fome.

Manuel Laranjeira. *Prosas Perdidas* p..238-239

58 - Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* pp. 122-123

59 - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p.37

60 - Manuel Laranjeira. *Cartas* p. 129

61 - Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p. 49

62 - Carta de Miguel de Unamuno lida, por Ramiro Mourão, junto à campa de Manuel Laranjeira, quando do cortejo de homenagem efectuado ao Cemitério de Espinho.

*Gazeta de Espinho*. Ano 12º, nº538. 31 de Março de 1911. 1ª Página.

63 - Até que enfim posso escrever-lhe!



Durante a semana passada (estava impossibilitado) de o fazer - a mais pavorosa crise de depressão moral da minha vida. Foi um verdadeiro ataque de loucura da dúvida. Sabe o que é a loucura da dúvida, meu amigo? É uma crise delirante de loucura lúcida (...) durante a qual o nosso espírito sofre a vertigem redentora da altura, da queda de tal altura.

Bernard Martocq. *Ob. Cit.* p. 650

**64** - Creio mesmo que este defeito de encarar a vida como uma obra de arte é a origem de todo o nosso azedume, porque a vida não é perfeita como uma obra de arte, como uma obra de arte ideal, pelo menos. E é por isso que a obra de arte nos sai defeituosa e triste como a vida, porque é um reflexo justo do que somos.

Manuel Laranjeira. *Cartas* p.84

\*

Porque hei-de eu querer que a vida seja uma obra de arte composta à minha fantasia e não uma comédia cruel e dolorosa?

Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p.31

**65** - Manuel Laranjeira. *Cartas* p.61

**66** - José Corte-Real. *Manuel Laranjeira.*

Rum. Boletim da Associação Académica de Espinho. Ano 2º, nº24. 30 de Junho de 1949. 1ª página

**67** - Bernard Martocq. *Ob. Cit.* p. 661

**68** - José Corte-Real. *Ob. Cit.*

**69** - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p.116

**70** - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p.68

**71** - Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p.149

**72** - Manuel Laranjeira. *Cartas* p.94

**73** - Bernard Martocq. *Ob. Cit.* p.655

**74** - Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p.87

**75** - Manuel Laranjeira. *Cartas* p.139

**76** - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p.98

**77** - Manuel Laranjeira. *Diário Íntimo* p.66

**78** - Manuel Laranjeira. *Ob. Cit.* p.140

79 - *Mas já tenho falado de mim mais do que preciso e não lhe tenho contado senão coisas que você já sabe demasiado.*

Manuel Laranjeira. **Cartas** p.95

80 - *Eu sou um homem que goza muito em ser espectador de si mesmo, e que se arrepia com a ideia de que os outros o vejam.*

Manuel Laranjeira. **Ob. Cit.** p.63

81 - Manuel Laranjeira. **Ob. Cit.** p.124

82 - *Antes de deitar-me, rasgo cartas de amigos que já o não são...E sinto uma alegria selvagem, impiedosa, cruel, de quem se liberta definitivamente de sentimentalidades inúteis...*

Manuel Laranjeira. **Diário Íntimo** p.66

83 - *A ideias que lhe vivem na alma ou lhe transformam o pensamento, só podem ser compreendidas por um grupo restricto de eleitos, de homens extraordinários que, com ele, ultrapassam a época ou os homens. Só esse grupo de eleitos está apto para assimilar as suas ideias e os seus pensamentos; só a eles mostrará a alma despida, sem artifícios, humana e sofredora. Os outros, os não eleitos suporta-os quando os não despreza.*

José Corte-Real. **Ob. Cit.**

84 - Manuel Laranjeira. **Diário Íntimo** pp. 115-116

85 - Manuel Laranjeira. **Ob. Cit.** p.36

86 - Manuel Laranjeira. **Cartas** p.103

87 - *Diz-me V. que, quando vê o meu retrato, tem a impressão de estar vendo “uma criatura que dolorosamente se estorce dentro de si mesma”. Assim é na verdade e nem ., imagina quanto. Mas esse lado, que eu chamaria o lado trágico de mim mesmo (...) é a expressão real e vivida de quanto em mim há de dramático e escondido...*

Manuel Laranjeira. **Ob. Cit.** p.81

88 - *Sou uma natureza violenta, silenciosamente violenta. (...) Vi-me como sou: com os defeitos e com as minhas qualidades: vi-me com aquela sofreguidão do homem que, antes de tudo, quer saber como é feito o próprio ser. Mas digo, querido amigo, essa autodissecação é bem dolorosa, é atroz. E tanto mais dolorosa e atroz quanto é certo que nunca (ou quase nunca) a serenidade da consciência se me embacia, de modo que sou forçado a assistir com uma glacial curiosidade ao doloroso espectáculo de mim mesmo. Este desdobramento do meu ser em ser que examina e disseca e noutro ser que é simultâneamente examinado e dissecado, este debruçar-me*

*sobre a própria alma, se é uma qualidade preciosa que me dá o justo conhecimento de mim mesmo em face do destino, da vida, dos homens e das coisas, também é, por certo, uma bem desgraçada qualidade que me não deixa esquecer-me de mim mesmo e desta minha incorrigível ansiedade idealista.*

Manuel Laranjeira. **Ob. Cit.** pp. 117-118

**89** - *...Sinto-me deslocado do meu tempo. Mas tenho a impressão de que devia ter nascido há dois séculos ou daqui por dois séculos.*

Manuel Laranjeira. **Diário Íntimo** p.58

(citação já referenciada na nota nº 15)

**90** - Manuel Laranjeira. **Cartas** p.72

**91** - *A vida hoje foi para mim, como em tantos outros dias, igual, parda, ordinária... Nestas horas assim gris, sinto a sensação penosa de que a vida se me está gastando, esgotando, imbecilmente... - sem eu a viver. E sinto esta ideia de pesar que hei-de morrer sem ter sabido viver a vida... Afinal o mal da nossa vida é não saber vivê-la... ou não poder.*

Manuel Laranjeira. **Diário Íntimo** pp.138-139

**92** - Manuel Laranjeira. **Cartas** p.165

Carta escrita a Miguel Unamuno sete dias antes de falecer.

### **AGRADECIMENTO**

*Qualquer observação condizente com as dívidas contraídas na elaboração deste estudo teriam, necessariamente, que incluir os títulos da maior parte das obras e trabalhos que consultámos, para além da identificação de todos os colegas e amigos com quem trocámos impressões e recebemos ideias, factos e correcções.*

*Apraz-nos, no entanto, de maneira muito especial mencionar a forma simpática e prestável com que fomos recebidos e satisfeitos nos nossos pedidos, pelos espinhenses, Dr. António Teixeira Lopes, Dr. Francisco Azevedo Brandão, Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz Fernandes, Dr. António Regedor, Dr. Jorge Salvador, Sr. Abel Teixeira, pelo vergadense Sr. Orlando Silva e, particularmente, pela Câmara Municipal de Espinho pelo apoio e oportunidade criada no processo de investigação e de apresentação pública da primeira parte deste trabalho.*



## Comemorações

### Dia 14

Teatro para crianças "Perfumpim Cria Mundos"  
16.00 Horas - Salão Paroquial - Espinho

### Dia 15

Actuação da Banda de Música do Exército  
21.30 Horas - Salão Nobre do Casino Solverde

### Dia 16

II Concurso de Mantras - Espinho'92  
De 16 a 30 de Junho

Finais dos Torneios Inter-Escolas de Ensino Básico de Futebol de 7  
9.30 Horas - Campo de Casufas

Jogo de Futebol de Salão entre as equipas do CSCD da C.M.E. e da PSP de Espinho  
10.00 Horas - Pavilhão A.A.E. - Arq.º Jerónimo Res

Hastear da Bandeira

Alocação do Exmo. Sr. Presidente da C.M.E.

11.00 Horas - Paços do Município

Inauguração da escultura - Homenagem ao Dr. Manuel Laranjeira

12.00 Horas - Praça Dr. Manuel Laranjeira (ao lado da Escola Sec. Dr. Manuel Laranjeira)

Abertura da Exposição "A Cerâmica na Arquitectura de Espinho"

17.00 - Horas Ángula das ruas 19/20 - de 16 a 30 de Junho

### Dia 21

Concurso de Pesca Desportiva de Mar - Organização do Grupo de Ciclismo de Espinho

### De 22 a 24

Oficinas de Expressão Plástica para crianças orientadas pelos A.T.L.L.S. do concelho Salão Nobre da Piscina

## Dia da Cidade

16 de Junho 1992

Câmara Municipal de Espinho

16 de Junho de 1992

Dia da Cidade

Inauguração do busto de Manuel Laranjeira, na Praça com o seu nome. Da autoria do escultor Manuel Dias.

## NOTA DA REDACÇÃO

**N**o dia 29 de Maio de 1993, em sessão solene realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal de Espinho, realizou-se a cerimónia de Encerramento das Comemorações do 80º Aniversário da Morte de Manuel Laranjeira.

Perante uma assistência atenta, que enchia por completo o Salão, procedeu-se à apresentação dos dois volumes com as Obras completas de Manuel Laranjeira (edição da ASA, colecção de Autores Portugueses), à entrega dos prémios do Concurso Literário.

Após a intervenção da vereadora Elsa Tavares (ver adiante) Seabra Pereira proferiu uma brilhante palestra, de cujo conteúdo não nos chegou testemunho em tempo útil, pelo que não foi, de todo, possível, integrá-lo nesta publicação. Com grande mágoa, fica esta pequena lacuna em aberto, esgotadas que foram todas as tentativas de a obviar.

## *Intervenção da Vereadora Elsa Tavares, na cerimónia de Encerramento das Comemorações*

«**A** vida antiga tinha raízes, talvez a vida futura as venha a ter. A nossa época é horrível, porque já não cremos - e não cremos ainda. O passado desapareceu, do futuro nem alicerces existem”.

Raul Brandão define assim com uma clareza angustiante e dolorosa a situação política, económica e social de Portugal na viragem do séc. XIX.

Quase todos os pensadores e artistas dessa época reflectem na sua obra esta mesma angústia, esta mesma descrença na vida, na ciência e no progresso.

Antero de Quental, Camilo Castelo Branco, Raul Brandão, Soares dos Reis, entre tantos outros, definem-se como figuras trágicas do desespero que alastra por todo o País. A angústia e a revolta, o desespero e a necessidade de mudança andam como nunca de mãos dadas.

Em Espinho e neste contexto a figura de Manuel Laranjeira tem um significado muito particular.

Médico e escritor marcante dos finais do séc. XIX, pensador destacado da corrente vulgarmente conhecida por “Pessimismo Nacional”, Laranjeira escolheu Espinho como palco privilegiado para o teatro dos seus sentimentos: os tédios, as paixões e os desencantos, a lucidez amarga, o empenhamento ideológico. Foi em Espinho que Laranjeira praticou a amizade com Amadeo de Souza Cardoso e Unamuno e, a partir de Espinho que lançou o seu olhar sobre a sociedade portuguesa.

Mas também, foi em Espinho que consolidou os ideais republicanos, tendo exercido o cargo de Presidente da Comissão Municipal Administrativa, em 1911, pouco após a implantação da República, de que era convicto defensor.

“A República fez-se para reconstruir a nacionalidade em bases justas e progressivas e não para satisfazer as ambiçõeszinhas e ódios pequeninos de ninguém”.

E mais adiante.

“Não há aí dentro do partido republicano quem possa pretender tornar-se dono de Espinho, porque isso seria insurgir-se contra os princípios e porque o ideal é que Espinho seja inteiramente dono de si mesmo”.

Figura indissociável do Pessimismo Nacional Manuel Laranjeira assume-se também um cidadão interveniente, como reflecte este excerto duma carta dirigida a António Carneiro:

“Afinal, amigo, eu também nasci místico; e, quando se nasce místico, o remédio é satisfazer a sede do ideal.

Nos místicos da vida, o ideal chama-se virtudes; nos místicos da arte chama-se beleza. Virtude e beleza, na essência são a mesma coisa.

Sim, meu amigo, é preciso trabalhar, trabalhar, trabalhar, incansavelmente, obsessivamente”.

Espinho tem, por conseguinte, em Manuel Laranjeira uma referência marcante da sua memória e do seu temperamento emotivo.

Ele será um dos traços mais fortes da nossa memória, que urge preservar nos percursos do futuro.

Acolhendo a iniciativa sugerida pela Assembleia Municipal, e sempre em sintonia com os vogais indigitados por esta para integrarem a comissão executiva das comemorações do 80º aniversário da morte de Manuel Laranjeira, o pelouro da Cultura da C.M.E levou a cabo um programa diversificado, procurando atingir vectores culturais significativos e diferentes sensibilidades da Comunidade.

Assim, a C.M.E. patrocinou as edições da “Fotobiografia de Manuel Laranjeira” de autoria de Orlando da Silva e “As Obras Completas”, agora editadas pela ASA.

- Procedeu à edição de exemplares “fac-similados” do jornal “Gazeta de Espinho”.

- Em colaboração com a “Fosforeira Portuguesa”, a edição de uma colecção de carteiras de fósforos.

Outras iniciativas:

- Edificação de um busto de Manuel Laranjeira, da autoria do escultor espinhense Manuel Dias, na praca que perpetua o seu nome.

- Realização de uma exposição bibliográfica e outra de fotografia, subordinada ao tema “Espinho no tempo de Manuel Laranjeira”.

- Realização de diversas conferências a cargo de categorizados estudiosos da obra de Laranjeira.

- Lançamento de um concurso literário, a nível nacional, nas modalidades de Conto e de Poesia e edição complementar de uma colectânea de trabalhos considerados pelos júris, como merecedores de divulgação.

- Edição (em fase preparatória) de uma publicação com textos das conferências e outros elementos de comemorações.

- Realização de um sarau cultural evocativo da figura de Manuel Laranjeira.

Todas as iniciativas contribuíram para a animação cultural da cidade e para a divulgação da Vida e Obra de Laranjeira, aproximando-o mais do nosso quotidiano e das novas gerações.

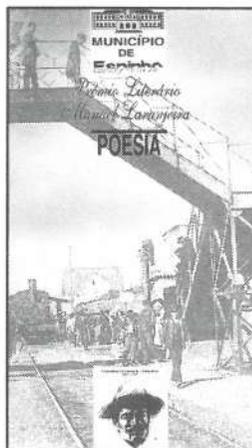
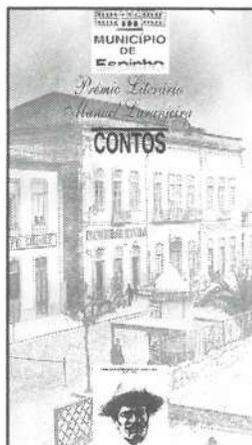
A intemporalidade do seu pensamento terá extravasado os limites do mundo literário e filosófico, abrindo-se a um contacto mais estreito com a sociedade espinhense de hoje. A certeza de ter contribuído para essa aproximação entre Laranjeira e Espinho, quando se caminha em largos passos para um novo século, é um factor de satisfação e um desafio permanente para os Órgãos Autárquicos do Município, cientes da responsabilidade que detêm como agentes de divulgação e preservação dos valores culturais e da dignidade humana.



*OBRAS COMPLETAS DE  
MANUEL LARANJEIRA  
(Vols. I e II)  
Colecção: Autores Portugueses  
Editora: ASA*



*O lançamento público destas três publicações realizou-se na sessão solene comemorativa do dia da cidade, em 16 de Junho de 1994, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Espinho.*



PRÉMIO LITERÁRIO  
MANUEL LARANJEIRA  
Volume: Conto  
Volume: Poesia  
Edição: Município de Espinho



REVISTA DAS ACTIVIDADES DO PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES DO 80º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE MANUEL LARANJEIRA  
Edição: Município de Espinho





UNIAO Fotografica

UNIAO